

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Marisa Gomes Cunha Martins

ESQUIZOFRÊNICO NA POSIÇÃO DE OBJETO DE GOZO DO OUTRO?

Belo Horizonte
2013

Marisa Gomes Cunha Martins

ESQUIZOFRÊNICO NA POSIÇÃO DE OBJETO DE GOZO DO OUTRO?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilka Franco Ferrari

Belo Horizonte
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M386e Martins, Marisa Gomes Cunha
Esquizofrênico na posição de objeto de gozo do outro? / Marisa Gomes Cunha
Martins. Belo Horizonte, 2013.
105f.: il.

Orientadora: Ilka Franco Ferrari
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Esquizofrenia. 2. Transtornos psicóticos. 3. Outro (Filosofia). 4.
Psicanálise. I. Ferrari, Ilka Franco. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 616.895.8

Marisa Gomes Cunha Martins

ESQUIZOFRÊNICO NA POSIÇÃO DE OBJETO DE GOZO DO OUTRO?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Ilka Franco Ferrari (orientadora) – PUC Minas

Nádia Laguárdia de Lima – UFMG

Cristina Moreira Marcos – PUC MINAS

Belo Horizonte, 29 de outubro de 2013

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido pela paciência, incentivo, pela força e carinho.

Aos meus filhos, minha nora e genro pelo carinho e incentivo, e às minhas netinhas, fonte de inspiração e renovação.

Aos meus irmãos, irmãs, cunhadas, cunhados, sobrinhos e sobrinhas, que sempre perguntaram com interesse pelo meu trabalho me incentivando.

À Dra. Ilka Franco Ferrari, pela leitura sempre atenta, pelo rigor e aposta em meu trabalho.

Aos professores Dra. Nádia Laguárdia e Dr. Sérgio Laia, pela leitura e sábias indicações que contribuíram para o enriquecimento desta dissertação.

Ao Marcelo e Cláudia da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela disponibilidade e boa vontade para resolver as questões burocráticas.

À Labibe e Ana Maria pela boa vontade em me ouvir e ajudar na medida do possível, e a todos os demais membros do GREP – Ensino e transmissão em Psicanálise.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu alcançasse esta meta.

Você tem que estar preparado para se queimar em sua própria chama:
como se renovar sem primeiro se tornar cinzas?

– *Assim falou Zaratustra*

RESUMO

Esta dissertação teve como problema a preocupação em saber se a afirmação de que o psicótico como objeto de gozo do Outro também pode ser usada para o esquizofrênico, ou se ela se aplica somente à paranoia. Considerou-se que o estudo se justifica pelo importante esclarecimento que ele propõe, podendo ser útil aos interessados na clínica e na transmissão da psicanálise. O trabalho se desenvolve a partir de pesquisa bibliográfica nas obras de Freud e Lacan, na forma do que em metodologia clássica se chama pesquisa qualitativa, bem como em textos de autores contemporâneos que contribuem para o tema. O objetivo geral proposto foi o de pesquisar a constituição e o funcionamento do sujeito esquizofrênico. Os objetivos específicos percorreram a psicose, de modo que se permitisse chegar às particularidades do sujeito esquizofrênico considerando, também, a primeira e segunda clínica lacaniana. Nesse contexto, o estudo sobre o Outro, na teoria lacaniana, foi fundamental, pois sabe-se que ele sofreu alterações. Observou-se que o tema proposto, expresso no problema, é complexo porque há possibilidade de se afirmar que o esquizofrênico está na posição de objeto de gozo do Outro e também de se recusar tal afirmativa. Por um lado pode-se pensar o esquizofrênico na posição de objeto de gozo do Outro quando se diz que ele se contenta com um Outro prévio enquanto linguagem que o habita, invadindo-o, fazendo de seu corpo seu instrumento. Por outro lado, quando se diz que ele não se estrutura como sujeito do significante, e que sua alucinação é sem Outro, não se pode falar que ele se encontra na posição de objeto. Uma questão importante, nesse sentido, é pensar que, no esquizofrênico há um Outro subjetivado, ainda que de forma despedaçada, tornando possível dizer que o esquizofrênico se encontra como objeto de gozo do Outro. Mas, concluiu-se este estudo com uma articulação feita entre a fala, a língua e lalíngua, pensando o *sinthoma* como Outro do esquizofrênico, que vem em suplência ao Nome-do-Pai, enodar as instâncias RSI.

Palavras-chave: Esquizofrenia; psicose; Outro; psicanálise lacaniana; Freud.

RÉSUMÉ

Cette dissertation a eu comme enjeux le souci de savoir si l'affirmation selon laquelle le psychotique en tant qu'objet de jouissance de l'Autre peut également être utilisée pour le schizophrène, ou si elle ne s'applique qu'à la paranoïa. Il a été considéré que l'étude se justifie par la clarification importante qu'il propose, pouvant être utile pour ceux qui s'intéressent à la clinique et dans la transmission de la psychanalyse. Le travail évolue de la recherche bibliographique dans les œuvres de Freud et Lacan, sous la forme de ce qu'on appelle, en méthode classique, la recherche qualitative, ainsi que des textes d'auteurs contemporains qui contribuent à ce thème. L'objectif général proposé a été de rechercher la constitution et le fonctionnement du sujet schizophrène. Les objectifs spécifiques ont parcouru la psychose, ce qui a permis de saisir les particularités du sujet schizophrène, en considérant également la première et la deuxième clinique lacanienne. Dans ce contexte, l'étude de l'Autre, dans la théorie lacanienne, a été indispensable, car on sait qu'il a souffert des modifications. Il a été observé que le thème exprimé dans le problème est complexe. Cela est dû au fait qu'il y a la possibilité d'affirmer que le schizophrène est dans la position d'objet de jouissance de l'Autre, et aussi de refuser une telle déclaration. D'un côté, on peut penser le schizophrène dans la position d'objet de jouissance de l'Autre, quand on dit qu'il se satisfait d'un Autre préalable en tant que langage qui l'habite, qui l'envahi, utilisant son corps comme un instrument. D'un autre côté, quand on dit qu'il n'est pas structuré comme un sujet du signifiant, et que son hallucination est sans Autre, on ne peut pas dire qu'il se trouve dans la position d'objet. Une question importante à cet égard est de penser que chez le schizophrène il y a un Autre subjectivé, quoique brisé, ce qui permet de dire que le schizophrène se trouve en tant qu'objet de jouissance de l'Autre. Mais on conclut cette étude avec une articulation entre la parole, la langue et Lalangue, tout en pensant le symptôme en tant que Autre du schizophrène qui vient suppléer le Nom - du - Père, nouer les instances RSI.

Mots-clés: Schizophrénie; psychose; Autre; psychanalyse lacanienne; Freud.

LISTA DE ABREVIATURAS

- Φ – Faló;
- $(\$ \diamond D)$ – Demanda;
- $(\$ \diamond a)$ – Fórmula da fantasia
- A – Outro Todo, não-barrado;
- \bar{A} - Outro barrado, não-todo;
- a – Objeto a;
- d – Desejo;
- DM – Desejo da mãe;
- NP – Nome-do-Pai;
- R – Real;
- $\$$ - sujeito barrado ou sujeito do inconsciente;
- S – Simbólico;
- I - Imaginário
- S₁ – significante elementar; Significante mestre;
- S₂ – Segundo significante;
- S(\bar{A}) – Significante da falta no Outro;
- s(A) – significado do Outro ou sintoma.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PRIMEIRO CAPÍTULO: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO – PARTICULARIDADES DA ESQUIZOFRENIA	21
2.1 Freud: pontos de ancoragem sobre a esquizofrenia.....	22
2.1.1 Autoerotismo e narcisismo	23
2.2 Sujeito na esquizofrenia: “isso não fala dele”.....	28
2.3 Estádio do espelho: momento crucial	31
2.4 O esquema L	35
2.4.1 O esquema R	36
2.4.2 A metáfora paterna.....	39
2.4.3 O esquema I, representação da fase terminal do delírio de Schreber.....	42
2.4.4 A esquizofrenia e a não extração do objeto a.....	46
3 SEGUNDO CAPÍTULO: PONTOS CRUCIAIS ADVINDOS DO VAZIO NÃO SIMBOLIZADO NA ESQUIZOFRENIA	49
3.1 O grafo do desejo: na esquizofrenia o sujeito não acede ao desejo.....	49
3.2 O esquizofrênico e sua relação com o Outro.....	51
3.3 A não simbolização primordial na esquizofrenia: todo simbólico é real	56
3.4 A labilidade do significado: resultado da difração originária do ideal do eu	60
3.5 O fora do discurso na esquizofrenia	62
3.5.1 A relação do corpo com o gozo na esquizofrenia.....	64
3.5.2 A ironia do esquizofrênico	67
3.6 A alucinação esquizofrênica	68
4 TERCEIRO CAPÍTULO: A ESQUIZOFRENIA NA CLÍNICA DO REAL	75
4.1 O desenvolvimento da psicose a partir da teoria dos nós.....	80
4.1.1 O nó borromeano	81
4.1.2 Esquema da amarração neurótica.....	81

4.1.3 O nó de quatro anéis	84
4.1.4 O nó que rateia e o ego que corrige	86
4.1.5 O nó da esquizofrenia segundo Dafunchio.....	90
5 CONCLUSÃO.....	93
REFERÊNCIAS.....	96

1 INTRODUÇÃO

Ao participar de um estudo sobre a psicose, em um cartel¹, surgiu a curiosidade de investigar melhor a psicose e, mais especificamente, a esquizofrenia. A afirmação relativa ao fato de que o sujeito psicótico se encontra como objeto de gozo do Outro, ouvida em outras circunstâncias, ali também se fazia presente. E, por conhecer que a esquizofrenia é um tipo clínico da psicose, escutá-la só fazia aumentar o desejo de aprofundar o tema.

Dessa maneira, uma pergunta se fez presente e foi o ponto de partida para a pesquisa. Para o sujeito esquizofrênico, considerando que já não justifica pensar se na psicose há ou não sujeito, tal afirmativa é válida?

Para tanto, propôs-se como objetivo geral pesquisar a constituição e funcionamento do sujeito esquizofrênico. Os objetivos específicos percorreram, portanto, a questão do sujeito e o que isso implica na constituição do sujeito esquizofrênico, alguns balizadores fundamentais da esquizofrenia considerando as ideias de Freud e Lacan, e as particularidades da primeira e segunda clínica lacaniana.

Miller (2009), dentre outros estudiosos da teoria lacaniana, vem se esforçando para não deixar que a teoria psicanalítica caia na solidificação das formalizações feitas por Lacan, a partir de Freud. Na perspectiva de extrair dessa obra questões valiosas, que possam direcionar profissionais e estudiosos na atualidade, debruça-se sobre os seminários lacanianos na busca do que ficou imerso nas entrelinhas do que a linguagem permitiu a Lacan exteriorizar.

Em uma aula de um de seus cursos, Miller (2009) propõe esclarecer de que forma Lacan iniciou seus estudos na Psicanálise, situando a primeira fase desse ensino como “a teoria do inconsciente-história”. Ressalta que Lacan ao desenvolver sua teoria do inconsciente, em seu último ensino, estabelece grandes mudanças. E ele tem como ponto de partida nessa última teoria a psicose, diferentemente da primeira, que se

¹ O cartel foi criado por Lacan para a execução do trabalho em uma escola de psicanálise. Para tal, adotou-se “o princípio de uma elaboração apoiada num pequeno grupo. Cada um deles se comporá de no mínimo três pessoas e no máximo cinco, sendo quatro a justa medida. [E comporta o] MAIS UM encarregado da seleção, da discussão e do destino a ser reservado ao trabalho de cada um” (LACAN, 1964/2003, p. 235). O cartel “tem como função manter um tencionamento necessário para sustentar a pesquisa coletiva que se espera concluir com a produção de cada um sobre a sua própria questão. Trabalho de um, não sem os outros” (MENDES, 2010, p.43).

define através da histeria e da história implicando, com isso, uma reviravolta em seu ensino. Mas, salienta:

a teoria do inconsciente-história tem muitas coisas a seu favor. ... Não se devem conceber os termos que uso, tais como primeiro e último Lacan, no sentido de uma teoria sobrepujar a outra. (...) ... o inconsciente-história é um inconsciente com uma estrutura intersubjetiva, razão pela qual a psicanálise opera (MILLER, 2009, p.43).

Diante disso, este estudo se justifica na medida em que busca a construção de um trabalho coeso sobre a esquizofrenia, abarcando também o último ensino lacaniano, que não é simples. O que se pretende, além de aprofundar no tema, é reunir particularidades próprias desse tipo clínico, as quais se encontram em Freud e permeiam a obra lacaniana, esperando que o trabalho seja útil aos interessados no assunto. Pela leitura sobre o tema, que antecedeu este trabalho, constatou-se que, geralmente, a paranoia toma maior destaque. Com esta pesquisa espera-se que alunos e profissionais interessados na clínica, ou outros estudiosos do assunto, possam se beneficiar.

Mas a partir do enunciado de Lacan de que todo ser falante comporta um déficit de estrutura – aqui pensada como estrutura da linguagem – e que toda verdade sustenta um lapso e não se constitui como toda, o que se pretende, com este trabalho, é concluir com um saber não todo, deixando uma brecha para um novo saber.

No texto *Esquizofrenia y paranoia* (1985) Miller, ao afirmar que o tema da diferença entre esquizofrenia e paranoia é problemático, relembra que Lacan, no início do seu Seminário sobre as psicoses, argumenta que em anos recentes àqueles em que vivia, então anos 50, a esquizofrenia estava favorecida no campo da psicanálise, em detrimento da paranoia. Relembra que Freud não era favorável ao termo esquizofrenia, preferia parafrenia e que, na verdade, Lacan foi parcimonioso nas explicações sobre a esquizofrenia. O termo era questionado por Freud e por ele, e não fazia parte do vocabulário dos psicanalistas.

Seguindo seu raciocínio, Miller diz crer que esta posição parcimoniosa de Lacan é o que torna valiosa sua afirmação, em *O Aturdido* (1972/2003), que ele, Miller, naquela ocasião acreditava ser a única menção de Lacan sobre o termo, quando diz “O dito esquizofrênico” referindo-se ao chamado esquizofrênico, àqueles que assim são

chamados. Se a palavra *lhe* era familiar na expressão oral, ele a economizou na expressão escrita, e ao dizer desta forma, evidentemente elimina esta categoria, prossegue Miller.

Soler (1999/2001) ajuda a fazer nova trilha sobre este assunto, na obra de Lacan, e localiza três informações: em “Resposta ao comentário de Jean Hyppolite” (*Escritos*, 1998), onde Lacan diz que para o esquizofrênico todo simbólico é real; no Seminário “O ato psicanalítico” (1967-1968/2003), em que ele afirma que o esquizofrênico entra como mestre na cidade do discurso; e também em “O Aturdido”, quando diz que o esquizofrênico é apanhado sem o socorro de nenhum discurso estabelecido. Outras informações que não a mesma mencionada por Miller.

O próprio Miller (1985) recorda que, por meio das correspondências de Freud e Jung, nota-se Freud incentivando Jung a se ocupar dos psicóticos, mas, dizendo-lhe que continuava sendo essencial diferenciar demência precoce e paranoia. Não concordava, por exemplo, que o recalque também acontecia, tal como Bleuler havia escrito. Jung, no entanto, a partir de seus estudos, conclui que havia flutuações entre as duas, que a paranoia é construída como a demência precoce, salvo que nela as fixações se apresentam restritas a um pequeno número de associações. Por isso ela poderia ter momentos de demência precoce e aquilo que se apresentava como tal demência poderia ser paranoia.

Freud havia falado para Jung, na carta mencionada por Miller, que *lhe* faltava experiência no assunto e, portanto, acreditaria no que ele dissesse. Parece, foi o que aconteceu, pois a seguir Freud comenta que o importante era explicar a parte paranoica da demência, o que há de paranoico na demência precoce. A ele interessava, sempre, a causalidade psíquica. E, comenta Miller, esta pode ser uma das explicações do motivo de Lacan não se referir à esquizofrenia em seu ensino. O caso Schreber exemplifica Freud dizendo de demência paranoide, fazendo combinação entre demência precoce e paranoia, mas ao falar sobre o caso, sempre se refere a seu trabalho sobre paranoia. Ao mesmo tempo em que as conjugava a ponto de propor a expressão *parafrenia* que expressaria a relação entre as duas, as separava e acabou preferindo manter a paranoia como entidade clínica independente, como se pode ver na terceira parte do texto Schreber, à qual será dedicado estudo especial: retorno da libido

ao autoerotismo na esquizofrenia, em que o mecanismo essencial são alucinações que podem ser interpretáveis e a evolução clínica supõe o recalque que se estende sem limites; retorno da libido ao narcisismo na paranoia, cujo mecanismo específico é a projeção e a evolução clínica supõe reconstrução delirante do mundo.

Os estudos buscando estabelecer o que é a esquizofrenia e a paranoia continuaram e agora é possível melhor localizar exatamente, pelo dizer de Freud, a importância de se dar maior interesse à parte paranoica da demência precoce. Melanie Klein e Paul Federn são dois psicanalistas considerados leituras importantes sobre o assunto. Federn, que se dedicou ao estudo da esquizofrenia, por exemplo, tinha ideias opostas às de Freud, ainda que pertencendo a seu círculo, e de acordo com Miller (1985), via tanto a esquizofrenia quanto as psicoses em geral em termos de déficit do eu, déficit no sentido de esvaziamento de libido. As dissociações ocorridas eram derivadas desta condição, dificultando a função de síntese da personalidade. E essa ideia de uma função de síntese ou de estrutura do sujeito, deve orientar o percurso por Lacan.

Miller (2002), em seu livro *Percurso de Lacan: uma introdução*, faz uma divisão da obra lacaniana em três ensinamentos, mas afirma a existência de um momento anterior a estes, que o próprio Lacan definiu como seus antecedentes. Este momento corresponde ao seu trabalho ainda na psiquiatria e à conclusão de sua tese de doutorado, em 1932. Nessa tese, Lacan já deixa explícito seu interesse pela psicose. Com a publicação de “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953/1998, p. 238) inicia-se, então, o primeiro ensinamento lacaniano que se estende de 1953 a 1963. Nesse momento, Lacan trabalha tendo como referência a obra de Freud e a proposição “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, já considerando a distinção entre as dimensões do Real, do Imaginário e do Simbólico. Vale mencionar, no entanto, que o estudo das psicoses, e mais ainda da esquizofrenia, não dispensa a função do sujeito, a estruturação do sujeito por ele estabelecida, conforme nos lembra Miller (1985). O passo fundamental é considerar que na psicose há sujeito como efeito da linguagem, que a ele preexiste, o que descarta a noção de déficit e dissociação como pedras angulares, nestes casos. Com Lacan o que há é falta significante, falta

relativa não ao eu como função interna de síntese, mas, à constituição do sujeito, formalizada pela forclusão do Nome-do-Pai.

A psicose, nesse momento, foi situada por Lacan pela *Verwerfung*, a falta do significante primordial, o significante Nome-do-Pai. E a esquizofrenia, posicionada como um tipo clínico da psicose, se apresenta pela não simbolização primordial, chamada por Lacan de primeira identificação do sujeito, o que em Freud representa a operação do jogo do *Fort-Da*. Na esquizofrenia não se dá a simbolização do vazio no real.

Lacan, a partir do ano de 1964, e até 1974 – momento do deslocamento de seu ensino para a Escola Normal Superior –, se distancia cada vez mais da obra freudiana. A publicação de seu *Seminário 11* (1964/1998) marca o início de seu segundo ensino, que persiste até o ano de 1974. Esse segundo ensino é caracterizado pela construção de importantes conceitos que se mantêm até o final de sua obra como, por exemplo, o conceito de sujeito barrado \$, objeto *a*, e Outro, o que é indicado por Miller (2002). Nessa época, em seu *Seminário 11*, Lacan afirma que a psicose se constitui pela holófrase, o que se expressa pela falta do intervalo entre os significantes S1 e S2, acontecendo a solidificação entre os pares. Nesse mesmo seminário pode-se situar, também, a elaboração de que na psicose ocorre a não separação do sujeito na operação de alienação ao Outro.

Miller considera como terceiro ensino lacaniano o que procede ao ano de 1974, onde Lacan trabalha o próprio fundamento de seu discurso e, em especial, a tripartição do real, simbólico e imaginário, convertendo o real em sua categoria essencial. Em seu texto “Os seis paradigmas do gozo” (1999), ele toma o *Seminário 20, Mais ainda* (1972/1973-1985) como marco do início do terceiro e último ensino lacaniano, que se abre para uma nova clínica.

A primeira intervenção de Lacan, de fato, na psicanálise, segundo Miller (2002), foi sua articulação teórica sobre o imaginário, formulada no estádio do espelho e apresentada no Congresso Internacional de Marienbad, em 1936. E sobre este, o próprio Lacan dizia: “... entrei na psicanálise com uma vassourinha que se chamava o estádio do espelho”². Miller não indica de onde retirou esse enunciado, mas ele pode ser encontrado no *Seminário do Ato*, no capítulo de 10 de janeiro de 1968, seminário

² (...) entré en el psicoanálisis con una escobilla que se llamaba estadio del espejo...

inédito. E sua formalização sobre este estágio tornou-se fundamental para o estudo das psicoses e, evidentemente, para o estudo da esquizofrenia, que no *Seminário 10* (1962/63-2005, p. 133) é situada, por Lacan, na fase do autoerotismo, lugar em que se encontra a fantasia do corpo despedaçado entre os esquizofrênicos, especificada por Lacan como “a subjetivação do *a* como puro real”.

Mazzuca, Schejtman e Zlotnik (2000), seguindo a tripartição feita por Miller, marcam dois períodos bastante distintos na obra lacaniana: duas clínicas, em que a primeira compreendia a ênfase no Simbólico e no desejo, e na segunda se destacavam o Real e seus efeitos de gozo.

No início de seu ensino, ao produzir um retorno às elaborações freudianas sobre neurose, psicose e perversão, Lacan prioriza as modalidades do desejo e constrói as estruturas subjetivas. Suas formulações sobre a *Bejahung* (afirmação primordial) do Nome-do-Pai, ou sua forclusão, são decisivas para a distinção de que a forclusão do Nome-do-Pai constitui a psicose e seus tipos clínicos.

De acordo com os autores antes mencionados, a segunda clínica traz a noção de suplência, onde o sintoma faz suplência à impossibilidade da relação sexual. E nela, portanto, ocorre a generalização do conceito de forclusão, e o Nome-do-Pai pode funcionar como *sinthoma* enlaçando os registros R,S,I. Ele é apenas um modo a mais de enlaçamento, pode haver outros. E, assim, perde-se a força da noção de estrutura, ganhando fôlego as formas de enlaçamento, não borromeano, para as psicoses e a pluralização do Nome-do-Pai.

Como se pode observar, este estudo se fundamenta nas formalizações lacanianas sobre a esquizofrenia, mas, remeter-se-á a Freud quando necessário; tal estudo considera o campo do inconsciente e se desenvolve por meio do que em metodologia, classicamente, se conhece como pesquisa bibliográfica. Em seu percurso não serão excluídos outros autores e estudiosos da psicanálise que possam contribuir para o estudo desenvolvido.

A respeito da pesquisa bibliográfica, Lima e Mito (2007), afirmam que a principal característica, que a distingue das demais metodologias é a leitura analítica rigorosa, crítica e contextualizada, das principais obras publicadas sobre o tema proposto. A técnica permite ao pesquisador desenvolver os objetivos traçados pinçando

de sua leitura conceitos e considerações relevantes à compreensão do objeto de estudo.

Segundo as autoras Lima e Miotto (2007, p. 38), a pesquisa bibliográfica muitas vezes aparece caracterizada como revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Essa caracterização mostra que existe uma falta de compreensão de que a revisão de literatura se dá apenas como pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa. A pesquisa bibliográfica *“implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”*.

No percurso em direção aos objetivos traçados e para dar conta do problema proposto, a dissertação está composta de três capítulos e uma conclusão.

No primeiro capítulo, intitulado “Constituição do sujeito: particularidades da esquizofrenia”, discute-se a constituição do sujeito na esquizofrenia e seu modo de funcionamento.

A partir de Freud e dos estudiosos de sua época que pesquisavam a esquizofrenia, como já se escreveu nesta introdução, percebeu-se haver uma diferenciação entre um modo de funcionar paranoico e esquizofrênico, quer dizer, há alterações no posicionamento do sujeito, em um caso e outro. Por isso foi feito um percurso por Freud, tomando a terceira parte do caso Schreber (1911) como balizador, visto que a construção dos processos estruturantes da subjetividade esquizofrênica, elaborada por Freud, e o termo esquizofrenia usado por ele desde seu artigo metapsicológico de 1915, *O Inconsciente*, persistem até então.

A partir da constituição do sujeito, a esquizofrenia como um tipo clínico da psicose também não teve instituído o significante Nome-do-Pai, que rege a lei da Metáfora Paterna, por isso a dificuldade do esquizofrênico em participar dos laços sociais.

Neste capítulo tratou-se, também, do processo de alienação e separação do sujeito, em que o paranoico permanece como objeto de gozo do Outro, por não passar pela fase da separação subjetiva, e o esquizofrênico, como se viu, não advém como sujeito por não alcançar essa fase.

No segundo capítulo, “Pontos cruciais advindos do vazio não simbolizado na esquizofrenia”, buscaram-se pontos que afirmem a existência de uma esquizofrenia, e que levem à distinção de sua manifestação e à conduta do esquizofrênico frente ao vazio não simbolizado. Os pontos elegidos foram:

1. O grafo do desejo, onde se evidencia que o esquizofrênico não teve acesso ao desejo, mesmo porque a questão do desejo nesse tipo clínico é o desejo anônimo;

2. O esquizofrênico e sua relação com o Outro; distinguir o lugar do esquizofrênico em relação a esse Outro;

3. A não simbolização primordial na esquizofrenia, o que leva Lacan a dizer que, para o esquizofrênico, todo simbólico é real e que pela falta da primeira simbolização, o sujeito não é representado pelo significante S1, o que faz com que ocorram sérios transtornos na vida do sujeito, como, por exemplo, a dispersão significante;

4. A labilidade do significado, resultante da difração originária do ideal do eu, onde a significação para o esquizofrênico acaba por se dispersar, pulverizar, no desmoronamento da realidade;

5. O fora do discurso na esquizofrenia, um importante enunciado lacaniano para se discutir o fato de que o esquizofrênico está na linguagem, mas não no laço social, por isso ele representa o avesso do laço social estabelecido;

6. A relação do corpo com o gozo na esquizofrenia, ou seja, desvelar a dificuldade do esquizofrênico com seus órgãos, o estado nativo do sujeito pela falta da metáfora que normaliza o gozo assexuado por vias do significante fálico;

7. A ironia do esquizofrênico, uma das armas usadas para rasgar os semblantes e destruir o Outro no laço social. Sua ironia vai contra o Outro, e revela sua inexistência e a falsidade com que se constituem os laços sociais;

8. A alucinação esquizofrênica, um dos fenômenos apresentados na esquizofrenia que situa a *Verwerfung*, e retrata uma espécie de mundo exterior imediato, com manifestações percebidas como um real primitivo.

Com o terceiro capítulo, “A esquizofrenia na clínica do real”, passa-se ao terceiro e último ensino lacaniano. Na clínica do real surge o *fallasser*. O vazio do Outro se choca com o impossível da relação sexual, que vai ao encontro de uma multiplicidade de Nomes-semblantes. O pai em Lacan toma a posição de *sinthoma*, e o *sinthoma* tem

uma função paterna; assim, o pai situa-se como um quarto anel que amarra os registros: Imaginário, Simbólico e Real, e o *sinthoma* fica equivalente a essa função do pai como quarto, que faz também função de suplência, destacada no nó de Joyce por Lacan, como o que vem suprir o lapso. A especificidade da clínica do real, designada também segunda clínica, está na maneira com que se dá o enlaçamento nesse momento, que é semelhante à função do ponto de capitonê na primeira clínica. Tanto o nó de borromeo quanto o ponto de capitonê amarram os registros, porém com distintas formas de enlaçamento. Na primeira clínica, *Bejahung* e forclusão do significante Nome-do-Pai se encontram em oposição. Com a aceitação da *Bejahung* dá-se a neurose, e sua forclusão determina a estrutura psicótica. É a partir da falha estrutural da linguagem que se coloca para todo ser falante que Lacan repensa seu ensino. Com isso, ele formaliza a teoria dos nós, e desenvolve as distintas e singulares maneiras de amarração que o sujeito faz para se haver com essa falha.

Após o estudo realizado concluiu-se que o que foi formalizado por Freud sobre a constituição do sujeito na esquizofrenia permanece nos dias de hoje. E tanto Freud quanto Lacan viram a esquizofrenia como um tipo clínico da psicose que pode se aproximar e combinar com outro tipo clínico, a paranoia, contudo mantendo-se separada desta. Um fato interessante – a tentativa de recuperação e reintegração, foi visto por Freud no quadro clínico da esquizofrenia. Esse acontecimento não é estabelecido somente pela retração da libido para o autoerotismo, pois, na maioria dos fenômenos apresentados, há um empenho da libido em alcançar, novamente, os objetos. Nesse aspecto, Lacan está de acordo com Freud, e salienta que o ponto essencial do problema é a retirada da libido do objeto exterior. Isso mostra que, mesmo a libido se encontrando no autoerotismo, pode-se pensar que o sujeito teve contato com os objetos no exterior, conservando-se algo dessa experiência.

Numa tentativa de responder ao objetivo desta pesquisa, um estudo sobre o estatuto do Outro, que sofreu várias modificações na teoria lacaniana, foi construído. E a partir daí observou-se que não há uma única leitura possível para o problema levantado.

Na primeira clínica lacaniana, a elaboração de sujeito se dá pela ação do significante, e como o esquizofrênico não se constituiu sujeito do significante, ele não

se encontra alienado ao Outro; por não ter passado pela divisão subjetiva significante, na esquizofrenia, também, ele não se encontra na mediação da linguagem por falta do significante Nome-do-Pai. Pode-se pensar que o Outro do significante não foi subjetivado. Os discursos de Lacan, em seu segundo ensino, vêm como forma de substituir o Outro, onde o objeto *a*, como mais-de-gozar, é o que articula os discursos. Daí, vê-se que o esquizofrênico se encontra fora desses discursos pelo fato de não ter passado pela divisão subjetiva significante, não subtrai de sua estrutura o objeto *a*.

O nó borromeano é o que vem no lugar do Outro no terceiro ensino de Lacan, seguido pelo *sinthoma* que vem enlaçar os registros RSI. No primeiro ensino, Lacan (1960/1998) situava um Outro que antecede ao sujeito do significante, definido por ele como lugar da fala, lugar de um Outro Mestre/Senhor. Comenta que esse Outro como lugar da “Fala” se impõe como testemunha da “Verdade”. E do sujeito na psicose afirma: “Mensagens de código e códigos de mensagem distinguir-se-ão como formas puras no sujeito da psicose, aquele que se contenta com esse Outro prévio” (LACAN,1998, p.821). A partir desse enunciado de Lacan, conclui-se, com uma articulação entre a fala, a língua e lalíngua, que o *sinthoma* vem como Outro do esquizofrênico fazer suplência ao Nome-do-Pai.

2 PRIMEIRO CAPÍTULO: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO – PARTICULARIDADES DA ESQUIZOFRENIA

Como se pode constatar, ao se deter na obra de Lacan vê-se que em pouquíssimas ocasiões ele usa o termo esquizofrenia. Miller, no texto “Esquizofrenia e paranoia” (1985), diz crer, como já foi informado, que esta posição parcimoniosa de Lacan é o que torna valiosa sua afirmação, em “O Aturdido” (1972/2003), quando usa a expressão “O dito esquizofrênico” ao se referir a estes sujeitos, ou seja, o chamado esquizofrênico, aquele que assim é chamado. Se a palavra esquizofrenia lhe era familiar na expressão oral, ele a economizou na expressão escrita, e ao dizer desta forma, conclui Miller, evidentemente elimina esta categoria

Nesse mesmo texto Miller dá sua versão sobre a parcimônia lacaniana, ainda que nos últimos anos por ele vividos Lacan considerasse que a discussão sobre a esquizofrenia estivesse mais favorecida que a paranoia, no campo da psicanálise. Recorda que Freud tinha dificuldades com o termo esquizofrenia e, em suas correspondências com Jung, incentivava-o a se ocupar dos psicóticos, dizendo-lhe que continuava sendo essencial diferenciar demência precoce e paranoia. Não concordava, por exemplo, que o recalque também acontecia ali, tal como Bleuler havia escrito.

Jung, no entanto, a partir de seus estudos, conclui que havia flutuações entre as duas, que a paranoia é construída como a demência precoce, salvo que nela as fixações se apresentam restritas a um pequeno número de associações. Por isso a paranoia poderia ter momentos de demência precoce e aquilo que se apresentava tal como demência poderia ser paranoia. A partir disso, Freud passa a se preocupar com a importância de explicar a parte paranoica da demência, ou seja, o que há de paranoico na demência precoce. Pode ser esta, de acordo com Miller, uma das explicações do motivo de Lacan não se referir à esquizofrenia em seu ensino. O termo era questionado por Freud e por Lacan, e não fazia parte do vocabulário dos psicanalistas.

O que se evidencia, no entanto, é que esses estudiosos percebiam haver uma diferenciação entre o modo de funcionar paranoico e o esquizofrênico, ou seja, há alterações no posicionamento do sujeito, em um caso e outro. É esta constatação que fez com que existisse, nesta pesquisa, este capítulo sobre a constituição do sujeito e a particularidade desta estruturação na esquizofrenia. Este capítulo constitui-se de um

percurso por Freud, tomando a terceira parte do caso Schreber (1911) como balizador, pois aquilo que ele construiu sobre os processos estruturantes da subjetividade esquizofrênica permanece vivo. Sabe-se que Freud não utiliza a expressão sujeito, tal como formalizada por Lacan, mas o sujeito ali estava. A seguir, o caminho traçado toma a direção do texto lacaniano, autor que dá consistência ao assunto e permite dizer da existência de sujeito na psicose e, portanto, pensar a posição subjetiva do esquizofrênico.

2.1 Freud: pontos de ancoragem sobre a esquizofrenia

É bom recordar que esquizofrenia foi um termo criado por Paul Eugen Bleuler³, em 1911, a partir de seus encontros com Freud, para substituir o termo demência precoce (*dementia praecox*), estabelecido por Morel⁴, no ano de 1856.

A demência precoce se sustentava em processo psíquico degenerativo, ao lado da catatonia e da demência paranoide (*dementia paranoides*), e Emil Kraepelin⁵ também a estudou com descrição que supunha organicidade e estado demencial terminal inexorável.

O termo esquizofrenia, por sua vez, com os esforços de Bleuler é uma produção do discurso analítico que supera totalmente o de demência precoce. Ainda que Bleuler indique base orgânica para os fenômenos da esquizofrenia, que supunha mente cindida, dividida, os mecanismos que nela operam são os freudianos, “pois ele busca um sentido para os sintomas à luz dos mecanismos e da formação dos sonhos, levando em conta o sujeito do inconsciente” (QUINET, 2006, p. 63). Ele leva para a psiquiatria a causalidade psíquica, mostrando que a esquizofrenia é situada como uma reação do sujeito em um momento de sua história, e seu desencadeamento se refere a algo estritamente particular do sujeito. Vale dizer que no mesmo ano de 1911, Bleuler

³ Paul Eugen Bleuler – nascimento: 30 de abril de 1857, Zollikon, Suíça; falecimento: 15 de julho de 1939, Zurique, Suíça

⁴ Bénédict Augustin Morel – nascimento: 22 de novembro de 1809, Viena; falecimento: 30 de março de 1873

⁵ Emil Kraepelin – nascimento: 15 de fevereiro de 1856, Neustrelitz, Alemanha; falecimento: 7 de outubro de 1926, Munique, Alemanha

publica sua monografia *Demência precoce ou O grupo das esquizofrenias*, e Freud publica seu escrito sobre o caso Schreber, e que Freud dizia que esquizofrenia era um “mau termo nosográfico”, enquanto via a paranoia como um “bom tipo clínico”.

Freud chegou a fazer combinação entre demência precoce e paranoia, relacionando-as e, neste caso, preferia a denominação parafrenia, que não teve aceitação entre seus colegas. No caso Schreber pode-se observar Freud dizendo da demência paranoide de Schreber, combinação de demência precoce e paranoia, mas, lembra Miller (1985), ao falar sobre o caso, sempre se refere a seu trabalho sobre paranoia. Ele acabou preferindo manter a paranoia como entidade clínica independente. Passa a usar o termo esquizofrenia em seu artigo metapsicológico de 1915, *O inconsciente*, termo que persiste até então.

Ainda na época de suas correspondências com Jung, em 1908, e já preocupado com a causalidade psíquica, Freud chega a propor-lhe “repressão por retirada da libido, para explicar paranoia e esquizofrenia” (MILLER, 1985, p. 8). No texto sobre Schreber, formalizará a questão de forma mais elaborada: retorno da libido ao autoerotismo para a esquizofrenia, sendo que seu mecanismo essencial são alucinações que podem ser interpretáveis e sua evolução clínica supõe o recalque que se estende sem limites; retorno da libido ao narcisismo na paranoia – seu mecanismo específico é a projeção e sua evolução clínica supõe reconstrução delirante do mundo.

2.1.1 Autoerotismo e narcisismo

Freud fala, portanto, de retorno da libido ao autoerotismo para a esquizofrenia. O que se pode pensar a partir disto? Que implica, na subjetividade, esta etapa autoerótica? Para fazer tal afirmação, o autor considera que a libido pode retornar para o próprio sujeito. Como surge esta ideia?

Pensar estas questões supõe uma parada naquilo que Freud desenvolveu sobre autoerotismo e narcisismo.

Havelock Ellis criou o termo autoerotismo para dizer de excitação que não é provocada de fora, mas surge internamente, e Freud utiliza o termo de forma mais pontual, para falar sobre a sexualidade infantil, falar da relação da pulsão com seu

objeto. Em nota de rodapé de 1920, nos *Três ensaios* (1901-05/1969), já esclarece que a psicanálise considera como ponto essencial não a gênese da excitação e sim a questão de sua relação com o objeto. Neste caso, a pulsão não é dirigida para outras pessoas. Ela obtém satisfação no próprio corpo do indivíduo, pois a necessidade de repetir a satisfação sexual, já experimentada com o objeto seio, agora se desliga da necessidade de nutrir-se. Em suas palavras: “A criança não usa um corpo estranho para sua sucção, preferindo uma parte de sua própria pele, porque é mais conveniente, porque a torna independente do mundo exterior, que ela ainda não pode controlar...” (FREUD, 1901-05/1969, p.187).

É crucial recordar que Freud, em *A pulsão e suas vicissitudes*, vol.XIV (1915/1969, p. 142), estabeleceu a pulsão como conceito situado na fronteira entre o mental e o somático. Ela é “representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo”. E possui: uma fonte, processo somático que ocorre em um órgão ou parte do corpo; na vida mental só é conhecida por sua finalidade, a satisfação; um fator motor conhecido como pressão; e o objeto que supõe para atingir sua finalidade.

O objeto da pulsão é variável, contingencial e, inclusive, pode ser parte do próprio corpo do indivíduo, diz Freud no mesmo artigo. Pode ser modificado no decorrer das vicissitudes que a pulsão sofre, durante a existência, mas pode haver também uma ligação estreita da pulsão com seu objeto, denominada fixação. E para este estudo, Freud, em *A pulsão e suas vicissitudes* (1915/1969, p.154), faz uma afirmação importante: nas atividades autoeróticas, “o objeto é insignificante em comparação com o órgão que serve de fonte, via de regra coincidindo com esse órgão”.

Não se trata de pensar que antes não houve relação objetal, e que agora desaparece qualquer relação de objeto, advertem Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis (1986), mas que neste momento da vida a pulsão sexual se separa da pulsão de autoconservação, na qual se apoiava, por isso se criando como sexualidade e possibilitando a existência da fantasia, de objeto parcial fantasístico. Trata-se de um momento em que as pulsões se satisfazem cada qual por sua conta, com excitações que surgem e se apaziguam no nível de cada zona erógena, sem referência a uma

imagem do corpo, unificada. Haverá a necessidade de que uma nova ação psíquica aconteça, que o ego – como imagem unificada do corpo – passe a ser objeto da libido, para que se avance em direção ao narcisismo.

Esses autores também chamam a atenção para o fato de que a noção de autoerotismo está ligada à tese fundamental dos *Três ensaios*, ou seja, à contingência do objeto da pulsão sexual. A satisfação, que no início da vida pode ser obtida sem o recurso a um objeto, “mostra que não há caminho pré-formado que leve o indivíduo para um objeto determinado” (FREUD, 1901-05/1969, p. 79). Tema importante para se pensar Lacan dizendo da não existência da relação sexual. Laplanche e Pontalis ressaltam que o autoerotismo não é apanágio de uma atividade sexual determinada, seja ela oral ou outra, ainda que Abraham o fizesse coincidir com a fase oral. Freud o situará presente em todas as fases e depois falará de prazer de órgão.

Pouco a pouco a noção de narcisismo vai se impondo, até chegar ao estatuto de conceito, e Freud vai se embaraçando com a noção de autoerotismo, formalizada em *Três ensaios* (1901-05/1969), principalmente naquilo que toca à sua articulação com o narcisismo primário. Não desistirá da noção de narcisismo primário e secundário, mesmo reconhecendo as dificuldades inerentes ao primeiro, a esse momento em que a criança faz de si mesma objeto de amor, em etapa precedente à capacidade de se voltar para objetos externos. Mas com a evolução de sua prática clínica e suas pesquisas, o autoerotismo passará a ser a atividade sexual do estágio narcísico da distribuição da libido, tal como pode ser lido na *Conferência XXVI* (1916-17/1996).

Conforme esclarecem Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998), no contexto da elaboração da segunda tópica Freud retoma o narcisismo primário situando-o como o primeiro estado da vida, anterior à constituição do eu, época em que o isso e o eu são indiferenciados, podendo até ser concebido como forma da vida intrauterina. Por outro lado, o narcisismo secundário não é alterado com a segunda tópica, mas Freud vai deixando o termo de lado. O termo se mantém, de forma mais expressiva, para dizer do resultado manifesto da clínica da psicose, ou seja, da retirada da libido dos objetos externos.

Para escrever o texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/1969), onde o termo narcisismo tomou estatuto de conceito, Freud apoia-se em seus estudos sobre a

psicose. Mas, especialmente, nas contribuições de Karl Abraham que, em 1908, falou do desinvestimento do objeto e da convergência da libido para o sujeito, no caso da demência precoce, conforme lembra Roudinesco e Plon (1998). Na *Conferência XXVI* (1916-17/1996, p.416), Freud fala sobre isso: “Já em 1908, Karl Abraham, após intercâmbio de ideias comigo, declarou que a principal característica da demência precoce (que se contava entre as psicoses) era que *nela a catexia libidinal de objetos estava ausente*”. Diante disso, agora a questão era saber o que acontecia com a libido que foi retirada dos objetos. Sobre isso, escreve Freud, Abraham não hesitou em lhe responder que ela voltava para o ego, o que inclusive era a fonte da megalomania na demência precoce. Nesse caso, a megalomania era comparável à supervalorização sexual do objeto na vida erótica considerada normal.

Nessa conferência Freud diz, com todas as palavras, que essas explicações de Abraham eram aceitas pela psicanálise, tornando-se a base de suas atitudes em relação à psicose, já que gradualmente se firmaram com coerência. Afirma, ainda, que narcisismo, um nome para dizer dessa forma de distribuição da libido, ele tomou emprestado do nome que Paul Näcke deu para descrever uma forma de perversão. O termo narcisismo já havia aparecido na obra freudiana, quando se refere aos invertidos, no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1910): eles tomam a si mesmos como objetos sexuais, pois procuram rapazes semelhantes a eles, a quem possam amar tal como sua mãe lhes amou. Aparece também em *Leonardo da Vinci...* (1910/1996), mas, é no caso Schreber (1911/1996) onde, nos moldes de Isidor Sadger, conforme também esclarece Roudinesco e Plon (1998), que Freud estabelece o narcisismo como um estágio normal da evolução sexual.

Essa formalização do narcisismo como situação universal e original, a partir da qual o amor objetual se desenvolve, também está na *Conferência XXVI* (1916-17/1996 p. 417). Nela Freud reafirma que o amor objetual sendo estabelecido, não implica o desaparecimento do narcisismo, e que “muitas pulsões sexuais começam encontrando satisfação no próprio corpo da pessoa *autoeroticamente*”. E sendo assim, “(...). O autoerotismo seria, pois, a atividade sexual do estágio narcísico da distribuição da libido” (FREUD, 1916-17/1996 p. 418). As amebas foram os organismos vivos utilizados como exemplo do intercâmbio entre libido do ego e objetual. Elas emitem pseudópodos

por meio dos quais fazem fluir a substância de seu corpo, que o autor compara com a libido objetal, mas podem retrair essas protrusões, movimento comparado ao retorno da libido para o ego.

Fato é que o ego, formalizado por Freud, é reservatório libidinal. Mesmo quando a libido vai em direção ao objeto, “a massa principal de libido pode permanecer no ego”. Segue Freud: “e supomos que, em circunstâncias normais, a libido do ego pode ser transformada, sem impedimento, em libido objetal, e que esta pode novamente ser devolvida ao ego” (FREUD, 1916-17/1996, p.421). Agora, inúmeros estados mentais podem ser descritos por meio de teoria da libido, diz Freud. Mas, vale enfatizar que a retirada da libido objetal, para o ego, não é necessariamente patogênica. Isso, ainda que essa condição possa ser a única a “resolver o enigma daquilo que se denomina de neuroses narcísicas – demência precoce, por exemplo – e explicar as semelhanças e dessemelhanças entre elas e a histeria ou as obsessões” (FREUD, 1916-17/1996, p. 421).

Essa retirada pode ocorrer no sono, em momentos de doenças orgânicas, por exemplo, mas, ato seguido ela volta para o mundo dos objetos. Quando a libido do ego fortalece, a libido objetal enfraquece, e vice-versa. No desenvolvimento máximo da libido objetal pode-se situar o estado amoroso, e na libido do eu o fundamento da fantasia. A diferença é que pode acontecer “processo muito vigoroso” forçando essa retirada e a libido, que se torna narcísica, não consegue retornar aos objetos, certamente tornando-se “patogênica” (FREUD, 1916-17/1996, p. 421).

Parece que o ego não dá conta de tolerar acúmulo de libido, sem adoecer, escreve Freud. E nas neuroses narcísicas, onde se localizam as psicoses, os pontos de fixação remontam a fases muito anteriores do desenvolvimento, se comparados às neuroses transferenciais. Na demência precoce, Freud crê que ela se situe, provavelmente, na fase de narcisismo primitivo (momento em que a criança escolhe a si própria como objeto de amor). E o ponto crucial é que seu quadro clínico não é determinado exclusivamente pela retração da libido, mas grande parte dos fenômenos apresentados se deve aos esforços da libido no sentido de, novamente, alcançar os objetos, as representações dos objetos. Tentativa de recuperação, reintegração. Para Freud, é como se a libido, em seus esforços nesse sentido, “de fato agarrasse alguma

coisa desses objetos, que, por assim dizer, seria, no entanto, apenas suas sombras – quero dizer, as representações verbais pertencentes aos objetos” (FREUD, 1916-17/1996, p.423).

2.2 Sujeito na esquizofrenia: “isso não fala dele”

Em Lacan observa-se que sempre há formas de dizer da divisão do sujeito, porque ele só é sujeito na medida em que fala. E ele não pode falar sem se dividir. Sua divisão advém do choque com a linguagem, sempre traumática, assim como a relação do sujeito com a castração, que não é operatória para todos.

Na psicose não há a realidade da castração com valor operatório e “nem por isso o sujeito deixa de se confrontar com o real da castração, que é, como para todo o mundo, o ponto de verdade do sujeito” (QUINET, 2006, p. 68). Diferentemente de na neurose e na perversão, no psicótico, por não possuir recalque constituindo barreira para o inconsciente e para o gozo, o inconsciente está a céu aberto, em palavras lacanianas. E mais especificamente na esquizofrenia, “em que não há a localização do gozo em um Outro subjetivado, ainda assim, pelo simples fato de ser sujeito da linguagem, o sujeito se divide, embora não esteja no discurso como laço social” (QUINET, 2006, p. 68).

De acordo com a psicanálise lacaniana, o sujeito é efeito do significante. O lugar do Outro já está constituído, a linguagem o preexiste, mas isso não implica que o sujeito automaticamente exista. Ele está por advir, por nascer, não é nada antes que a alienação significante o capture e um significante o represente. De certo modo, dizer de sujeito na psicose, ser um sujeito nesta posição subjetiva, implica contradição, já que é como falta-a-ser que o sujeito surge do significante. Mas, sem dúvida, a psicose implica a questão do sujeito.

Miller (1996, p.157) escreve que nesta via da “eleição da psicose”, embora não afirmando quem faz esta eleição, trata-se de “eleição que rechaça a falta a ser que o constitui na linguagem”. E se pergunta se é o caso de que, para o sujeito da psicose, uma separação que não supõe a Metáfora Paterna – a ser comentada mais adiante –, mas mostra seu fracasso, antecipa a alienação. O sujeito emerge do ser vivo, que

primeiramente tem seu estatuto de objeto, por isso, para advir necessita da causa do desejo da mãe, pelo menos de sua palavra com a qual esse desejo estava feito.

Lacan, em “De uma questão preliminar...” (1957-58/1998, p. 572), diz: “A paridade simbólica (...) tem sua raiz nos caminhos imaginários por onde o desejo da criança vem a se identificar com a falta-a-ser da mãe, à qual, é claro, ela mesma foi apresentada pela lei simbólica onde essa falta se constitui”. No caso da psicose, não se trata de falta de desejo, mas de um desejo anônimo. Em seu texto “Nota sobre a criança”, Lacan indica que a família conjugal deve transmitir “a constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo” (LACAN, 1969/2003, p.369). São essas as necessidades da vida atribuídas às funções dos pais. Os cuidados da mãe devem trazer a marca de um interesse particularizado, e o Nome-do-Pai deve se exercer na direção do vetor de uma encarnação da Lei no desejo.

A distância entre a identificação do ideal do eu e o papel assumido pelo desejo da mãe, quando não tem mediação (aquela que é normalmente assegurada pela função do pai), deixa a criança exposta a todas as capturas fantasísticas. Ela se torna o “objeto” da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto (LACAN, 1969/2003, p. 369).

A criança, na relação dual com a mãe, lhe dá o próprio objeto de sua existência, aparecendo no real.

Como se constata, o sujeito nasce daquilo que foi para o Outro, ele é a resposta do real. A mãe, neste caso, dirige-se a esse real a partir do simbólico, e ele responde naquilo que respeita à constituição subjetiva, lógico, aí incluindo a psicose.

No texto já citado, Miller (1996, p.157) também desenvolve o que quer dizer sujeito efeito do significante, a partir da expressão “quer dizer”. E afirma que nela está implicada uma sujeição significante, onde isso fala dele, antes que ele fale, grite, chame. Antes mesmo que possa falar sobre si. Ao seguir a linguagem desenvolvimentista, que pode ser vista em Abraham, a expressão remete ao fato de que, na paranoia, o sujeito permanece fixado no estágio onde “isso fala dele”, em geral de forma desagradável, enquanto o chamado esquizofrênico se localiza no “isso não fala dele”.

Sobre isso, em *Posição do inconsciente* (1966/1998) Lacan desenvolve que há um início em que, com o sujeito não se fala, “isso fala dele”, intervenção do significante

no ser que ainda não é um sujeito. E, como salienta Bruno (2001, p. 236), “é sob esse nível do significante, sob esse ‘isso fala dele’ que, como também diz Lacan, reencontramos o ‘é ali que ele se apreende’, isto é, o nível do significado”. Esse é o primeiro movimento da estruturação significante do sujeito, onde se dá o efeito da linguagem, momento de sua identificação, em que o sujeito é nomeado.

No *Seminário 9, A Identificação* (1961/62, p.14), Lacan elabora a identificação primária do ideal do eu, e esclarece que a identificação é uma questão de nomeação, e não de significação. Ele parte da função do traço unário e diz: “não pode haver definição do nome próprio senão na medida em que nós apercebemos da relação da emissão nomeadora (nommante) com algo que em sua natureza radical é da ordem da letra” (LACAN, 1961/62, p.14). Esses nomes próprios já existiam muito antes do aparecimento da escrita, e mesmo as pessoas que não sabem ler se servem deles.

É por isso que Lacan “considera a letra – isto é, algo que se homologa ao nome próprio e não ao nome comum – como o elemento, o núcleo do processo de identificação” (BRUNO, 2001, p. 236). O esquizofrênico, portanto, não é nomeado, ele é significado pelo “isso não fala dele”, pois ele não passou pela fase da identificação que, como diz Lacan, é uma questão de nomeação. Ao contrário, o paranoico, a partir do momento em que é nomeado, tem instituída a identificação, mesmo não tendo o Nome-do-Pai em sua constituição.

Lacan, em “De uma questão preliminar” (1957-58/1998, p. 572), diz que “a paridade simbólica (...) tem sua raiz nos caminhos imaginários por onde o desejo da criança vem a se identificar com a falta-a-ser da mãe, à qual, é claro, ela mesma foi apresentada pela lei simbólica onde essa falta se constitui”. É daí que ocorre o que Lacan chama também de a primeira identificação, momento em que é introduzido o primeiro significante (S1) na simbolização, o significante materno. Como na esquizofrenia não foi instituído o significante S1, pode-se dizer que não houve a primeira identificação.

Lacan (1962-63/2005, p. 133) havia feito menção a esse fato, ao mostrar no espelho convexo a possibilidade da fantasia do corpo despedaçado, apresentada entre os esquizofrênicos. Mas, para que aquilo que determina essa fantasia não ficasse somente nessa explicação, através do esquema ótico, ele recorre a uma pesquisa

referente ao assunto. Ele menciona o caso de uma mãe de esquizofrênico que lhe declara que no momento de sua gravidez, quando seu filho se encontrava em seu ventre, para ela, ele não passava de “nada além de um corpo, inversamente cômodo ou incômodo, ou seja, a subjetivação do *a* como puro real”.

Fato é que ao longo de seu ensino, Lacan vai abandonando a expressão sujeito, preferindo usar o termo *fa/asser*, até porque na questão da falta-a-ser permeia o gozo, bem explorado em sua clínica fundamentada no real, o que será abordado no terceiro capítulo.

2.3 Estádio do espelho: momento crucial

Lacan, em seu *Seminário 3* (1955-56/1988), no capítulo VII, *A dissolução imaginária*, faz menção ao que Freud escreve sobre o caso do presidente Schreber. Ali ele diz que toda a explicação que Freud dá, sobre o delírio, está implicada com a noção do narcisismo que, nessa época, ainda não se encontrava seguramente elucidada por ele. Nesse momento, ele repete a ‘ de que “antes de se voltar para os objetos exteriores, havia uma etapa em que o sujeito toma o seu próprio corpo como objeto” (LACAN, 1955-56/1988, p. 106-107), ou seja, certa posição possível para o sujeito.

Sobre isso Lacan está de acordo com Freud, e deixa claro que o centro do problema é, justamente, a retirada de interesse da libido pelo objeto exterior:

trata-se para nós de elaborar o que isso pode querer dizer. Em que plano essa retirada se exerce? Sentimos bem que há alguma coisa que modificou profundamente o objeto, mas basta imputar isso a um desses deslocamentos da libido que colocamos no fundo dos mecanismos das neuroses? Quais são os planos, os registros, que nos permitirão cercar as modificações do caráter do outro que sempre são, bem o sentimos, o fundo da alienação da loucura? (LACAN, 1955-56/1988, p. 107).

Em outras palavras, Lacan observa que é necessário investigar em que plano essa retirada da libido se dá: no imaginário, no simbólico, ou real? E, também, o que acontece ao eu, com a retirada da libido do objeto exterior.

Reconhece a importância da linguagem, do simbólico, inclusive muito presente ao assegurar que “para que estejamos na psicose, é preciso haver distúrbios de linguagem, e é essa, em todo o caso, a convenção que lhes proponho adotar

provisoriamente” (LACAN, 1955-56/1988, p. 110). E, sem dúvida, isso leva seu leitor diretamente à sua formalização sobre o estágio do espelho, que pode ser lido em seu esquema “L”.

Ao trabalhar a noção do narcisismo, a partir do estágio do espelho, Lacan o considera uma relação imaginária, central para a relação inter-humana, a qual classifica como uma relação erótica:

toda identificação erótica, toda apreensão do outro pela imagem numa relação de cativação erótica, se faz pela via da relação narcísica – e é também a base da tensão agressiva. (...) É exatamente para isso que serve o estágio do espelho. Ele põe em evidência a natureza dessa relação agressiva e o que ela significa (LACAN, 1955-56/1988, p. 110).

Por outro lado, na década dos anos 1960, no *Seminário 10*, momento em que Lacan trabalha a angústia, ele faz a seguinte afirmação sobre o autoerotismo:

Antes do estágio do espelho, aquilo que será *i(a)*⁶ encontra-se na desordem dos pequenos *a* que ainda não se cogita ter ou não ter. Esse é o verdadeiro sentido, o sentido mais profundo a ser dado ao termo “autoerotismo” – ou sentir falta de si, ... de uma ponta à outra. Não é do mundo externo que sentimos falta, ... mas de nós mesmos (LACAN, 1962-63/2005, p. 132).

E, assim, reitera que é nessa fase, anterior ao estágio do espelho, que se pode encontrar fundamentos para a fantasia do corpo despedaçado, presente entre os esquizofrênicos. É o que reassegura Quinet (2006), a partir de Lacan, salientando que esta fantasia é localizada na fase das imagens do corpo despedaçado pelas pulsões autoeróticas, anteriores à constituição da imagem gestáltica e ortopédica do eu, a partir da imagem do outro.

De acordo com Lacan (1949/1998), a imagem especular pode ser apreendida pelo *infans* a partir de seis meses de idade, momento em que a criança ainda se encontra numa impotência motora e na dependência do Outro. Nessa fase pode ser percebida a manifestação da matriz simbólica “em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (LACAN, 1949/1998, p. 97). Em outras palavras, entende-se que, nesse momento, o *infans* ainda não se constituiu como sujeito da linguagem.

⁶ *i(a)* “ imagem real, imagem do corpo” (LACAN, 1962-63/2005, p. 49).

O estágio do espelho tem como função estabelecer a relação do organismo com sua realidade, ou, melhor dizendo, do *Innenwelt* com o *Umwelt*. Ao nível do imaginário, há uma delimitação da totalidade do corpo, uma *gestalt*, desenvolvida pelo espelho, pela mãe, ou pelo outro, cuja função primeira é a estruturação do sujeito.

O que sobretudo é demarcado aqui é a distinção entre o *Innenwelt* (mundo interno) e o *Umwelt* (meio ambiente); essa relação diferencia o homem do animal, na medida em que o animal é adaptado a um *Umwelt* uniforme, onde haveria um “encaixe perfeito”, uma identidade do *Innenwelt* com o *Umwelt*, portanto uma visão de completude jamais encontrada no homem. A imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu, marcando que a questão do eu ou do corpo próprio, para o homem, passa pela constituição de seu espaço (AMORIM, 2012, p. 77).

No estágio do espelho há uma estruturação do sujeito, uma operação psíquica na qual ele se constitui através da identificação com o outro, onde a imago cumpre a função de antecipação sobre um ponto de carência do sujeito, produzindo a ilusão de unificação. É o que diz Lacan:

o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do *eu* (LACAN, 1949/1998, p. 100).

A dialética que une o *eu* do sujeito a situações socialmente elaboradas se dá através da identificação da *imago* do semelhante e, também, pelo drama do ciúme primordial, por ocasião da conclusão do estágio do espelho. Nesse momento, todo o saber humano se faz mediar pelo desejo do outro e, também, a própria normalização dessa maturação passa a depender, no homem, de uma intermediação cultural.

Lacan, nesse texto “O estágio do espelho” (1949/1998), explica que o termo narcisismo primário, designado pelo investimento libidinal desse momento, revela uma oposição dinâmica entre essa libido narcísica e a libido sexual. E daí emergem pulsões de destruição, ou até mesmo de morte” (LACAN, 1949/1998, p. 102), que explicam a relação da libido narcísica com a função alienante do “*eu*”, com a agressividade destacada por essa, na relação com o outro.

Um pouco mais à frente, no texto “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1946/1998), tópico 3, Lacan trabalha a função da *imago*, e adverte que não se deve confundir o “Eu” com o ser do sujeito, e nem tampouco com a síntese das funções de relação do organismo. O “Eu” deve ser concebido como as identificações ideais da história do sujeito, que representam os mais puros dentre os fenômenos psíquicos, por revelarem a função da *imago*.

O autor admite a ideia de que o “Eu” representa o ser do sujeito, mas, tudo o limita em relação a esta representação, uma vez que quase toda a vida do organismo lhe foge ao domínio. Segundo ele, o “Eu” do sujeito se constitui através da alienação fundamental na imagem do outro. O primeiro efeito dessa *imago* é a alienação do sujeito em decorrência da prematuração em que nasce: “É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio” (LACAN, 1949/1998, p. 182)

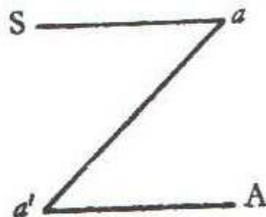
Para Alvarenga (1990), a concepção freudiana de que as pulsões autoeróticas dão origem à unidade do eu aproxima-se do que Lacan formula como estágio do espelho, onde o eu se constitui inicialmente a partir de um narcisismo relacionado à imagem especular do corpo, constituinte da imagem do eu. Um segundo narcisismo seria introduzido, através desse reflexo no espelho, numa identificação ao outro, posicionando o homem no mundo através de uma relação imaginária e libidinal.

Não é difícil compreender, portanto, que pelo fato de a criança, ao nascer, se encontrar na dependência do Outro, que pode ser a mãe ou alguém que dela cuida, é que nesse momento ela se encontra numa posição de objeto do Outro. Sobre isto, Lacan traz um comentário, no *Seminário 17 O avesso da psicanálise* (1969-70/1992), abordando o desejo da mãe como aquele que causa sempre estragos. Refere-se à mãe como um grande crocodilo em cuja boca a criança se encontra sempre em perigo caso essa bocarra se feche. Mas, também apresenta algo de tranquilizador que poderia salvar a criança desse desejo avassalador da mãe: “É o que se chama falo. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha” (LACAN, 1969-70/1992, p. 105). É o que será desenvolvido a seguir.

2.4 O esquema L

Em “De uma questão preliminar” (1957-58/1998), mais especificamente na p. 555, estudando o inconsciente, em seu retorno a Freud, Lacan retoma a seu esquema “L” para formulação da relação do sujeito com seu Outro. Nesse esquema situa as relações simbólicas e imaginárias do sujeito e aponta: “o estado do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro A. O que nele se desenrola articula-se como um discurso (o inconsciente é o discurso do Outro)”. E, nesse discurso, o sujeito está implicado nos quatro cantos do esquema, ou seja: “S, sua inefável e estúpida existência, a , seus objetos, a' , seu eu, isto é, o que se reflete de sua forma em seus objetos, e A, lugar de onde lhe pode ser formulada a questão de sua existência” (LACAN, 1957-58/1998, p.555).

Esquema L



(Escritos, 1955-56/1998, p. 555)

A partir de A, a questão do sujeito sobre sua existência pode ser formulada na forma: “Que sou eu nisso?”. E isso em referência a seu ser e a seu sexo. Essa questão no Outro se articula na forma de elementos do discurso particular. Os significantes de seu discurso se ordenam como alteridade em relação a si. E a partir da introdução do significado que neles deposita, haverá a constituição de sua estrutura. Dessa forma, o sujeito S se constitui sob uma alienação em relação ao campo do Outro, A. O eu do sujeito, o a' , se constitui através dessa relação simbólica, quando o sujeito pode investir em seus objetos a .

A estruturação do sujeito, no campo da neurose, se dá com a operação simbólica, como se pode ver no eixo S – A, relativo à incidência da lei paterna. Essa é uma operação que vai incidir na separação do sujeito do campo do Outro, onde se dá uma perda fundamental. Essa operação fundante não se realiza nas psicoses. Diante da ausência estrutural do Nome-do-Pai, uma coincidência entre os campos do imaginário e simbólico se revela, como se o ser se condensasse ao seu organismo, ou à sua própria imagem.

Segundo Lacan (1955-56/1998, p.558), no eixo a' – a, da relação narcísica, é a imagem especular que unifica os elementos do corpo despedaçado “e fornece um par... para servir de homólogo à relação simbólica Mãe-Criança”. Sem o vazio, sem a hiância que aliena o sujeito à sua própria imagem, ele não poderia construir essa relação com o simbólico, não se constituir como sujeito para a morte. Como Lacan já indicou que é nessa face anterior à imagem especular que se encontra fundamento para a fantasia do corpo despedaçado na esquizofrenia, pode-se pensar que nesta não se dá essa relação simbólica Mãe-Criança, pela falta desse vazio.

2.4.1 O esquema R

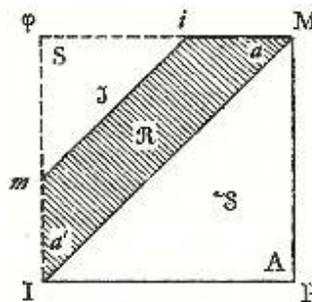
Conforme observa Miller no texto “Suplemento topológico a ‘Uma questão preliminar’...” (1996), neste momento Lacan era muito freudiano, situa Freud em posição de corte na história da loucura, mas consagra pouco espaço para a análise de seu texto sobre Schreber. Incorpora descobrimentos de Freud posteriores a esse caso, interpreta e, às vezes, critica Freud de 1911, a partir de Freud de 1914 ou 1920, construindo, na verdade, um segundo texto freudiano sobre Schreber.

Para se dar conta disso, basta observar a construção que Lacan faz, do que chamou esquema “R”, “ que expõe um plano projetivo”, e do qual se pode derivar o esquema “I”, esquema da estrutura do sujeito ao término do processo psicótico. Nesse esquema “R” ele dá visibilidade à teoria do narcisismo, sua articulação com a castração, e ali o ideal do eu desempenha papel fundamental. Vale recordar que a teoria do objeto a ainda não existia, no momento que desenvolve este texto, pois se ela existisse seguramente Lacan o teria relacionado com o “deixar plantado”, vivido por Schreber.

Pode-se dizer que em “De uma questão preliminar” Lacan desenvolve, com empenho, a determinação significante na psicose. E o faz por meio da foraclusão do Nome-do-Pai, como falha na estrutura simbólica, que repercute na estrutura imaginária, reduzindo-a à estrutura elementar chamada estágio do espelho, ou seja, trabalha a foraclusão e a regressão tópica do sujeito ao estágio do espelho, duas condições que Miller (1996) considera como inseparáveis, na análise lacaniana presente neste texto, ainda que mais se fale da foraclusão. É essa solidariedade entre foraclusão do Nome-do-Pai, e regressão tópica, o que torna compreensível o esquema “R”, construído por dois triângulos.

Para Lacan (1957-58/1998, p. 559), o esquema R “representa as linhas de condicionamento do *perceptum*, ou, em outras palavras, do objeto, na medida em que essas linhas circunscrevem o campo da realidade”. Nele encontram-se dois triângulos: o triângulo imaginário e o simbólico.

Esquema R



(Escritos, 1957-58/1998. p. 559)

Nos vértices do triângulo simbólico encontra-se “I” como ideal do eu, “M”, representando o objeto primordial, na outra extremidade “P” se posicionando em A, lugar do Outro como Nome-do-Pai. Os dois termos imaginários da relação narcísica – o eu e a imagem especular, são representados pelos outros dois vértices, *i* e *m*. O campo

da realidade está inserido dentro do registro do imaginário delimitado pelo quadrilátero “*Mimi*”, onde se revela a banda de Moebius:

Basta dizer isso, já que, a partir daí, esse campo será apenas o lugar-tenente da fantasia ao qual esse corte fornece toda a estrutura. Queremos dizer que somente o corte revela a estrutura da superfície inteira, por poder destacar nela os dois elementos heterogêneos que são (marcados em nosso algoritmo [$\$ \leftrightarrow a$] da fantasia) o $\$, S$ barrado da banda, a ser esperada aqui onde ela efetivamente surge, isto é, recobrando o campo R da realidade, e o a , que corresponde aos campos I e S. Portanto, é como representante da representação na fantasia, isto é, como sujeito originariamente recalcado, que o $\$, S$ barrado do desejo, suporta aqui o campo da realidade, e este só se sustenta pela extração do objeto a (LACAN, 1957-58/1998, p. 560).

Ao não se esquecer que a função do Nome-do-Pai é a de fazer o ponto de capitonê na ordem simbólica, esclarece-se que, enquanto metáfora, é o significante que detém o deslizamento da significação e recorta, para o sujeito, o campo da realidade. Quando falta esse significante, abre-se um buraco no significado, relativo à significação fálica, determinando uma dissolução da estrutura imaginária, chegando até mesmo a desnudar a relação especular em seu caráter mortal, na qual se proliferam os fenômenos duais de agressividade, transitivismo e, inclusive, despersonalização, enfatiza Miller (1996). O delírio, se chega à condição de metáfora delirante, é forma de suplência à metáfora paterna, estabilizando significante e significado.

Através do Esquema “R”, Lacan trabalha a subjetividade do sujeito, mostrando que Schreber, com a perda da realidade, tem desarticulada a imagem especular, levando-o à destruição da unificação narcísica. Isso é o que faz com que Schreber tenha vivências de gozo nos órgãos do corpo.

Para Miller (1996), o “Esquema R” supõe a teoria do narcisismo, faz articulação com a teoria da castração e inscreve o ideal do eu, que nesse esquema tem um desempenho essencial. Lacan, ao implicar o pai como significante, introduz o Nome-do-Pai na lei do significante, que é a lei do tudo ou nada. Com a forclusão desse significante, pelo que parece, não existe meio termo, o sujeito é psicótico e não lhe resta salvação.

2.4.2 A metáfora paterna

Lacan (1957-58/1998), após ter trabalhado o delírio de Schreber, desenvolve a metáfora paterna para mostrar que Schreber teve desarticulada a imagem especular, por não ter instituído no imaginário a significação do falo, pela falta dessa metáfora.

Dessa forma, elabora a metáfora paterna concernendo-a à função do pai, que se encontra no centro da questão do Édipo formalizado por Freud. Desde então, na teoria lacaniana a neurose se constitui sob a referência da função do pai, enquanto a psicose, como a estrutura que carrega a carência dessa metáfora. Diz ele:

o pai é uma metáfora. Uma metáfora... é um significante que surge no lugar de outro significante. (...) O pai é um significante que substitui um outro significante. (...) A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno (LACAN, 1957-58/1999, p. 180).

Lacan valorizou a função do pai, na psicose, já percebida pelo psicanalista William Niederland, ao mencionar a antinomia existente entre Schreber e a paternidade, escreve Miller (1996). A diferença é que Lacan implica o pai na questão, na condição de significante, diferentemente do que ele mesmo fazia até o “Discurso de Roma” (1953/2003), onde esse pai aparecia enquanto imago. O que chamou de Nome-do-Pai obedece à lei significante, que é a do tudo ou nada, não cabe o mais ou menos, e daí, se ele faltar, a psicose é a condição.

Para Lucas Nápoli (2012), com a ideia de Nome-do-Pai Lacan procura resolver como se pode entender a questão da realidade. Para isso, ele usa a expressão Nome-do-Pai como uma chave, como um software. Para Lacan, as palavras de início não têm um significado definido, mas dependem de um contexto, não tendo um significado fixo. Assim, para saber o significado de uma frase, precisa-se saber qual é a palavra que fecha a frase, determinando seu limite. A respeito do sentido e da significação, Lacan nos *Escritos*, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998), diz que o sentido insiste na cadeia significante, mas nenhum de seus elementos se dá na significação. Lacan, no entanto, não diz que não possa ter uma possibilidade de se circunscrever, de alguma forma, a significação das frases. E escreve sobre o que faz ponto de basta nas frases, o que ele chama de ponto de estofo: “descobri-o na função diacrônica da frase, porquanto ela não afivela sua

significação senão com o último termo, cada termo sendo antecipado na construção dos outros e, inversamente, selando-lhes o sentido por seu efeito retroativo" (LACAN, 1960/1998, p. 820). Assim, o que apreende a significação da frase é esse ponto de estofo, é a metáfora paterna, ou seja, o falo como simbólico.

Segundo Nápoli, Lacan entendeu a realidade como se fosse uma imensa frase, e a partir do fato de que o sujeito já nasce imerso na linguagem, ele é regido pelas leis do significante; chamou a essa frase de cadeia significante, que é representada pelos significantes (S1, S2, S3...). E para que a pessoa entenda essa frase, na qual nasceu e está imerso, é preciso que alguém lhe apresente o último elemento dessa enorme frase, para que se possa apreender seu significado. Portanto, essa última palavra, esse último elemento, Lacan o designou Nome-do-Pai. Ao designar esse último elemento como Nome-do-Pai, Lacan quis dizer que nossa realidade, dentro de qualquer período histórico, será sempre Patriarca. Dessa forma, o Nome-do-Pai seria essa última palavra para se interpretar a realidade segundo a lógica patriarcal e fálica.

É o que ele desenvolve em "De uma questão preliminar" (1958/1998), ao analisar a subjetividade do delírio de Schreber, através da fórmula da substituição significante:

Fórmula da substituição significante

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{x} \rightarrow S \left(\frac{1}{s} \right)$$

(Escritos, 1958/1998, p. 563)

Aqui, os "S" são os significantes, o "x" a significação desconhecida do desejo da mãe, e o "s" minúsculo o significado induzido pela substituição significante, de S' por S. A elisão do S', que aqui foi cortado por um traço, é o sucesso da metáfora. É através desse processo que se dá a metáfora do Nome-do-Pai.

Fórmula da Metáfora Paterna

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left(\begin{array}{c} \text{A} \\ \text{Falo} \end{array} \right)$$

(Escritos, 1958/1998, p. 563)

Na neurose essa substituição metafórica acontece, o sujeito se constitui como sujeito do discurso, podendo localizar a falta no Outro. Na psicose ocorre a falta de um significante, Nome-do-Pai, que significa a Lei do Édipo e indica a ausência de uma *Bejahung*, a afirmação de um significante primordial, que na carta 52, da correspondência de Freud a Fliess, esse significante é isolado como termo de uma percepção original, sob o nome de signo, *Zeichen*. Instaura-se, assim, o não funcionamento da função fálica. Dessa maneira, a *Verwerfung* foi vista, por Lacan, como a *foraclusão* do significante Nome-do-Pai.

É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na foraclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose (LACAN, 1957-58/1998, p.582).

Quinet (1997), valendo-se do texto freudiano *Totem e Tabu* (1912/13-1996), faz uma analogia da posição estrutural do sujeito psicótico como objeto da mãe, desse Outro primordial. O primeiro tempo lógico do Édipo conta com esse Outro absoluto, momento no qual a criança se encontra como objeto de uso pessoal da mãe, já que identificada ao falo imaginário. E a criança só é retirada dessa posição, pela operação metafórica, quando o Nome-do-Pai passa a significar o desejo do Outro.

No texto *Totem e Tabu*, “O assassinato do pai pelos membros da tribo e a ereção consecutiva do totem que o representa correspondem à introdução da lei simbólica, ou seja, à passagem do pai à metáfora da lei” (QUINET, 1997, p. 18). A partir disso é que Lacan assemelha o pai morto ao Nome-do-Pai. Na psicose, é por não ter essa lei que o Outro está no lugar dessa figura que goza do psicótico como um objeto que lhe pertence.

Lacan (1957-58/1998, p. 582), em “De uma questão preliminar”, traz a concepção da cadeia significante como sendo inaugurada pela simbolização primordial,

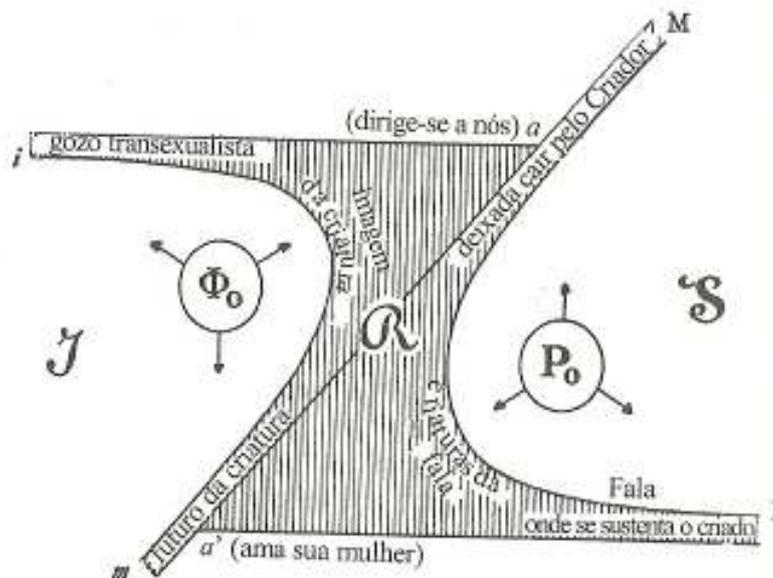
que é o jogo do *Fort Da*, freudiano, constituído na origem do automatismo de repetição, lugar em que ela se torna manifesta, “essa cadeia se desenvolve segundo ligações lógicas cuja influência sobre o que há por significar, ou seja, o ser do ente, se exerce pelos efeitos de significante”, quer dizer, pela metáfora e metonímia.

Segundo Miller (1996), Lacan ao esquematizar a articulação do simbólico, do real e do imaginário, de acordo com a distorção entre os dois esquemas R e I, não coloca o acento sobre as estruturas nas psicoses. Em “De uma questão preliminar”, após ter elaborado o esquema R, Lacan parte em direção ao esquema I para obter um esquema do estado terminal do delírio de Schreber. Para isso, ele transforma o esquema R, ele o distorce, passando de um plano projetivo para um esquema topológico.

2.4.3 O esquema I, representação da fase terminal do delírio de Schreber

Lacan transpõe a posição do sujeito que se constitui numa ordem simbólica no esquema R para o sujeito no esquema I. Aqui, o sujeito se encontra “largado”, se encontra em um abandono fundamental que emerge pela forclusão do Pai, a ausência constituída na primordial simbolização, o M da Mãe.

ESQUEMA I



(Escritos, 1957-58/1998, p. 578)

Este esquema mostra:

na dupla curva da hipérbole que ele desenha, exceto pelo deslizamento dessas duas curvas ao longo de uma das retas diretrizes de sua assíntota, o vínculo tornado sensível, na dupla assíntota que une o eu delirante ao outro divino, de sua divergência imaginária no espaço e no tempo com a convergência ideal de sua conjunção (LACAN, 1957-58/1998, p. 578).

No esquema I, Schreber reconstrói o campo da realidade com uma metáfora delirante que o mantém estabilizado por algum tempo. Essa metáfora, segundo Lacan (1955-56/1988), é a compensação imaginária da inexistência do Édipo. Com ela, o psicótico procura compensar essa falta simbólica através do imaginário. Schreber já havia experimentado, no registro do imaginário, pela falta da metáfora simbólica, uma hiância que foi resolvida por ele com a efetivação da emasculação (*Entmannung*). Aí Lacan localiza o gozo transexualista, que faz a reconstituição da estrutura imaginária.

Miller (1996) indica que para se conseguir o esquema I, partindo dessa construção elementar, faz-se necessário entender que aqui o Nome-do-Pai e a significação fálica não estão presentes, e que nesse esquema, no lugar desses triângulos imaginário e simbólico, encontram-se duas linhas. Segundo ele, entre o esquema R e o esquema I, pode-se introduzir uma espécie de figura provisória, “duas secções de uma hipérbole que vocês podem complementar com retas diretrizes da assíntota” (MILLER, 1996, p. 127). Na reta em que se encontram as letras *m* e *M*, em um lado e outro apoia-se a função hiperbólica que representa o movimento assintótico que se verifica no próprio texto de Schreber. “A realização da copulação hierogâmica é, com efeito, recuada indefinidamente, ainda que continue a ser prometida” (MILLER, 1996, p. 128). Mas, esse movimento em sentido contrário do segmento *m* ao *M*, sobre a mesma assíntota, presta-se a mostrar a divergência entre o eu de Schreber e seu Deus como uma promessa de encontro entre eles.

Miller comenta que há coisas no texto de Schreber que, apesar de estarem indicadas, não se apresentam desenvolvidas por Lacan, essencialmente essa relação no eixo *m* e *M* que, segundo Miller (1996, p. 128), “escreveria com esse selo tão cômodo $M \leftrightarrow m$ ”. Para ele, nesse texto acontecem mais coisas do que realmente mostra esse esquema em uma primeira abordagem. E para justificar a figuração assintótica da relação do eu de Schreber e seu Deus, Lacan expõe o adiamento sem

fim da realização dessa relação. De acordo com Miller, ao se reler o texto de Schreber e o desenvolvimento aí construído por Lacan com o auxílio da noção do objeto *a* e do mais-de-gozar, percebe-se que o gozo, prometido no término desse movimento assintótico, indefinido e recuado, é ao mesmo vivido por Schreber no presente.

Com isso, Miller (1996) faz um estudo do esquema I de Lacan, nele localizando Schreber como o próprio objeto *a*, a partir do momento em que Lacan desenvolve o que do gozo interessa ao real, e distinguiu gozo fálico e gozo do Outro. Miller comenta que o próprio texto do delírio de Schreber aponta a contradição da relação do sujeito com o gozo.

Miller (1996) faz um retorno em “De uma questão preliminar” (1957-58/1998) à fase em que Schreber se compara a um duplo cadáver leproso, para localizá-lo aí, como o próprio objeto *a*. Ele explica que, se se vincular esse momento ao que Lacan traz mais tarde com a teoria do objeto *a*, pode-se ver a dissolução da imagem de *i(a)* que desnuda o objeto como *a*, como resto, dejetivo. Isso é o que leva Schreber a se comparar a uma carniça, ao próprio objeto. Pois, segundo Lacan, *i(a)* é uma forma de casulo para esse objeto *a*, que encarna a miséria do sujeito. Para Miller, o que se configura nas primeiras páginas do texto de Schreber é precisamente a retirada desse casulo que torna visível a miséria do sujeito. Segundo ele, esse *a* não é a função imaginária *a* que Lacan se remetia em 1958, pois lhe faltava ainda esse recurso do objeto *a*.

Parece que Miller, com essa explicação, quis mostrar exatamente o que Freud destacou como uma fase esquizofrênica no delírio de Schreber (o que já se encontra explicitado no início deste trabalho. Nesse momento, Schreber faz uma regressão ao autoerotismo, e não ao narcisismo, como relata Lacan. Pode-se constatar que esse fenômeno é próprio do autoerotismo, momento em que o corpo é cortado pelas pulsões autoeróticas, fase anterior ao estádio do espelho – lugar em que se dá a unificação da imagem do corpo.

Entendido isso, ao se acompanhar Lacan em seus estudos posteriores fica evidente que o tema fundamental no texto de Schreber é o medo de ser “deixado largado”, seguido de seu preenchimento de gozo. Isso pode ser percebido nas várias vezes que Deus o penetra, o invade, para depois recuar e voltar: “Esse losango de

relação em seu batimento em eclipse figura exatamente a pulsação do gozo sempre cada vez mais precipitada, um gozo que Schreber não para de testemunhar” (MILLER, 1996, p. 130). O “milagre do uivo”, destacado por Lacan na p. 151 de *As psicoses* (1955-56/1988), corresponde exatamente ao momento em que de Schreber emana o que vinha “cumulá-lo de gozo. Digo ‘cumulá-lo’ uma vez que é assim que, no último apêndice de suas *Memórias...*, ele mesmo se descreve e convida a ciência para vir confirmá-lo: seu peito sofre pulsações, inchações alternadas” (MILLER, 1996, p. 130). Como se certifica desse gozo, convida a comunidade para também certificar-se dele.

De acordo com Lacan, no Esquema I,

se o Criado I assume ali o lugar em P deixado vago pela Lei, o lugar do Criador designa-se por esse *liegen lassen* [deixar largado], esse abandono fundamental em que parece desnudar-se, pela forclusão do Pai, a ausência que permitiu construir-se na primordial simbolização o M da Mãe (LACAN, 1956-57/1998, p. 570).

Para Miller (1996, p. 130-131), nesse esquema I, o Criador aparece sob a forma da letra M “e que, nesse sentido, é certamente a mãe que aí figura, ousaria dizer, o protótipo do nome-do-pai”. Aí a mãe realiza sua primeira simbolização por sua ausência, “e o vai e vem que a estrutura é reencontrado em todas as páginas do próprio texto de Schreber” (LACAN, 1996, p.131), o que remete ao “*Fort-Da*”, formulação freudiana do jogo do carretel.

A partir disso, sabendo que Freud classificou o caso Schreber como uma demência paranoide, ou seja, com fases esquizofrênicas e paranoicas, pode-se dizer que, como paranoico, Schreber teve instituída a primeira simbolização que é adquirida por meio da operação de alienação. Miller (1996), nesse texto, trabalha a paranoia de Schreber, porém indica que como Lacan havia mostrado em “De uma questão preliminar” (1957-58/1998), no início de sua doença Schreber fez regressão ao autoerotismo, e não ao narcisismo. Miller não fala de fase esquizofrênica, mas de autoerotismo. A seguir será desenvolvida a não extração do objeto *a* na esquizofrenia, a partir da operação de divisão do sujeito apresentada por Lacan no *Seminário 10, A angústia* (1962-63/2005), e no *Seminário 11* (1964/1998), com a operação da alienação.

2.4.4 A esquizofrenia e a não extração do objeto a

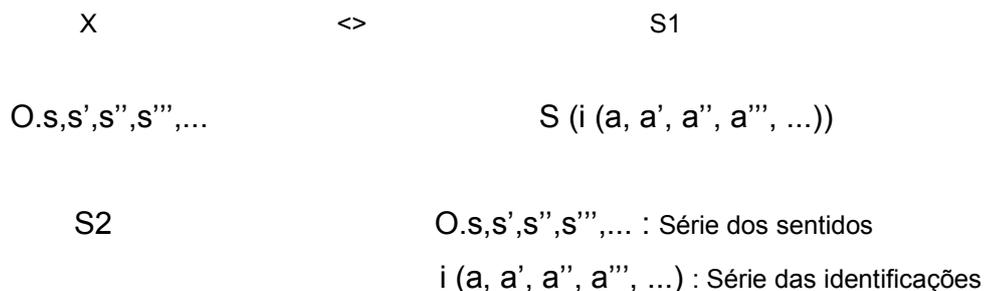
Lacan, no *Seminário 10, A angústia* (1962-63/2005, p. 192), trabalha a divisão significante do sujeito dizendo que o sujeito primitivo, sujeito do gozo, “vai em direção a seu advento como sujeito, conforme a imagem de uma divisão do sujeito S em relação ao A do Outro, já que é por intermédio do Outro que o sujeito deve se realizar”.

Na operação de divisão do sujeito encontram-se três patamares que correspondem aos três tempos dessa operação. São eles: o gozo, a angústia e o desejo. E o que sobra dessa operação subjetiva Lacan denominou “a”: “O a é o que resta de irreduzível na operação total do advento do sujeito no lugar do Outro, e é a partir daí que ele assume sua função” (LACAN, 1962-63/2005, p. 179).

Diante disso, e do que já foi escrito, percebe-se que na estrutura psicótica e, obviamente, na esquizofrenia, não ocorreu essa divisão subjetiva, conseqüentemente não houve a extração do objeto a; poder-se-ia dizer que o esquizofrênico permanece como sujeito do gozo. E, para Lacan (1962-63/2005, p. 192), “o gozo não conhece o Outro senão através desse resto, a”.

No *Seminário 11* (1964/1998), Lacan refere-se à estrutura psicótica como sendo constituída pela falta do intervalo significante entre S1-S2. A solidificação do par significante primordial acontece pela ausência do falo simbólico, considerando que a forclusão do Nome-do-Pai impede a separação entre o objeto-criança e o Outro. É o que mostra Lacan, quando escreve:

É na medida em que, por exemplo, a criança, a criança débil toma o lugar, no quadro, em baixo à direita, desse S, em relação a esse algo em que a mãe a reduz a não ser mais que o suporte de seu desejo num termo obscuro, que se introduz na educação do débil a dimensão do psicótico (LACAN, 1964/1998, p. 225).



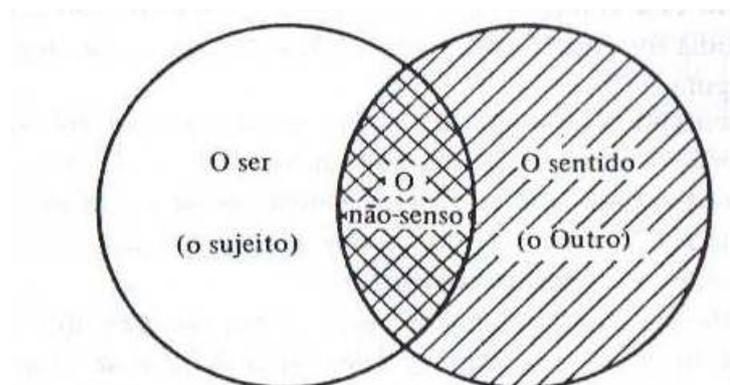
E ressalta que, na psicose, não há a abertura dialética por causa dessa solidez de S1-S2, por esse modo de apanhar a cadeia significante primitiva em massa. O que também pode ser entendido por meio do processo da alienação, tal como Lacan a propõe, nesse seminário, não seguida de separação.

Como diz Lacan, tudo surge da estrutura do significante, e a estrutura origina-se da função do corte. A relação do sujeito se dá, propriamente, num processo de hiância: “O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação” (LACAN, 1964/1998, p. 197). Entretanto, o significante ao fazer o sujeito funcionar como sujeito, o reduz a apenas um significante, petrificando-o, mas é nesse movimento que o significante chama o sujeito a funcionar, a falar. Essa operação, em que se origina o sujeito, constitui o *vel* que condena o sujeito a só surgir na divisão em que, se ele aparece de um lado como sentido, do outro ele aparece como *afânise*.

O *vel* da alienação se define por uma escolha cujas propriedades dependem do seguinte: que há, na reunião, um elemento que comporta que, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência um *nem um, nem outro*. A escolha aí é apenas a de saber se a gente pretende guardar uma das partes, a outra desaparecendo em cada caso (LACAN, 1964/1998, 200).

A operação de alienação pode ser representada por dois círculos, contendo no centro uma interseção, o não-senso (o inconsciente). De um lado, tem-se o ser (o sujeito), do outro, o sentido (o Outro).

Esquema da alienação



(Seminário 11, 1964/1998, p. 200)

Se escolhermos o ser que se encontra no círculo à esquerda, o sujeito que se encontra abaixo desaparece, cairia no não senso. Se escolhermos o sentido, ele só subsiste sem a parte que se encontra no não senso, momento da constituição do inconsciente, onde o sujeito advém. Se o sujeito encontrasse o seu gozo perdido, ou, conforme Freud, o objeto perdido, que se perdeu no processo de separação, estaria pleno, completo, mas, também, encontraria a morte. Enquanto sujeito do significante desapareceria, dissolvendo-se no Outro. Assim, se o processo da alienação não for acompanhado pela separação, o sujeito encontrar-se-á na via de uma escravidão. Sem o advento de seu desejo, pela não extração do objeto *a*, poder-se-ia dizer que o psicótico se encontra na escravidão de objeto de gozo do Outro. Entretanto, já ficou explícito que a esquizofrenia é um tipo clínico da estrutura psicótica, e nela o sujeito não alcança o processo da alienação. Fica evidente, portanto, que o que Lacan trabalha no *Seminário 11* é a paranoia.

Essa afirmação de que o psicótico se encontra em posição de gozo do Outro faz com que seja necessário percorrer as formalizações sobre o Outro, feitas por Lacan, para se compreender melhor a condição do esquizofrênico, já que sua estrutura é psicótica.

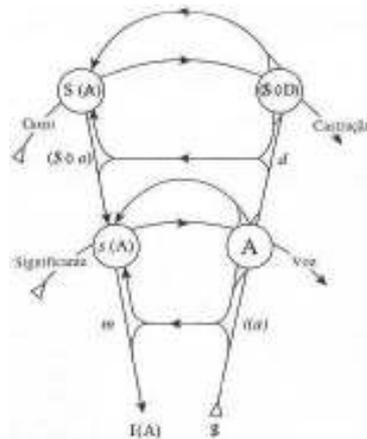
3 SEGUNDO CAPÍTULO: PONTOS CRUCIAIS ADVINDOS DO VAZIO NÃO SIMBOLIZADO NA ESQUIZOFRENIA

Neste capítulo serão considerados pontos cruciais para se afirmar a existência de uma esquizofrenia. Inevitavelmente algo escapará, pois isso é o que decorre quando se seleciona certa abordagem. O que se tenta, no entanto, é certa ordenação lógica do assunto, passando por pontos que fazem distinção na manifestação esquizofrênica e nos recursos que o sujeito busca para lidar com a questão do vazio que não foi simbolizado. Elege-se abordar os seguintes pontos cruciais: o grafo do desejo, para mostrar que na esquizofrenia o sujeito não acede ao desejo; o Outro na esquizofrenia; na esquizofrenia todo simbólico é real; difração do Ideal do eu e labilidade do significado; o esquizofrênico se encontra fora do discurso; a alucinação como uma expressão do real que surge do vazio não subjetivado.

3.1 O grafo do desejo: na esquizofrenia o sujeito não acede ao desejo

É no *Seminário 5* (1957/58-1999) que Lacan, ao desenvolver sobre o desejo do sujeito, dá início ao grafo do desejo é também onde o Outro como faltoso ganhará contornos estruturais. Nesse seminário presencia-se o desenvolvimento desse grafo que alcançará seu término no *Seminário 6* (1958/59, inédito). E, posteriormente, no ano de 1960, Lacan retoma sua esquematização no texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, em *Escritos* (1998).

Portanto, é a partir do momento em que Lacan identifica uma falta estrutural na ordem simbólica, que através do grafo do desejo ele observará que o sintoma não se encontra somente articulado a uma significação do discurso do Outro. Assim, ele não pode ser completamente atribuído à metáfora paterna, por implicar uma operação de tradução. E, nesse momento, a clínica já trazia à tona que o sintoma não podia ser completamente decifrado pela linguagem. Isso que persiste, que escapa à tradução é o que se refere à falta estrutural do Outro.



O Grafo do desejo (Escritos, 1960/1998, p. 831)

O grafo do desejo foi fundamentado na oposição necessidade-demanda-desejo, e diz respeito às relações do sujeito mítico da necessidade, “o atravessamento da demanda e seu mais além, o desejo”.

O desejo do sujeito é articulado às marcas deixadas pela demanda do Outro. Posto que o desejo do sujeito é o desejo do Outro, o sujeito precisa encontrar uma via para sair do assujeitamento do Outro. Segundo Lacan, é pela via do desejo, pelo objeto que causa o desejo, que o sujeito alcançará o andar superior do grafo. Mas, o sujeito só encontrará o objeto de seu desejo explorando o desejo do Outro.

No grafo existem duas perguntas formuladas pelo sujeito, e aí se encontram duas possibilidades: uma se relaciona à falta, e a outra visa preencher a falta. Aqui, o que se articula à falta é a fantasia, fórmula encontrada por Lacan para conceber o objeto a causa do desejo, e uma forma de ver o \$, sujeito barrado, e sua relação com o objeto.

O grafo inscreve que o desejo é regulado a partir da fantasia, assim formulada de maneira homóloga ao que acontece com o eu em relação à imagem do corpo, exceto que ela continua a marcar a inversão dos desconhecimentos em que se fundamentam, respectivamente, um e outro. Assim se fecha a via imaginária (...) (LACAN, 1960/1998, p. 831).

Portanto, é a fantasia que protege o sujeito frente à castração do Outro, castração que implica o desejo, que encobre a realidade. Lacan determinou como objetos a reais o peito, as fezes, a voz e o olhar, “todos os fantasmas do sujeito se articulam com um destes objetos e é justamente esta articulação que impede chegar ao real” (IGLESIAS, 1996, p. s/n).

A parte inferior do grafo tem relação com a via imaginária, e na parte superior encontra-se o círculo que se fecha numa significação, representado por $S(\bar{A})$, que se lê:

significante de uma falta no Outro, inerente à sua função mesma de ser o tesouro do significante. Isso, na medida em que o Outro é solicitado (*che vuoi*) a responder pelo valor desse tesouro, isto é, a responder, certamente, de seu lugar na cadeia inferior, mas nos significantes que constituem a cadeia superior, ou seja, em termos de pulsão (LACAN, 1960/1998, p. 832-833).

Na parte de cima do grafo, a cadeia inconsciente fecha sua mensagem com um significante que traduz a falta de significante no Outro. Na cadeia inferior esse significante mostrava que o Outro (A), como tesouro do significante, era completo. Portanto, do lado direito do grafo encontra-se o tesouro (A) com todos os significantes. E à esquerda, localiza-se o $S(\bar{A})$, que traduz a falta no valor do tesouro, que corresponde ao significante que falta no Outro, significante que representa o sujeito. É o que diz Lacan: “a falta de que se trata é que: não há Outro do Outro”. Para Iglesias (1996, p. s/n),

$S(\bar{A} \text{ barrado})$ é a marca da interdição do gozo infinito, não é a simples proibição de gozo infinito, mas a marca que este recebe do significante. O significante da falta no Outro está ligado com o complexo de castração em Freud e o complexo de castração é a marca da interdição sobre o gozo infinito.

Como se vê, o psicótico que não está submetido à castração, não é portador do significante da falta no Outro, não conseguindo aceder ao desejo, permanece como objeto de gozo do Outro. Quanto à esquizofrenia, a questão do desejo nesse tipo clínico é a de um desejo anônimo, o que já se encontra explícito no primeiro capítulo deste estudo, no item, 2.2 Sujeito na esquizofrenia: “isso não fala dele”.

3.2 O esquizofrênico e sua relação com o Outro

De acordo com Miller (2006), em seu livro *O Outro que não existe...*, a época dos comitês vem de encontro à inexistência do Outro. Os comitês eram o lugar em que aconteciam os debates sobre o verdadeiro, sobre o belo, sobre o bom, sobre o valor exato do dito, sobre as palavras e as coisas e sobre o real. Isto faz com que se questione a morte de Deus – Deus como o Outro, como o que garante a verdade. Mas chega-se a um contexto de que Deus não está morto, porque a sua morte e a morte do pai formalizada por Freud em *Totem e Tabu* (1912/13) não destroem seu poder,

inclusive o eterniza e serve de vel para a castração. O que se estabeleceu na psicanálise como o reino do Nome-do-Pai, se define pelo significante de que o Outro existe e, portanto, é contemporâneo da morte de Deus, que também corresponde à época da psicanálise de Freud. Esse Outro existente teve seu fim com o matema desenvolvido por Lacan $S(\bar{A})$ que se lê significante do Outro barrado, e se instaurou com a pluralização dos Nomes-do-Pai. *O Seminário 20, Mais, ainda* (1972/73) foi o palco do reconhecimento da inexistência do Outro; com isso, o Outro passa a nada mais que um semblante, inaugurando a época da psicanálise lacaniana.

Nos anos 50, Lacan apoiando-se numa ideia hegeliana e Kojéviana pensava de forma unificada o discurso do Outro e o discurso universal. Com o sentimento de uma fragmentação discursiva, e com um Lacan mais clássico, surge um duplo estatuto do Outro, um Outro consistente A, seguido de uma inconsistência do Outro marcado por uma barra (\bar{A}), anunciando um déficit no Outro, uma extinção, restando somente seu significante, o significante do Outro barrado $S(\bar{A})$, com o desaparecimento do Outro.

Segundo Miller (2006), com a evolução da construção teórica Lacan é tomado pela necessidade de desdobrar esse Outro como lugar no interior dele mesmo, passando ao Outro do Outro. Ele é desdobrado como estrutura e como ponto de estofa, como Outro do significante e Outro da Lei. O Outro da Lei é o Nome-do-Pai representado pelo ponto de estofa, dentro do Outro do significante na estrutura mesma da linguagem. O Nome-do-Pai aqui é um significante especial que se destaca diante dos outros. Nesse momento o Outro do Outro existe como garantia e ponto de estofa do primeiro enquanto estrutura, garantindo a intenção de significação, a verdade da interpretação.

Aqui também se percebe que o esquizofrênico não tem relação com o Outro devido ao fato de ele não ter instituído o significante Nome-do-Pai, enquanto Outro da lei, representado pelo ponto de estofa que articula significante e significado. Como foi visto no primeiro capítulo desta pesquisa, no item, 2.2 Sujeito na esquizofrenia: “isso não fala dele”, o esquizofrênico se localiza no estágio onde “isso não fala dele”, não sofrendo uma sujeição do significante, não se constituindo como sujeito do significante. Por isso sua dificuldade em lidar com os significantes, com o simbólico.

No momento em que Lacan desenvolve que o Outro do Outro não existe, mostra que o (\mathcal{A}) se refere ao segundo Outro, que passa a um significante especial $S(\mathcal{A})$, desaparecendo a garantia da verdade. A partir daí pode-se expressar $S(\mathcal{A})$ de várias maneiras: significante do Outro barrado, o Outro é incompleto, falta um significante no Outro, o Outro é inconsistente, possui um elemento não significante, o Outro é um semblante, e como Sujeito suposto Saber tem uma estrutura de ficção. Na orientação lacaniana, quando se diz que o Outro não existe significa que o Outro não é real, “não é mais que uma estrutura de ficção como o sujeito suporte saber mesmo” (MILLER, 2006, p. 120)⁷, o que é real é o gozo como objeto a .

De acordo com Miller (2006), Lacan inspirado na ciência – que contém o saber –, na articulação matemática e no real elabora os quatro discursos no *Seminário 17* (1969-70/1992), restaurando o lugar do Outro, porém, o coloca num lugar distinto de toda captura do sujeito. Assim, Lacan toma o discurso a partir do Outro como estrutura no real. E sustenta que é o discurso que funda o laço social, e não o contrário. Daí pode-se compreender melhor a afirmação em que se diz que o psicótico está fora do discurso e, portanto, do laço social, o que obviamente se aplica ao esquizofrênico.

No primeiro ensino lacaniano o Outro era o articulador entre significante e significado, no segundo ensino, era o discurso, e no terceiro ensino é o nó de borromeo que vem como grampo, é o que vem no lugar do Outro, ou seja, o nó é o Outro, não mais como um elemento particular e isolável.

Miller (2006) comenta que ainda há um último grampo, o *sinthoma*, e que para chegar nesse ponto, Lacan articulou muitas respostas sobre a questão do simbólico no real. O simbólico no real teve várias indicações: como o Outro no lugar da verdade, da Lei, do discurso e do saber. “Mas quase ao final de sua investigação sobre os nós percebe que é essencialmente a mentira” (MILLER, 2006, p. 122)⁸. O simbólico no real é uma mentira, é a palavra que sempre engana, sendo que do real não se pode dizer a verdade, levando em conta a definição do real. Entre real e sentido há uma oposição, no real não existe sentido a não ser o *sinthoma*. Este é real, mas, mantém um sentido, ele é uma mentira sobre o real, exatamente sobre a inexistência da relação sexual,

⁷ *no es más que una estructura de ficción como el sujeto supuesto saber mismo.*

⁸ *“Pero casi al final de su investigación sobre los nudos percibe que es esencialmente la mentira”*

onde o *sinthoma* vem em suplência. Contudo, se o Outro não existe, o *sinthoma* é o último laço, evidentemente, é o *sinthoma* que existe.

Miller (2008), em *O Parceiro sintoma*, mostra que o conceito de Outro, em Lacan, acaba por se reduzir a duas maneiras: o Outro como sujeito e o Outro como lugar.

O Outro como sujeito é um verdadeiro sujeito, é aquele que fala, o que diz o que não se espera dele, é um sujeito que surpreende e mente. Lacan para situar o Outro como um verdadeiro sujeito mostra, no capítulo XIX do *Seminário 2* (1954-55/1985), que esse sujeito não é o duplo do sujeito, não é o outro especular, o seu semelhante, nem tampouco é a personagem que se relaciona à linguagem. Esse sujeito é precisamente o eu (*moi*), que se encontra no eixo imaginário $a - a'$. O Outro é o sujeito da intersubjetividade, o outro com minúscula *a*, é o que corresponde ao imaginário desse sujeito. A partir do momento em que o sujeito lida com um certo número de personagens a' , a'' , e os coloca em relação com sua própria imagem, ele se identifica com aqueles com quem fala. Assim, “nós nos endereçamos de fato aos A1, A2, que é aquilo que não conhecemos, verdadeiros Outros, verdadeiros sujeitos. (...) O sujeito está separado dos Outros, os verdadeiros, pelo muro da linguagem” (LACAN, 1954-55/1985, p. 308).

No *Seminário 5* (1957/58-1999) Lacan situa o Outro como um sujeito, a mãe, por exemplo. Nesse momento, fala da primeira simbolização ligada às primeiras articulações do *Fort-Da*. Segundo ele, é a partir do desejo já passado à demanda que ele encontra o destino ao qual se dirige, seu objeto primordial, a mãe. O desejo é articulável, e no mundo onde impera a fala o desejo de cada um submete-se à lei do desejo do Outro. A demanda do sujeito cruza com maior ou menor sucesso a cadeia significante que se encontra ali latente e estruturante. “Por esse simples fato, a primeira experiência que ele tem de sua relação com o Outro, ele a tem com esse Outro primeiro que é sua mãe, na medida em que já a simbolizou” (LACAN, 1957-58/1999, p. 194), constituindo-a como sujeito através da primeira simbolização. A partir disso, poder-se-ia pensar que como na esquizofrenia não houve a operação da primeira simbolização, a criança não subjetivou esse Outro.

Miller (2008) chama a atenção para o Outro como lugar. O Outro, agora, já não é um sujeito, ele é a encarnação da ordem simbólica. É um lugar, lugar do significante, expressão que leva ao menos a duas coisas: em primeiro lugar está a bateria significante, o nível radical do significante, e em segundo, o significante em seu nível semântico, o lugar dos usos do significante. Aqui, já se encontra no nível do morfema e da frase, e não no nível do fonema. Entendido isso, pode-se dizer que o Outro definido como lugar do significante é o Outro da Coisa, o Outro que situado no funcionamento do princípio do prazer, quase leva a vida a zero. Este é o Outro que fica mortificado, o Outro do significante, e em seu exterior se encontra o que se encarna de vida na coisa.

Pode-se pensar que, como na esquizofrenia não se encontra a mediação da linguagem por falta do significante Nome-do-Pai, o Outro do significante não foi subjetivado.

No *Seminário 17* (1969-70/1992), Lacan desenvolve seus discursos e, como produto desses discursos, designa o *a* como mais-de-gozar. De acordo com Miller (1998/2008, p. 245)⁹, “o mais-de-gozar é a representação em micro do que era a Coisa em macro”. O mais-de-gozar é o gozo da Coisa que no seminário *Ética da psicanálise* (1959/60-2008) aparece como o Outro da ordem simbólica de um lado e, do outro, como a zona enigmática da Coisa a que só se tem acesso por uma transgressão.

O Outro como lugar, portanto, aparece anônimo, surge como lugar do significante, lugar da palavra, estrutura da linguagem, cadeia significante, o simbólico, o inconsciente como discurso do Outro. Aqui acontece a articulação do significante e do significado, e a relação deles ao referente, tendo o ponto de estofa como um grampo que amarra esses elementos.

Lacan (1960/1998) salienta que o Outro, como aquele que precede o sujeito do significante, situa-se numa posição mestra, de dominação, mesmo antes de ter acesso à existência como absoluto Senhor/Mestre. E indica que o que é omitido na moderna teoria da informação é que só se pode falar de código na medida em que este já é o código do Outro: “ora, é de algo bem diferente que se trata na mensagem, uma vez que é por ela que o sujeito se constitui, uma vez que é do Outro que o sujeito recebe a própria mensagem que emite” (LACAN, 1960/1998, p. 821). Lacan comenta que esse

⁹ *el plus-de-gozar es la figura en micro de lo que la Cosa era en macro.*

Outro como lugar da “Fala” se impõe como testemunha da “Verdade”. E do sujeito na psicose afirma: “Mensagens de código e códigos de mensagem distinguir-se-ão como formas puras no sujeito da psicose, aquele que se contenta com esse Outro prévio” (LACAN, 1960/1998, p.821). Pode-se dizer que o esquizofrênico, ao contentar-se com esse Outro prévio, se encontra na posição de objeto desse Outro, que enquanto linguagem o escraviza num mundo desarticulado. Sofre os efeitos da linguagem que o habita, invadindo-o, fazendo de seu corpo seu instrumento.

3.3 A não simbolização primordial na esquizofrenia: todo simbólico é real

Lacan, no *Seminário 3, As psicoses* (1955-56/1988, p. 21), diz “que tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real”, ou seja, na *Bejahung* o que não foi deixado ser aparece no real. Assim, o que o sujeito suprimiu em sua abertura para o ser, não será reencontrado em sua história, lugar que, no caso do recalque, virá a reaparecer. E Lacan repete a frase de Freud: “o sujeito não quererá saber nada disso no sentido do recalque”, e para que ele tivesse algum conhecimento disso, de alguma maneira, isso teria que ter vindo à luz pela simbolização primordial.

Em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, *Escritos* (1960/1998, p. 661), Lacan usa a expressão “relação de objeto *no real*, para dizer que a mãe, a princípio, é um objeto que existe no real. Ela se torna simbólica na medida em que sua ausência é simbolizada. É justamente essa ausência que instaura o vazio no real. Para que o sujeito se constitua no simbólico é necessário uma operação de esvaziamento. Como esse processo não se dá na esquizofrenia, Lacan caracteriza o esquizofrênico nessa posição, onde o simbólico é real, por não acontecer o efeito da linguagem no real.

Em Lacan (1958/1998), no matema sobre metáfora paterna, pode-se localizar o esquizofrênico escrevendo essa operação a partir do primeiro vazio, que é o desejo enigmático da mãe, simbolização da presença-ausência. Da mesma forma, em Freud, sobre seu escrito do *Fort-Da*, “há um primeiro vazio que, sendo significante, produz um efeito de significado que é algo enigmático, algo desconhecido” (SOLER, 1999/2001, p. 239). Lacan, em *De uma questão preliminar...* (1957-58/1998), diz que o desejo da

criança se identifica com a falta-a-ser da mãe. É daí que ocorre o que Lacan chama também de a primeira identificação, momento em que é introduzido o primeiro significante (S1) na simbolização, o significante materno. Como na esquizofrenia não foi instituído o significante S1, pode-se dizer que não houve a primeira identificação.

A esquizofrenia, portanto, pode ser atribuída a uma perturbação na constituição do ideal do eu, ou seja, a um acidente ocorrido na primeira identificação. É a partir dessa inconsistência imaginária que na esquizofrenia o sujeito não pode contar com o eu para construir uma metáfora delirante, como acontece na paranoia, pois na primeira identificação o ideal do eu é marcado por uma difração originária. No *Seminário 10, A Angústia* (1962-63/2005, p. 133), de acordo com Lacan não há integração do ideal do eu, isso resulta da não nomeação da criança no desejo da mãe. Como já abordado no primeiro capítulo deste trabalho, Lacan ressalta que a mãe do esquizofrênico apreende seu filho como sendo “nada além de um corpo, inversamente cômodo ou incômodo”. Como na esquizofrenia a primeira simbolização não acontece, Lacan indica que para o esquizofrênico todo simbólico é real.

No primeiro capítulo deste estudo pode-se ver, com Freud, que na esquizofrenia a palavra é tratada como coisa, ela não representa nada, ela não reenvia à significação. Para Soler (1999/2001, p. 238-239), Freud, em seus dois textos *O inconsciente* (1915) e *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917), “trata a esquizofrenia no nível do simbólico. Lacan, em sua resposta a Jean Hyppolite, desenvolve uma tese muito semelhante em que o simbólico se define pelo fato de produzir e incluir um vazio”. Aí Lacan mostra a forclusão e aponta sua diferença do recalque. Nesse momento ele dá a definição do simbólico como o que se produz através da operação da linguagem sobre o real. O que insere o vazio no real. Como o esquizofrênico não passou pela simbolização primordial, que propicia esse vazio, o simbólico para ele é real, é um simbólico que antecede à simbolização primeira. Ao contrário, para o paranoico que se encontra inserido na primeira simbolização, nem todo simbólico é real. Lacan (1955-56/1988, p.57), ao analisar os fenômenos da paranoia e os fenômenos da alucinação verbal, usa a expressão “o que foi rejeitado do simbólico reaparece no real”, mas este não é o caso na esquizofrenia, pois nela o significante é real. Segundo Lacan, pelo fato de a cadeia S1 – S2 se encontrar rompida é que pode-se dizer do significante no real. A

cadeia pode estar rompida, mas os dois significantes estão lá. Isso pode ser visto no *Seminário 11* (1964/1998, p. 225), momento em que Lacan traz a holófrase para dizer da paranoia: “quando não há intervalo entre S1 e S2, quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia”, é disso que se trata na psicose, “essa solidez, esse apanhar a cadeia primitiva em massa, é o que proíbe a abertura dialética”....

Um significante sozinho, o Um, S1, não esclarece o que significa, portanto é elementar. Só o significante Dois, S2, pode fazer surgir a significância de S1, pois, assim, já se encontra significante para interpretar. Portanto, a significação no fenômeno elementar não se desdobra, por se tratar de um só significante, o S1. Pelo contrário, o delírio se equivale ao S2: “Quer dizer que o sentido ocorre a partir do delírio, o qual corresponde à descrição sobre o primário, o secundário, etc.” (Miller, 2009, p. 18).

Para explicar o processo da alucinação, Lacan (1957-58/1998, p. 541) busca um fenômeno apresentado por uma de suas pacientes, em suas apresentações clínicas. Um homem amante de sua vizinha havia lhe proferido, ao cruzar com ela no corredor do prédio, a ofensiva palavra “porca”. A paciente admitiu, em sua entrevista, que ao avistar o homem ela havia murmurado as palavras: “Eu venho do salsicheiro...” A paciente confessa que o que a família de seu ex-marido, “aqueles camponeses queriam fazer a essa imprestável moça da cidade” era picá-la em pedacinhos. E Lacan explica: “não importa se é ou não necessário recorrer à fantasia do corpo despedaçado para compreender como a doente, prisioneira da relação dual, torna a responder aí a uma situação que a ultrapassa” (LACAN, 1957-58/1998, p. 541). Nesse instante ela se encontra em tamanha perplexidade por reconhecer que a frase era alusiva, sem compreender a quem se referia a alusão. Lacan mostra, aqui, que

no lugar em que o objeto indizível é rechaçado no real, uma palavra faz-se ouvir, porque, vinda no lugar daquilo que não tem nome, ela não pode acompanhar a intenção do sujeito sem dele se desligar pelo travessão da réplica (LACAN, 1957-58/1998, p. 541)

Nesse caso, a cadeia encontra-se rompida, mas há a presença de S1 e S2. Em um primeiro momento, o significante “porca” surge sob a forma de alucinação. Lacan faz aparecer o outro significante que já estava lá, “Eu venho do salsicheiro”. Esse segundo significante que já estava lá, presente na frase com sua significação enigmática, é o mesmo x que representa o desejo da mãe na metáfora paterna. No

entanto, “porca” é um significante no real, um significante que está sozinho, mas ele não está sem o outro do qual está separado.

Portanto, o significante real é um elemento sozinho, e não representa o sujeito. No caso apresentado, o significante “porca” representa o sujeito, deduz-se então que houve a simbolização primordial do eu.

Aqui se poderia usar a fórmula da neurose “um significante representa o sujeito para outro significante” na paranoia, mas não na esquizofrenia. Como indica Lacan, quando o significante não representa o sujeito, esse significante é levado à fragmentação, à pulverização.

Como já mostrado, o significante no real encontra-se na paranoia, separado do segundo significante. Nesse caso, o delírio reconstitui a cadeia, ao escrever o significante S1, no real, ele refaz uma cadeia S2. No caso da esquizofrenia, o significante não é um referente, ele é real, ele não representa nada. Na neurose e na paranoia a metonímia funciona. É o que indica Lacan em “A instância da letra...” (1957/1998, p. 519): “a metonímia instala a falta do ser na relação de objeto”.

Nos *Escritos* (1964/1998, p. 849), Lacan também se refere à metonímia como “a diacronia (chamada “história”)”. De acordo com Lacan, um conteúdo, para ser historiado, é preciso que tenha sido simbolizado. Dessa maneira, só se encontra a historização primária se houver simbolização primária. Visto que o esquizofrênico não passou pelo processo da primeira simbolização, pode-se dizer que na esquizofrenia não se encontra a metonímia.

Segundo Quinet (2006, p.69): “Freud concebe a existência da representação-meta inconsciente, à qual garante o encadeamento significante, da mesma forma que no sonho, na histeria e na paranoia”. A fragmentação do significante na esquizofrenia pode ser representada pela desagregação manifesta nos distúrbios das associações na esquizofrenia. O que Lacan designa por significante mestre, Freud, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), chama de representação-meta. E diz que um pensamento desprovido de representação-meta poderia ser encontrado num estado de desagregação psíquica imaginável.

O significante mestre, S1, é o significante que se articula aos significantes S2, como rede de saber, permitindo a articulação da cadeia significante. É através dessa

articulação que os pensamentos têm uma meta imposta pelo desejo. Na esquizofrenia é a ausência do significante S1, como suporte dessas representações-meta do pensamento, que resulta na dispersão dos significantes, resultando na dispersão do gozo, dos órgãos do corpo, dos membros e do pensamento.

Lacan, no *Seminário 20* (1972-73/1985, p. 196), teoriza o *Há Um*, para mostrar que o significante UM é *Um-entre-outros*, e que não se trata de qualquer um, e, assim: “se levanta um S1, S1 que soa em francês *essaim*, um *exame* significante, um exame que zumbe”. Essa dispersão significante se opõe ao exame significante, que é representado pelo significante-mestre articulado ao S2 pela repetição significante, por ser esse S1 um significante coletivizador, articulado a uma rede de saber que é o inconsciente. Em sua elaboração do matema do *essaim*, um *exame* significante, esclarece que aí se pode colocar vários S1: $S1 (S1 (S1 (S1 \rightarrow S2)))$. E escreve: “S1, esse um, o exame, significante-mestre, é o que garante a unidade, a unidade de copulação do sujeito com o saber” (LACAN, 1972-73/1985,196).

Na esquizofrenia, o S1 não corresponde à ordem significante estruturada e, assim, se encontra uma infinidade de S1, sem nenhuma hierarquia, o significante S1 se transforma em um significante qualquer.

3.4 A labilidade do significado: resultado da difração originária do ideal do eu

Bruno (2001, p. 234) ajuda na compreensão da labilidade do significado, na esquizofrenia, ao dizer de um caso clínico. Esse paciente apresentava a “difração originária do ideal do eu”, e já em uma idade avançada teve desencadeada sua esquizofrenia. Até então, trabalhava desenvolvendo uma profissão intelectual de alto nível. Esse sujeito relata que fora tomado por uma espécie de automatismo, e quando pensava em uma palavra, ela simplesmente se dividia em duas, e essas duas, em seguida, cada uma delas se decompunha novamente em duas, e assim por diante, até o momento em que o universo da significação desmoronava.

Observa-se, dessa maneira, que o esquizofrênico, impossibilitado de reconstruir esse universo do significado, por meio da metáfora delirante, é colocado diante de um impasse: a significação para ele acaba por se dispersar, pulverizar, como diz Lacan

(1975-76), nesse desmoronamento da realidade. Ele acaba tendo que depender de um grande Outro, para que esteja sempre garantindo a significação do sentido.

No seminário sobre as psicoses (1955-56/1988), Lacan comenta o fato das psicoses não desencadeadas valendo-se do mecanismo do *como-se*, avaliado pela Sra. Helena Deutsch como uma dimensão significativa da sintomatologia dos esquizofrênicos. Segundo ele, esse é um mecanismo de compensação imaginária do Édipo ausente. O esquizofrênico pode se manter no convívio social, comportando-se como se estivesse dentro da norma fálica, por seu caráter imitativo do meio.

De acordo com Lacan, o caso analisado por Katan diz de um rapaz na puberdade que, em seu período pré-psicótico, tudo lhe falta, no que diz respeito ao que possa realizá-lo no modo viril. E ele tenta uma tipificação do modo viril através de uma imitação de um de seus colegas. Assim, apesar da ausência do Nome-do-Pai que é o significante da virilidade, esse sujeito apresenta um comportamento normalmente viril, mas jamais entrou no jogo dos significantes, a não ser por esse meio de imitação: “A não integração do sujeito no registro do significante nos dá a direção na qual a questão se põe quanto ao prévio da psicose” (LACAN, 1955-56/1988, p. 285).

Em *O ato psicanalítico*, resumo do seminário de 1967-68, na p. 375, que se encontra em *Outros Escritos*, Lacan escreve: “A comprovada impossibilidade do discurso pulverulento é o cavalo de Troia por onde entra na cidade do discurso o senhor [*maître*] que é o psicótico” (LACAN, 1967-68/2003, p.375). O esquizofrênico reina na linguagem, como diz Lacan, como Senhor/Mestre, mas está fora do discurso por não portar o Nome-do-Pai. Assim, ele zomba da ordem instituída, mas às vezes se questiona por que está fora.

Pode-se dizer que o esquizofrênico, ao contentar-se com esse Outro prévio, se encontra na posição de objeto desse Outro, que enquanto linguagem o escraviza num mundo desarticulado. Sofre os efeitos da linguagem que o habita, invadindo-o, fazendo de seu corpo seu instrumento.

3.5 O fora do discurso na esquizofrenia

O psicótico, por foracluir a castração, não operar com o Nome-do-Pai no lugar do Outro, é considerado, por Lacan (1972/2003, p. 492), como estando fora do discurso. Mas, isso não impede suas tentativas de fazer laço social através do investimento nas palavras, da alucinação, do delírio e da arte, visto que ele está no campo da linguagem.

O psicótico, como “o fora-do-discurso”, representa o avesso do laço social estabelecido. Ele é esse fora do discurso que se encontra livre dos discursos estabelecidos, mostrando aos neuróticos que eles se encontram presos nos discursos. Portanto, quanto aos discursos estabelecidos os psicóticos são livres, são seus avessos. Há uma impossibilidade real relativa ao gozo do psicótico que o impede de entrar nos laços sociais. E na esquizofrenia há o retorno do gozo no corpo, um gozo que não foi limitado pelo falo. Esse gozo ilimitado, gozo absoluto, é a condição do esquizofrênico. Esse gozo pode ser presumido nos tropeços da simbolização, através de fenômenos clínicos como a angústia – aparecendo aí algo de real no gozo do esquizofrênico. Por isso é que o fora do discurso questiona a forma de relacionamento com os outros, se tornando uma função interpretante.

A fala do psicótico se apresenta fragmentando a linguagem, despedaçando o corpo do esquizofrênico. Dessa maneira, seus órgãos falam por si só em suas vivências de alteração corporal que se apresentam sob a forma de linguagem de órgão, conforme mostra Freud em seu texto *Avaliação do inconsciente* (1915/1996).

Ao analisar o caso Schreber, Freud percebe que na esquizofrenia se dá uma manifestação das coisas de forma consciente, o que pode ser observado na linguagem, principalmente nos estágios iniciais: a fala é modificada, tomando um aspecto particular:

o paciente devota especial cuidado a sua maneira de se expressar, que se torna ‘afetada’ e ‘preciosa’. A construção de suas frases passa por uma desorganização peculiar, que as torna incompreensíveis para nós... Referências a órgãos corporais ou a inervações quase sempre ganham proeminência no conteúdo dessas observações (FREUD, 1915/1996, p. 202).

A esses sintomas da esquizofrenia pode-se acrescentar, de acordo com Freud, que eles por vezes se parecem com as formações substitutivas da neurose, mas, há uma especial diferença em relação ao substituto e ao material recalcado. Para uma

melhor compreensão, Freud traz como exemplo um caso que se encontra no início do desencadeamento de uma esquizofrenia, a paciente de Victor Tausk.

Descreve que ela chega à clínica após uma briga com seu amante. Lamentava que seus olhos estavam tortos, fazendo acusações ao amante, dizendo que ele “era hipócrita, um entortador de olhos, ele tinha entortado os olhos dela; não eram mais os seus olhos; agora via o mundo com olhos diferentes” (FREUD, 1915/1996, p. 202). Freud nota que a relação da paciente com o órgão corporal (o olho) representa o conteúdo de seus pensamentos: “Aqui a manifestação oral esquizofrênica exibe uma característica hipocondríaca: tornou-se ‘fala do órgão’” (FREUD, 1915/1996, p. 203). A paciente comenta, ainda, que ao estar na igreja, de pé, teve que mudar de posição bruscamente, como se estivesse sendo colocada por alguém numa outra posição. Fala, alegando injúrias ao amante, dizendo que ele é um ordinário, e a colocou igual a ele, colocando-a numa falsa posição.

Este movimento físico de mudar sua posição “retrata as palavras ‘pondo-a numa falsa posição’ e sua identificação com o amante” (FREUD, 1915/1996, p. 203). Freud alerta que todo encadeamento de pensamento tem como conteúdo uma inervação do corpo ou sua sensação.

No caso de uma histérica, ela teria revirado os olhos, ou se contorcido, inconscientemente. Mas, nem sempre a diferença entre manifestações histéricas e esquizofrênicas é visível ao nível dos fenômenos. Por isso Lacan adverte: “Nada parece tanto com uma sintomatologia neurótica quanto uma sintomatologia pré-psicótica” (LACAN, 1955-56/1988, p. 219).

Para Freud, as palavras na esquizofrenia são tratadas, portanto, como coisas. Elas apresentam o mesmo processo que produz as imagens do sonho, que são regidas por processos de *condensação* e *deslocamento*, a partir dos pensamentos latentes que se encontram no processo primário, característico da atividade mental inconsciente, onde toda estimulação provoca uma alucinação. As palavras passam por condensação, e se deslocam transferindo suas catexias entre si. Devido a suas grandes articulações, uma só palavra pode assumir a representação de um encadeamento de pensamento.

Segundo Freud (1915/1996, p. 205), o que confere caráter de estranheza ao sintoma na esquizofrenia e à formação substitutiva é a predominância da relação de palavra sobre a relação de coisa: “O que dita a substituição não é a semelhança entre as coisas denotadas, mas a uniformidade das palavras empregadas para expressá-las”. Assim, onde palavras e coisas não coincidem, a formação de substitutos na esquizofrenia difere das substituições nas neuroses de transferências.

Assim, ele traz outros casos para mostrar a distinção entre as formações substitutivas na esquizofrenia e nas neuroses: um paciente psicótico, que ele mantinha sobre observação, faz de sua pele a representação do complexo de castração. E toma como o órgão genital feminino um simples buraco que surge em seu rosto pela extração de um cravo. Outro paciente, encaminhado por Tausk, ao calçar as meias assemelhava os furos da malha ao órgão genital feminino. Freud indica que esses pacientes podem declarar a significação de suas inibições sem resistência alguma, ao contrário dos pacientes neuróticos.

Daí, devido ao fato de o esquizofrênico se encontrar fora do discurso, portanto, sem o amparo que lhe favorece delimitar os órgãos do corpo, ele precisa inventar funções para o seu corpo despedaçado. Seus órgãos não têm uma função estável, manifestando-se à revelia no sujeito.

3.5.1 A relação do corpo com o gozo na esquizofrenia

Para falar do corpo na esquizofrenia é necessário entender que, para Lacan, é a linguagem que outorga um corpo a um sujeito em qualquer estrutura. Em “Radiofonia” (1970/2003, p. 406), ele dá uma explicação muito importante sobre esse assunto e diz:

O primeiro corpo faz o segundo, por se incorporar nele. Daí o incorpóreo que fica marcando o primeiro, desde o momento seguinte à sua incorporação. (...) Mas é incorporada que a estrutura faz o afeto, nem mais nem menos, afeto a ser tomado apenas a partir do que se articula do ser, só tendo ali ser de fato, por ser dito de algum lugar. No que se revela que, quanto ao corpo, é secundário que ele esteja morto ou vivo (LACAN, 1970/2003, p.406).

É o corpo simbólico que faz de um organismo um corpo que se incorpora ao organismo. Ele é o lugar onde se inscrevem os significantes, é o que diz Lacan: “O corpo ... é ... aquilo que pode portar a marca adequada para situá-lo numa sequência

de significantes” (LACAN, 1970/2003, p. 407). E, só a partir da entrada no discurso que se dá através da apreensão do corpo simbólico é que o vivente pode encontrar as funções para seu próprio corpo. É como suplência dessa articulação simbólica que o esquizofrênico se reconhece, se mecaniza.

A incorporação do simbólico no corpo traduz um efeito sobre seu gozo. Sabe-se, com Lacan, que o Menos-Um situa o lugar do Outro, e que “pelo Um-a-Menos faz-se a cama para a intrusão que avança a partir da extrusão: é o próprio significante” (LACAN, 1970/2003, p. 407). A inscrição significante do Nome-do-Pai no lugar do Outro insere no gozo total uma divisão, situando o gozo fálico por um lado, e desvelando, por outro, uma perda de gozo que se deixa revelar erogeneizado em algumas partes do corpo.

Quando se diz que o esquizofrênico não entra no discurso, pode-se remeter ao dito de Lacan que afirma que um discurso só se define por uma impotência que é imposta pela barreira do gozo. Isso pode ser constatado no *Seminário 17* (1969-70/1992, p. 113), onde Lacan situa, no andar inferior do discurso do mestre, uma barreira representada por um triângulo. Na esquizofrenia não se tem essa barreira do gozo, portanto, de acordo com Miller (1985), aí verdade e produção se confluem.

No primeiro capítulo deste estudo viu-se o que Lacan chamou de operação de separação do sujeito e, também, o que é a metáfora paterna. Com o fracasso dessa operação de separação tem-se o fracasso da metáfora paterna, é o caso da psicose, o que já foi visto nesta pesquisa. Mas, é especificamente essa operação de separação que recupera a perda original do sujeito, ou seja, sua demência, devido ao furo da linguagem. Então, pode-se deduzir que o fracasso dessa separação deixa o sujeito sem demência, sem furo, fora das normas.

A metáfora paterna é uma normalização do gozo assexuado por vias do significante fálico. Diante da falha da metáfora, o gozo não simbolizado pelo falo se encontra à deriva. Como já se escreveu, o esquizofrênico não foi nomeado, ele não tem estado-civil, ele desvela, na dificuldade com seus órgãos, o estado nativo do sujeito.

Lacan, em “O Aturdito” (1972/2003, p. 455), escreve que “o corpo dos falantes está sujeito a ser dividido por seus órgãos, o bastante para ter que lhes encontrar uma função”. Somente após a significantização dos órgãos é que o ser falante inventa uma função significante para eles. É sabido que o órgão que se significantiza no discurso

psicanalítico é o falo. Essa significantização traduz a castração. E, a partir daí, esse órgão se separa da realidade corporal.

De acordo com Miller (1985, p. 17), como essa operação não acontece na esquizofrenia,

poder-se-ia dizer de uma significantização generalizada do corpo. No nível dedutivo isto é bastante conclusivo porque ao se admitir que a significantização de um órgão, cujo exemplo é a do órgão peniano, isso leva a situá-lo de alguma forma fora do corpo. Se estabelecermos uma significantização generalizada dos órgãos, efetivamente, podemos dizer: todos os órgãos estão fora do corpo.¹⁰

Essa significantização em massa não deixa um resto, esse resto que cai e articula os laços sociais na forma de discurso. É nos discursos que se estabelece o impossível da relação sexual inerente a esse real:

...deste real: que *não há relação sexual*, pelo fato de que um animal, d'estabiatat [*stabitat*] que é a linguagem, por habitá-lo [*labiter*] que para seu corpo cria um órgão – órgão que, por assim lhe ex-sistir, determina-o por sua função, desde antes que ele a descubra. É justamente por isso que ele fica reduzido a descobrir que seu corpo não é sem órgãos, e que a função de cada um deles lhe cria problemas – coisa pela qual se especifica o dito esquizofrênico ao ser apanhado sem a ajuda de nenhum discurso estabelecido (LACAN, 1972/2003, p.475).

Quinet (1997) escreve que na esquizofrenia não há separação entre significante e órgão, e essa é a razão que faz com que Freud afirme que, na esquizofrenia, o sujeito use a língua do órgão e tome as palavras por coisas. Isso se dá porque significante e significado estão separados, assim, palavra e coisa se equivalem, fazendo com que significante e órgão sejam uma única coisa. Com isso, “pode-se dizer que no esquizofrênico o corpo, como lugar do Outro, é o lugar do significante” (QUINET, 1997, p. 115). Na esquizofrenia se dá um despedaçamento dessa estrutura do Outro subjetivado, “que não está, portanto, presente, e o gozo faz retorno sobre o próprio corpo do sujeito” (QUINET, 1997, p. 115). Ao contrário, na histeria, como o significante marca o corpo, ocorre um despedaçamento imaginário. Já “no esquizofrênico é o gozo

¹⁰ *Se podría hablar de una significación generalizada del cuerpo. A nivel deductivo esto es bastante concluyente porque, si se admite que la significantización de un órgano, cuyo ejemplo es la del órgano peniano, conduce a ubicarlo de alguna manera fuera del cuerpo, si planteamos una significantización generalizada de los órganos, efectivamente, podemos decir: todos los órganos están fuera del cuerpo.*

do Outro que retorna sobre seu corpo para despedaçá-lo no real” (QUINET, 1997, p. 121). Ao tomar como exemplo um caso clínico, Quinet traz o caso de Charles apontado como de difícil diagnóstico estrutural, por haver muitas manifestações em nível corporal. Charles não sabe se é homem ou mulher e, para se sentir forte e viril, necessita de fazer ginástica todas as manhãs, mas ao exercitar-se é A Mulher que aparece. Diz que quando faz sua ginástica tem sua mãe. Sem a ginástica não é homem, mas quando a faz é a mãe. A prática de ginástica se desenvolve no banheiro de sua mãe, diante do espelho, entremeada de masturbação. E também foi aí que, sentado no vaso sanitário, ele passou pelo doloroso fenômeno onde sentia sua coluna vertebral se dobrando e a pele de suas costas se soltando. Para ele, era a pele de sua mãe que soltava, e ao olhar para seus ombros, dizia que eram os ombros de sua mãe. Quinet (1997, p. 120) comenta que Charles por não ter o corpo simbólico, seu corpo é preso no real como lugar do impossível, e para ele seu corpo é o lugar desse Outro não barrado. “É o Outro materno que faz irrupção em seu corpo trazendo um gozo sem lei, não coordenado nem objetivado” (QUINET, 1997, p.120). Em *Psicose e laço social* (2006), Quinet escreve que na esquizofrenia, no campo simbólico, o Outro se encontra fragmentado.

Barreto (1999, p. 146), em seu texto *Clínica diferencial das psicoses* cita Quinet quando diz que o Outro do esquizofrênico é o corpo, o qual se encontra despedaçado pela não unificação imaginária, pela não mediação com o real e “manejo enlouquecido da linguagem”.

O esquizofrênico, ao se encontrar fora do laço social, critica-o, apontando suas impossibilidades e a inconsistência do Outro. Outro reflexo encontrado na questão do funcionamento da linguagem, sem o amparo do discurso, impõe-se na ironia infernal do esquizofrênico, já expressada nas palavras de Quinet (2006, p. 53): “Outras armas que ele utiliza para rasgar os semblantes e acabar com o Outro no social são a ironia, o cinismo e a descrença”.

3.5.2 A ironia do esquizofrênico

Miller, em seu texto “Clínica irônica”, (1996, p. 190), qualifica a clínica do último ensino de Lacan de clínica universal do delírio, e diz que é aquela que parte do

seguinte ponto: “todos os nossos discursos não passam de defesas contra o real”. Defesas que não se encontram com o esquizofrênico, que faz de sua ironia uma arma contra toda relação social. O esquizofrênico não se defende do real através do simbólico, também não usa a linguagem como defesa do real, porque para ele o simbólico é real. Para Miller, aí se localiza a ironia do esquizofrênico, que não é o seu humor. Tanto a ironia quanto o humor fazem rir, mas são diferenciados na estrutura.

Em Freud, o humor, por sua relação com o supereu, é próprio ao neurótico, pois o humor se reporta ao Outro. Diferentemente, a ironia é do sujeito, ela vai contra o Outro, revelando sua inexistência e a falsidade que na verdade constituem os laços sociais. Laços sociais que são formas de discurso, que para Lacan são feitos de semblante, é o que mostra em seu Seminário (1971): *Não há discurso que não seja de semblante*.

Para Miller (1996, p. 191), “A ironia é a forma cômica tomada pelo saber de que o Outro não existe, isto é, de que, como Outro do saber, ele não é nada”. O humor pode relacionar-se ao sujeito suposto saber, que transforma em ironia a sua queda: “É nisso que, segundo Lacan, a psicanálise, na via prescrita por Freud, restaura a ironia na neurose” (MILLER, 1996, p. 191).

Além desses fenômenos apresentados pelo esquizofrênico, por se encontrar fora do discurso, o fenômeno da alucinação também é uma indicação da *Verwerfung*.

3.6 A alucinação esquizofrênica

Abordar este tema leva o leitor ao encontro daquilo que já aparece no *Seminário 1* (1953-1954) de Lacan. Ali ele retoma o caso do Homem dos Lobos, intitulado por Freud como *História de uma neurose infantil*,¹¹ trabalhando o fenômeno da alucinação.

Para Lacan, apesar de não poder classificar esse caso como uma esquizofrenia, tudo leva a crer que a alucinação apresentada pelo Homem dos Lobos se constitui num fenômeno psicótico. Isso porque, no processo da análise desse sujeito, “as contradições que apresentam os traços através dos quais seguimos a elaboração da sua situação no mundo humano, indicam uma *Verwerfung*, uma rejeição” (LACAN,

¹¹ *ESB*, XVII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

1953-1954/1979, p.73). Para esse sujeito era como se o plano genital não existisse. Essa rejeição é situada, por Lacan, no nível de uma não-*Bejahung*.

Segundo ele, para que algo exista para o sujeito é necessário que haja *Bejahung*. Quando esta não se produz, não há traço do plano genital no registro do simbólico. Assim, o único traço demonstrado pelo Homem dos Lobos foi a emergência, no mundo exterior, de uma pequena alucinação, na qual imagina ter cortado o dedinho. Essa é a forma pela qual a castração, não subjetivada por ele, emerge em sua alucinação.

O homem dos Lobos alucina que havia cortado seu dedinho, que este se encontrava preso apenas pela pele, não sente nenhuma dor, apenas uma grande ansiedade, fica mudo, não consegue dizer nada à sua babá que se encontrava ali, do seu lado. Naquele momento o Outro para ele não existe: “Há uma espécie de mundo exterior imediato, manifestações percebidas no que chamarei um real primitivo, um real não simbolizado, apesar da forma simbólica ... que toma esse fenômeno” (LACAN, 1953-1954/1979, p.74).

Miller (2009), seguindo as teorizações de Lacan em seu livro *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O Sinthoma*, comenta que o termo alucinação, usado por Lacan, a partir de Freud, coloca em questão o primário da historização: “Ela põe o dedo na falha, em uma falha na historização primária. A alucinação é ali apresentada como um fenômeno que escapa à história e ao remanejamento histórico subjetivo e semântico da verdade” (MILLER, 2009, p. 44).

Sabe-se que um conteúdo, para ser historiado, é preciso que tenha sido simbolizado. Dessa maneira, só se encontra a historização primária se houver simbolização primária. Seguindo Freud, Lacan argumenta que, na alucinação, o que retorna é um conteúdo não simbolizado, é o que escapou à simbolização primária, porém, não pôde ser historiado.

Miller sublinha que, quando Lacan traz a alucinação para discussão, é por já distingui-la dos fenômenos interpretativos, ou seja, a alucinação é sem Outro. Ela não é feita para um Outro, não é determinada pelo discurso do Outro, ela é insituável e, por isso mesmo, não se encontra no sítio do Outro, emerge fora do lugar do Outro. Em

contrapartida, lembra Miller (2009, p.47), “a paranoia se estabelece sobre uma relação sólida com o lugar do Outro”.

Lacan, no entanto, ao retomar Freud, em seu “Discurso de Roma” (1953/2003), pode dizer que na alucinação não há história vivida, não há vida vivida como história. Na foraclusão se encontra uma interrupção da história na qual não se pode restabelecer a continuidade, pois aqui o espaço de uma alucinação não contém a estrutura do recalado.

Na história, como escreve Miller, encontram-se vários termos do sentido, das leis da linguagem, enquanto do lado da foraclusão situa-se um real separado da fala e, como diz Lacan (1954-1998, p.391): “um real que fala sozinho” O homem dos lobos, por exemplo, mostra a significação de estranheza em que o sujeito se encontra no momento da alucinação, nem conseguindo comunicá-la ao Outro, especialmente ao Outro que do seu lado se encontrava, sua babá.

Lacan o vê capturado; ele acentua o aspecto de descontinuidade temporal, o “o esp de um laps” temporal, ou seja, o caráter de abismo temporal. Ele o apresenta como um funil temporal no qual o sujeito seria arrastado, retornando apenas em um segundo tempo àquilo que ele denomina a superfície do tempo comum. Portanto, definitivamente, ele enfatiza o caráter extratemporal do sentimento ligado a essa experiência da alucinação (MILLER, 2009, p. 50).

Conforme Miller (2009), pode-se dizer, em relação ao tempo, que não só existe um tempo cronológico, mas, também, um tempo atribuído à história, o tempo vivido na continuidade da existência da história, contínuo. Na alucinação tem-se uma espécie de extratempo, que é a interrupção do fluxo temporal. De acordo com Miller (2009, p. 50), “Lacan indica que o sujeito pensa já ter contado essa história, no entanto, não consegue situá-la em um tempo preciso. Trata-se, portanto, de um *já-contado*”. Ele já havia contado, várias vezes, que pedira a seu tio para comprar-lhe um canivete. Supõe-se que, desse fato, decorre o elemento já-contado, assim como a noqueira também foi tomada emprestada, num segundo tempo da árvore dos lobos, pois Lacan (1954/1998, p. 391) diz que o sujeito conta, a Freud, que “quando tinha cinco anos, estava brincando no jardim ao lado de sua babá e fazia entalhes na casca de uma das noqueiras”. Em seu sonho também havia uma noqueira, na qual apareciam os lobos. Isso faz com que Lacan assemelhe o já contado com o *déjà-vu*, situando-os como

fenômeno de franja que resultam da irrupção do real no outro lado da fissura, como se um fenômeno de franja nascesse no limite da foraclusão.

Lacan (1954-1998, p.393) explica o sentimento do *déjà-vu* como o que “vem ao encontro da alucinação errática, que é o eco imaginário que surge como resposta a um ponto da realidade que pertence ao limite onde ele foi suprimido do simbólico”.

Assim, o sentimento de realidade e o sentimento de irrealidade constituem o mesmo fenômeno, como o “clique” que anuncia o reaparecimento de uma lembrança esquecida. O sentimento de realidade é sentido no registro da rememoração, que é constituído no texto simbólico, enquanto o sentimento de irrealidade é correspondente ao imaginário onde o texto, ao se interromper, deixa aparecer a reminiscência.

De acordo com Lacan (1954-1998, p.394), a percepção só adquire seu caráter de realidade pelas articulações simbólicas: “Mas o sujeito não experimenta um sentimento menos convincente ao esbarrar no símbolo que originalmente suprimiu de sua *Bejahung*”. Pois esse símbolo não penetra no imaginário: “Ele constitui, diz-nos Freud, aquilo que não existe propriamente; e é como tal que ek-siste, pois nada existe senão sobre um suposto fundo de ausência. Nada existe senão na medida em que não existe”.

Marluce Godoy, em seu texto “A alucinação” (2001), traz sua contribuição a esse tema, salientando que Lacan, em “De uma questão preliminar” (1957-58/1998), faz uma análise do fenômeno alucinatório e atribui uma crítica à Psiquiatria aliada à Fenomenologia e também aos psicanalistas da Psicologia do Ego, que concebe o ego da mesma forma que a Fenomenologia entende o *percipiens*, ou seja, um *percipiens* unificado, onde o sujeito apenas percebe o objeto. Assim, Lacan discorda de todas as descrições feitas anteriormente a respeito do fenômeno alucinatório, e descarta todas as concepções fenomenológicas clássicas. Ele parte do princípio de que o sujeito da alucinação não se confunde com a consciência, pois a alucinação não é consciente, ela é efeito de linguagem, e depende do ato de dizer e não do ato de percepção.

No momento em que Lacan critica o sujeito da fenomenologia da percepção, ele já concebia a percepção como estruturada pela linguagem, o *próprio perceptum* (objeto percebido) é ambíguo e traz suas equivocidades significantes, já que é estruturado pelo simbólico. Isso já pode ser notado, por exemplo, na resposta de Lacan ao “convite feito

por Jean-Paul Sartre para que participasse do número de *Les temps modernes* (1961) em homenagem a Maurice Merleau-Ponty” (GODOY, 2001, p. 194). Isso aparece também no *Seminário 11* (1964), quando Lacan comenta do texto de Merleau-Ponty, *O Visível e o Invisível*.

De acordo com Godoy (2001, p. 194), Lacan usa termos da filosofia escolástica para substituir “na premissa clássica da ‘alucinação como uma percepção sem objeto’, o sujeito unificante do ato da percepção pelo *percipiens*, o objeto pelo *perceptum* e os sentidos da percepção pelo *sensorium*”.

Dessa maneira, é o sujeito da percepção que dá forma ao objeto da realidade proposto aos sentidos. Godoy (2001, p. 194) busca Merleau-Ponty e apresenta um de seus experimentos:

em um ambiente escuro em que se faz incidir, um fecho de luz que coincide perfeitamente com um disco negro colocado em uma parede, o que se vê é a luz em um sólido esbranquiçado cuja base é o disco. Num segundo tempo, a interposição de um papel branco entre o fecho de luz e a parede sobre o qual ele incide, permite a irradiação da luz, propiciando o aparecimento do disco negro e do papel branco, em oposição ao negro . (GODOY, 2001, p.194)

Para Godoy a percepção é essa oposição significativa mínima. Lacan inverte o esquema dirigido à unidade do sujeito da percepção, que é razão e causa do percebido na realidade, dependendo ou não de um objeto: “Ele se dirige à própria estrutura do percebido, deixando vago, no lugar do *percipiens*, a pergunta pelo sujeito”. Com essa inversão a causa do percebido não se encontra mais no *percipiens*, situando-se na estrutura do *perceptum*. E, o efeito subjetivo da estrutura do objeto assume o lugar em que era admitida a unicidade do *percipiens*, lugar em que se deduzia a causa do fenômeno perceptivo. Como o *sensorium* é “indiferente na produção de uma cadeia significativa, esta se impõe por si ao sujeito em sua dimensão de voz” (LACAN, 1957-58/1998, p. 539).

O *sensorium* não está em causa nas alucinações verbais em surdos-mudos, como pensava Esquirol; não se trata dos sentidos. Como mostrou Lacan, para que se analise o fenômeno da alucinação, precisa-se da noção de sujeito e de estrutura. Nessas condições apresentadas, se o objeto *a* for tomado como o objeto percebido, o *perceptum*, pode-se pensar o significante Nome-do-Pai como organizador do meio, ou não. O mecanismo organizador no primeiro caso é o recalque, e no segundo, a

foraclusão do Nome-do-Pai: “Essa forma de construção nos permite concluir não só que na alucinação o percebido tem estrutura de linguagem, como também que nela se realiza um encontro impossível com o real” (GODOY, 2001, p. 195).

Para Lacan, na ordem simbólica tanto os vazios quanto os cheios são significativos, e por isso é que a hiância de um vazio é que constitui o primeiro passo de todo o movimento dialético de Freud: “É justamente isso que explica, ao que parece, a insistência do esquizofrênico em reiterar esse passo. Em vão, já que, para ele, todo o simbólico é real” (LACAN, 1954-1998, p. 394).

Miller (2009, p.52) explica que aqui é como se todo o simbólico estivesse fora da simbolização, há um nível em que o simbólico deixa de ter sentido, deixa de instituir história. O simbólico é localizado no lugar do ruído, e aí se pode ouvir tudo, o simbólico desaba sobre o real.

É sabido que o sujeito esquizofrênico pelo simples fato de ser sujeito da linguagem é dividido, mesmo não se encontrando no discurso como laço social. Com isso, entre os fenômenos da alucinação pode-se localizar a estrutura *aquiasmática* que desvela a esquize do sujeito na esquizofrenia. Lacan, no *Seminário 11* (1964/1998), trabalha a esquize entre o olho e o olhar, retomando a esquize entre realidade e pulsões realizada por Freud. Toma como exemplo o escopismo de Maurice Merleau-Ponty para mostrar que a realidade tem a estrutura de um quiasma entre a função visual e a pulsão escópica, um quiasma entre o ver e ser visto, “que corresponde ao fato de a realidade ser pulsional para todo ser falante” (QUINET, 2006, p. 69).

Quanto à realidade, se faz importante retomar o esquema R (1957-58/1998, 559), onde Lacan faz uma advertência em nota de rodapé: “É interessante localizar nesse esquema R o objeto *a*, para esclarecer o que ele traz para o campo da realidade (campo que o barra)” (LACAN, 1957-58/1998, 559). No caso da esquizofrenia, em que o sujeito não teve o objeto *a* extraído do campo da realidade, a visão não barra o olhar, visando o sujeito. Pelo fato de o sujeito psicótico não ter constituída a fantasia que protege o sujeito do real, as pulsões invadem a realidade, emergindo aí o objeto *a* nas suas funções escópica e invocante, ou seja, como olhar e voz. Nesse momento, surge sua esquize entre a realidade e o real. O sujeito, ao mesmo tempo, vê e é visto, fala e é falado, se encontra vivo e morto.

De acordo com Quinet em *Teoria e clínica da psicose* (1997), as vozes na esquizofrenia que se apresentam sobre o fenômeno da alucinação “testemunham que o Outro fala, emite significantes e que está do lado de fora por não se ancorar num significante fálico que poderia fazê-lo calar” (QUINET, 1997, p. 111). Pelo fato de o esquizofrênico se encontrar fora do discurso, por não estar ancorado na cadeia significante, fenômenos como bloqueio da fala e do pensamento são frequentes. Para Quinet, numa esquizofrenia “suposta pura” o Outro não é subjetivado nem designado e, com isso, os sons o invadem. É o que diz Lacan (1955-56/1988, p. 284), de forma geral, para o psicótico: “o psicótico é habitado, possuído, pela linguagem”. Para Miller (1996, p. 196), “o esquizofrênico não tem outro Outro além da língua”.

Nesse percurso pela obra lacaniana é importante considerar que houve um momento em que entrou em cena o *falasser*, conforme já se anunciou no primeiro capítulo deste estudo, *A constituição do sujeito: particularidades da esquizofrenia*. Trata-se de um momento em que o real se destaca, surge o vazio do Outro trazendo uma multiplicidade de Nomes-semblantes, nesse encontro com o impossível da relação sexual. Lacan situa o pai como um quarto anel que amarra os três registros Imaginário, Simbólico e Real. Nessa posição, o pai fica equivalente à posição de *sinthoma*¹², e o *sinthoma* tem uma função paterna. Dessa forma, o *sinthoma* é equivalente a essa função do pai como quarto, que também faz função de suplência, que no caso de Joyce, por exemplo, vem suprir o lapso do nó.

O terceiro capítulo será desenvolvido numa tentativa de localizar o tipo clínico conhecido como esquizofrênico, a partir desse momento.

¹²*Sinthoma* é uma maneira antiga de escrever o que posteriormente foi escrito sintoma. No original, *sinthome*, grafia antiga para a palavra *symptôme* (“sintoma”, datada de 1503 (cf. Le Robert. Dictionnaire alphabétique et analogique de La langue française. Paris, Societé Du Nouveau Littré, 1974). (LACAN, 1975/2007, p.11) *Sinthome* faz homofonia com *symptôme* (palavra que indica sintoma em francês) e com *saint homme* (*homem santo*)

4 TERCEIRO CAPÍTULO: A ESQUIZOFRENIA NA CLÍNICA DO REAL

De acordo com Mazzuca, Schejtman e Zlotnik (2000), a primeira clínica lacaniana compreendia a ênfase no Simbólico e no desejo. Como clínica do desejo, é uma clínica do sujeito que implica os modos de constituição e funcionamento do sujeito: modos de ser do sujeito. Essa clínica, a partir do enunciado lacaniano que o desejo é sempre desejo do Outro, poderia também ser definida como clínica do Outro, uma clínica social. No início de seu ensino, Lacan produz um retorno às elaborações freudianas sobre neurose, psicose e perversão, e prioriza as modalidades do desejo, construindo as estruturas subjetivas. As formalizações de Lacan na primeira clínica, sobre a *Bejahung* (afirmação primordial) do Nome-do-Pai, ou sua forclusão, são decisivas para a distinção entre neurose e psicose. A *Bejahung* funda a estrutura neurótica do sujeito, e sua forclusão constitui a psicose. O primeiro conceito de sintoma é traduzido, por Miller, em termos de metáfora, ou seja, é a articulação entre dois significantes, S1 e S2, que produz um sentido, uma significação. Este sintoma se caracteriza como um significado oculto para o sujeito, por isso, a interpretação numa análise acontece como meio para a produção desse significado. A primeira clínica, como estruturalista, tem sua origem na distinção, na oposição e na diferença. É por implicar uma classificação que está qualificada como descontinuista e categorial. A clínica estruturalista origina-se numa oposição entre neurose e psicose, pois a perversão se fundamenta do lado da neurose.

Conforme indica Mazzuca, Schejtman e Zlotnik (2000), a segunda clínica de Lacan se destacava tendo em vista o Real e seus efeitos de gozo. Essa clínica traz a noção de suplência, onde o sintoma faz suplência à impossibilidade da relação sexual. Aqui há uma generalização do conceito de forclusão, e o Nome-do-Pai pode funcionar como *sinthoma* enlaçando os registros R,S,I. O conceito de sintoma, nesse momento, não se encontra no significado. O sintoma se dá a partir de um elemento extraído do inconsciente como modalidade de gozo. Não se trata mais de um significante, e sim de uma letra, gozo de uma letra. Nessa clínica, o sintoma é autista, e o *sinthoma*, agora escrito com “th”, é uma maneira de expressar que o sintoma, aqui, tem função de enlaçamento articulando o gozo autístico com o Outro.

Na “Conversação de Arcachon” Miller (1997, p. 105) diz que ao haver a generalização da foraclusão fez-se necessário generalizar o Nome-do-Pai que vai do “Nome-do-Pai ao ponto capitonê”. Por outro lado, Mazzuca e cols. (2000) sublinham que a diferença e o deslocamento principal, que vai da primeira à segunda clínica, não se dá do Nome-do-Pai ao ponto de capitonê, mas do ponto de capitonê ao enlaçamento borromeano. A especificidade da segunda clínica é a maneira com que se dá o enlaçamento nesse momento. Então, pode-se dizer que a função exercida pelo enlaçamento, na segunda clínica, é semelhante à função cumprida pelo ponto de capitonê na primeira clínica; tanto o enlaçamento borromeano quanto o ponto de capitonê são nós com distintas formas de enlaçamento.

A segunda clínica, nomeada então como borromeana, se destaca por poder acontecer, ou não, o enlaçamento das três instâncias, real, simbólico e imaginário. E se o enlaçamento acontece, ele pode ser de forma borromeana, ou não. Podem-se observar distinções, mas não oposições estruturadas entre um sim ou não. Na primeira clínica, *Bejahung* e foraclusão do significante Nome-do-Pai se fundam em uma oposição, podendo ter aceitação da *Bejahung*, com instituição da neurose, ou sua foraclusão que determina a estrutura psicótica. Por isso, a segunda clínica é caracterizada como continuísta, elástica e gradual, não apresentando uma classificação. Fundada na generalização do conceito de foraclusão, associado à generalização do Nome-do-Pai, haverá casos, portanto, em que o ponto de capitonê será realizado pelo Nome-do-Pai e, em outros casos, por outros elementos ou não acontece, como no caso das psicoses que desencadeiam, por exemplo, o caso Schreber. Isso foi chamado, na “Conversação de Arcachon” (1997), de nebulosa, supondo a formação de um conjunto pouco definido, já que sem articulação entre seus elementos.

Na segunda clínica o conceito de suplência é diferente, o Nome-do-Pai é uma forma a mais, entre outras possíveis, para que se dê o enlaçamento dos registros R,S,I, que ficariam soltos se o Nome-do-Pai não agisse como *sinthoma* com seu efeito de enlaçamento.

Segundo Mazzuca, Schejtman e Zlotnik (2000), no momento em que Lacan desenvolvia sua teoria sobre os nós, ele mostra insatisfação com o que já se

encontrava fundamentado acerca da teoria dos nós de sua época. Ele chamava de nó, até mesmo de nó borromeano, aquilo que os matemáticos de sua época definiam como cadeia e passa à definição do que é um nó citando Lee Neuwirth: “os nós são curvas unidimensionais situadas no espaço tridimensional ordinário” (MAZZUCA, SCHEJTMAN ZLOTNIK, 2000, p. 30).¹³ Para esses autores, os nós triviais se sustentam com menos de três pontos de cruz e são os mais simples e os primeiros na tábua dos nós. Em segundo lugar vêm os nós de trevo com três pontos de cruz. Esses nós podem ser equivalentes entre si, ou não. A equivalência pode ser abordada também entre as cadeias, que se apresentam com mais de um nó; portanto, sempre há dois ou mais nós, geralmente enlaçados ou encadeados. Existem também aqueles anéis que não se encontram encadeados, mas que são chamados de cadeias da mesma forma. Esta é a cadeia trivial, que é formada pelo nó trivial.

Mas, pode-se encontrar uma cadeia mais sensível depois dessa cadeia trivial, que é uma cadeia que contém dois nós triviais numa relação de interpenetração. Para Mazzuca, Schejtman e Zlotnik (2000, p. 36)¹⁴, é o que pensava Lacan: “isso que pode ocorrer entre os nós – a interpenetração –, não acontece entre os seres falantes. Entre os sexos não há possibilidade de fazer cadeia desse modo”. Essa perspectiva já havia sido descartada por ele, a partir de seu enunciado que a relação sexual não existe. De acordo com Mazzuca, Schejtman e Zlotnik (2000, p. 62)¹⁵, Lacan utiliza conceitos de outras disciplinas, transformando-os à sua maneira, de forma que “acabam distanciados do sentido e valor original e acaba por utilizá-los à sua maneira”.

Essas três instâncias RSI são aberturas, buracos, que podem se enlaçar entre si e obter consistência. É pela não existência do Outro do Outro que no simbólico surge o buraco. Esse Outro situa-se como sistema de significantes que se apresentam incompletos e inconsistentes. Quanto ao imaginário, Lacan refere-se ao corpo como a origem imaginária do um-a-mais que é o conjunto vazio, “trata-se de dizer, simplesmente, que o corpo existe como saco de pele, vazio, fora e ao lado de seus

¹³ *‘los nudos son curvas unidimensionales situadas en el espacio tridimensional ordinario’*

¹⁴ *‘esto que sí puede ocurrir entre los nudos – a interpenetración –, no sucede entre los seres hablantes. Es decir, que entre los sexos no hay posibilidad de encadenarse de este modo’.*

¹⁵ *‘tal que quedan alejados del sentido y valor originales y termina por utilizarlos a su manera’*

órgãos” (LACAN, 1975-76/2007, p. 213). E o real está relacionado com o buraco da não relação sexual.

É no *Seminário 20* (1972-73) que Lacan introduz o nó borromeano para referir-se a certas figuras topológicas que podiam articular real, simbólico e imaginário, lugar em que o real exerce predomínio, dificultando essa articulação devido a esse poder. Devido a isso é que em seu *Seminário 23* (1975-76), ele introduz um quarto elemento, que leva ao enlaçamento dos outros três. Esse quarto elemento Lacan nomeia de *sinthome*, que faz homofonia com *symptôme* (palavra que indica sintoma em francês) e com *saint homme* (*homem santo*). De acordo com Álvarez, Esteban e Sauvagnat (2004), Lacan comparará a articulação entre as três dimensões (R.S.I) com o célebre escudo de armas da família Borromeo de Milão. Esse escudo apresenta uma figura contendo três anéis em forma de trevo, que simbolizam a tríplice aliança entre as três armas da família, e se encontram encadeados de tal maneira que se apenas um for cortado os outros também se soltam.

Nos neuróticos a fantasia fundamental que rege a vida do sujeito, em sua posição de inconsciente e o objeto causa do seu desejo, está articulada pelas instâncias RSI, que lhe trazem consistência, e ao mesmo tempo limitação. O que não acontece nas psicoses, pela falta dessa articulação. Em alguns casos os três registros se encontram em continuidade, não propiciando uma diferença entre simbólico e real, ou em outros casos falta alguma articulação entre os registros não implicando uma consistência, pois falta ligação do imaginário, da vivência corporal, com R e S. É por essas vias que Lacan segue pesquisando modos de diferentes enlaçamentos que possam explicar tipos de manifestações clínicas próprias de certos pacientes. Agora, é a psicose, e não mais a neurose, que serve de base, e conduz aos estudos do enunciado de Lacan de que todos deliram.

A distinção que existe entre uma clínica e a outra é a noção de enlaçamento; é importante que isto fique bem esclarecido. A primeira clínica tinha como indispensável o ponto de capitonê; da mesma forma, na segunda clínica encontra-se o nó como um elemento essencial. Mas o nó já está presente na noção de ponto de capitonê e tanto o ponto de capitonê quanto o enlaçamento borromeano articulam os registros e ambos fazem nó e, por isto, até se pode dizer que tanto a primeira quanto a segunda clínica

são clínicas dos nós. Entretanto, é importante recordar que a noção de nós enfatiza enlaçamentos por interpenetração – semelhantes ao que havia sido desenvolvido pelos pontos de capitonê – e os enlaçamentos sem interpenetração.

Para Lacan o nó borromeano é o que se dá na forma de uma cadeia em que seus elementos não se articulam interpenetrando. Em nenhum caso borromeano, R, S, I estão interpenetrados, ou seja, nenhum deles passa pelo furo do outro, o que faz com que, ao se cortar uma das cordas, as outras se soltem. O nó borromeano supõe encadeamento sem interpenetração. É o que explicam Mazzuca, Schejtman e Zlotnik (2000, p. 38):

O nó borromeano é então uma cadeia em que os componentes ou anéis se enlaçam sem que haja interpenetração: nenhum deles tem uma relação com o outro que suponha a “cadeia de interpenetrados”, em nenhum caso um anel se encadeia “passando pelo furo do outro”. É por isso que, por um lado, a cadeia borromeana mínima tem três anéis: não há cadeias borromeanas de dois componentes, se entende que não poderia havê-las. Por outro lado, se cortar qualquer dos círculos da corda, os outros se soltam: podem comprová-lo. É surpreendente essa propriedade do borromeo – e Lacan a destaca e explora –, esta possibilidade que supõe um encadeamento sem interpenetração: nenhum elemento singular, nenhum anel passa pelo buraco do outro e, todavia, a cadeia se sustenta.¹⁶

A clínica do real, conhecida também como segunda clínica de Lacan, foi marcada por Miller (2002) depois do ano de 1974, onde ele caracteriza o terceiro período propriamente dito do ensino lacaniano, época em que Lacan converteu o real em sua categoria essencial. Nesse período Lacan toma como objeto o próprio fundamento de seu discurso, colocando em evidência a tripartição do real, simbólico e o imaginário. Miller (1999, em *Os seis paradigmas do gozo*, também elege o *Seminário Mais, ainda* (1972-73) como um marco da segunda clínica.

Para Miller (2007/2009, p. 142), o último ensino lacaniano é o avesso, o contrário de seu sistema, e esse avesso procede do Um, e não do Outro. Por isso, Lacan leva a psicanálise para o registro do Um, para repensar sua prática a partir do que há de

¹⁶ *El nudo borromeo es entonces una cadena en la que los componentes o eslabones se enlazan sin que haya interpenetración: ninguno de ellos tiene una relación con otro que suponga la “cadena de interpenetrados”, en ningún caso un eslabón se encadena “pasando por el agujero de otro”. Es por eso que, por un lado, la cadena borromea mínima tiene tres eslabones: no hay cadenas borromeas de dos componentes, se entiende que no podría haberlas. Y, por el otro, que si se corta cualquiera de los redondeles de cuerda, los otros se sueltan: pueden comprobarlo. Es sorprendente esta propiedad del borromeo – y Lacan la destaca y explota –, esta posibilidad que supone un encadenamiento sin interpenetración: ningún elemento singular, ningún eslabón pasa por el agujero de otro y, sin embargo, la cadena se sostiene.*

singular, o *sinthoma* do Um. Segundo Miller, Lacan interroga a identificação e, para “compreender a identidade *sintomal (symptomale)*” do que é chamado não sem imprudência de sujeito, sugere que a psicanálise deveria ser definida “como acesso à identidade *sintomal (symptomale)*, isto é, não se contentar em dizer o que os outros quiseram,” não deixar que sua família fale por você, “mas aceder à consistência absolutamente singular do *sinthoma*”.

O que leva Lacan a repensar seu ensino é a falha estrutural da linguagem que se coloca para todo ser falante. A partir daí ele desenvolve as distintas e singulares maneiras de amarração que o sujeito faz para se haver com essa falha. Antes, o neurótico respondia pela via da função do Nome-do-Pai, enquanto a psicose era designada pelo não ao pai. Assim era vista a diferença entre essas duas estruturas. A teoria dos nós foi formulada sobre a generalização do conceito de foraclusão, que por sua vez traz a generalização do conceito do Nome-do-Pai, implicando numa pluralização do mesmo, ou seja, Nomes-do-Pai. Sustenta-se pelo conceito geral de enlaçamento, destacando que real, simbólico e imaginário podem se enlaçar pela operação da metáfora paterna, com a instituição do significante Nome-do-Pai, mas, há casos em que se dá o enlaçamento a partir de outro elemento que faz suplência ao Nome-do-Pai.

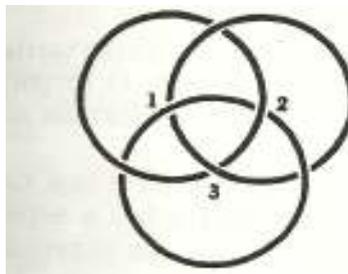
O Nome-do-Pai e o sintoma, aqui, exercem funções idênticas, os dois elementos têm função de enlaçamento. Na segunda clínica, o Nome-do-Pai como *sinthoma* é um elemento a mais entre outros possíveis para que se dê o enlaçamento dos registros.

4.1 O desenvolvimento da psicose a partir da teoria dos nós

Lacan, no *Seminário 20 (1972-73/1985, p. 83)*, diz: “Por causa de ele falar, o tal gozo, ela, a relação sexual, não há”. Sobre essa enunciação de Lacan, Dafunchio (2008) comenta que na estrutura humana, no ser falante submetido à linguagem, há algo que falha, pois a linguagem não diz tudo, e isso que falha se manifesta no campo da sexualidade. Por isso Lacan busca os nós para explicar algo disso que falha, algo do real da estrutura do ser falante.

4.1.1 O nó borromeano

De acordo com Lacan (1975-76/2007, p. 20), para que se desse a condição de que a partir de três anéis fosse construída uma cadeia “tal que o rompimento de apenas um, o do meio, tornasse os outros dois, quaisquer que sejam eles, livres um do outro, foi preciso que percebêssemos que isso estava inscrito no brasão dos Borromeus”. O nó borromeano já estava lá e ninguém jamais tirou nenhum proveito disso, diz Lacan.



Nó borromeano

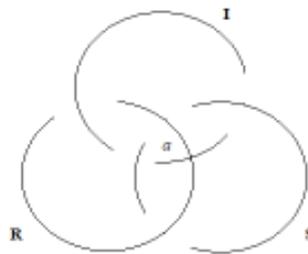
(Seminário 20, 1972-73/1985, p.179)

Sobre o nó borromeano Lacan (1972-73/1985, p. 179) diz: “Considerem só o nó borromeano – ... podemos numerar três ‘regiões’, esta palavra entre aspas, onde as rodinhas que fazem nó podem vir a se cunhar”. O nó borromeano de três é constituído por três rodinhas, sendo que as duas primeiras se prendem unicamente pela terceira, se uma única for cortada se soltam as três. As rodinhas estão superpostas e não entrecruzadas, elas se encontram enodadas de tal forma que duas estejam livres e fazem existir um buraco. A propriedade do nó consiste em que nenhum nó freqüenta o outro. Essas rodinhas podem se enlaçar ou não. Mas, como na estrutura do ser falante existe sempre algo que falta, há sempre lapso do nó, não há no ser falante o nó borromeano de três. Ele só existiria como a estrutura, se a relação sexual existisse.

4.1.2 Esquema da amarração neurótica

Quanto à relação sexual, Lacan ao perceber essa inexistência da relação sexual entre os seres falantes observa que Simbólico e Real, para permanecerem ligados, é

necessário que uma terceira dimensão se interponha, o Imaginário. O sujeito ao se inserir na inscrição simbólica do Nome-do-Pai é sustentado pela tela da fantasia, que dá consistência à impossibilidade do encontro entre os sexos: ($\$ \diamond a$). Isso pode ser constatado em Lacan, no *Seminário RSI* (1974-75, inédito), quando ele esquematiza a amarração neurótica pelo registro imaginário.



(*Seminário RSI, 1974-75, Inédito, p. 74*)

No *seminário 22* (1974/75, inédito), a cadeia borromeana se dá pelo enodamento dos três registros, R,S,I, constituindo um quarto buraco central, lugar do objeto *a*. Sabe-se que esse tipo de amarração não se dá nas psicoses, onde o mais característico é o desligamento do registro imaginário dos outros dois registros, estabelecendo uma relação sólida entre Simbólico e Real. Com isso, pode-se compreender o motivo de se dizer que a relação sexual existe, na psicose, entre os pares que se interpenetram. Na estrutura psicótica, portanto, encadeamentos borromeanos não existem. Lacan, no *Seminário 22* (1974-75, inédito, p. 60) diz: “a expressão não-relação sexual, (...) ela se suporta essencialmente numa não relação de par”. E, mais adiante, na p. 67, diz: “É disso que se trata no que enuncio da não relação, cada um dos círculos que se constituem (...) na relação dos sexos, cada um tem sua maneira de girar em torno, e enquanto sexo, não está atado ao outro”.

No *Seminário R.S.I.*, na aula de 17 de dezembro de 1974, Lacan não concebe o nó borromeano como um modelo, para ele, todo modelo encontra-se no imaginário a partir de sua substância. No *Seminário 23* (1975-76/2007, p.42), Lacan diz que “a abordagem matemática do nó na topologia é insuficiente”, por isso ele não é um modelo, dado que tem alguma coisa na imaginação que resiste à imaginação do nó. Ao

passar do nó de três para o nó de quatro, o nó desaparece “não há mais um nó. É sustentado apenas pelo sintoma”, ou seja, pelo quarto elemento, por ele designado *sinthome*.

Em seu livro 23, *O sinthoma* (1975-76/2007, p. 91), capítulo 6, Lacan desenvolve seu estudo explicando que o sinthoma é o que pode reparar a cadeia borromeana, no caso dela se encontrar com um erro em dois pontos. Então, o sinthoma é definido por ele como: “alguma coisa que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real continuarem juntos, ainda que, devido a dois erros, nenhum mais segure o outro”.

Lacan (1975-76/2007) parte da ideia de que Joyce tem um sintoma que está relacionado ao fato de que seu pai era carente. E toma como referência para analisar esse sintoma o nome próprio. Acrescenta que por ser a arte de Joyce uma coisa tão particular, é o termo sinthoma o que melhor lhe convém. Comenta que Joyce, segundo Philippe Sollers, escreveu várias obras em inglês, e diante de sua maneira de escrever, “Joyce acrescentou esse algo que faz o mesmo autor dizer que seria necessário escrever *l’elanguas*”¹⁷ (LACAN, 1975-76/2007, p.12), e analisa a escrita de Joyce como uma pessoa que se encontra no meio de uma crise maníaca, se valendo do termo usado em psiquiatria. E salienta que, especificamente, a última obra de Joyce, *Finnegans Wake*, se assemelha com a mania. Inclusive, essa foi a obra que Joyce segurou por muito tempo para atrair-lhe a atenção geral.

Ao trabalhar o sinthoma borromeano Lacan (1975-76/2007, p. 91) diz: “Pensei que aí estava a chave do que aconteceu com Joyce”. O sintoma de Joyce está ligado ao fato de que seu pai era carente e, “ao se pretender um nome, Joyce fez a compensação da carência paterna.” E por ser muito particular a arte de Joyce, é que “o termo sinthoma é de fato o que lhe convém”.

Assim, Lacan passa a falar de uma de suas apresentações de paciente, considerado um caso de loucura que começou pelo sinthoma *falas impostas*. E salienta que as pessoas não sentem que as palavras das quais dependemos são de alguma maneira impostas:

¹⁷ No original *l’élanguages*, palavra na qual o termo plural *languages* (“línguas”) funde-se a *l’élan* (“o elã”, “o movimento súbito e espontâneo”, “o impulso”, “a expansividade”). (N.T.) *Seminário 23* (1975-76/2007, p.12)

É justamente por isso que o que chamamos de doente vai algumas vezes mais longe do que o que designamos como um homem saudável. A questão é antes saber por que um homem dito normal não percebe que a fala é um parasita, que a fala é uma excrescência, que a fala é a forma de câncer pela qual o ser humano é afligido. Como pode haver quem chegue inclusive a senti-lo? É certo que Joyce nos dá uma pequena suspeita disso (LACAN, 1975-76/2007, p. 92).

Nesse momento questiona como é possível que não sejamos todos psicóticos, como não nos damos conta de que as palavras se nos impõem. O psicótico se encontra mais consciente do que é realmente a estrutura do ser falante, enquanto afetado pela linguagem: “Desse modo se inverte a perspectiva da neurose como norma, e se trata de saber como não somos psicóticos, justamente para não perceber todo o tempo esse real da estrutura” (DAFUNCHIO, 2008, p. 66)¹⁸.

No *Seminário 23* (1975-76/2007), no primeiro capítulo Lacan desenvolve o nó borromeo de quatro, que consiste no fato de que se um de seus anéis for cortado, todos os outros se soltarão, inclusive o quarto. O *sinthoma* explica que o nó dito borromeano não é a “norma para a relação de três funções que só existem uma para a outra em seu exercício no ser que, ao fazer nó, julga ser homem” (LACAN, 1975-76/2007, p. 19). Assim, Lacan supõe um quarto anel que é o *sinthoma*.

Para Lacan, na neurose se dá um lapso onde os três anéis se soltam, e com isso ele abandona o pensamento de uma configuração rígida dos registros Real, Simbólico e imaginário.

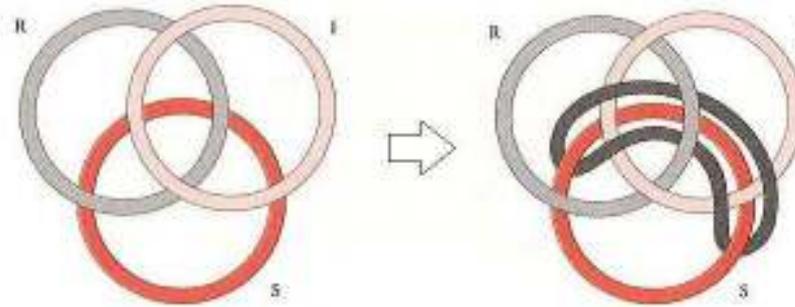
4.1.3 O nó de quatro anéis

O quarto anel, proposto por ele, é a realidade psíquica, equivalente ao complexo de Édipo e ao Nome-do-Pai, que fará suplência ao registro simbólico enlaçando o imaginário, o simbólico e o real.

Digo que é preciso supor tetrádico o que faz o laço borromeano – perversão quer dizer apenas *versão em direção ao pai* –, em suma, o pai é um sintoma, ou um *sinthoma*, se quiserem. Estabelecer o laço enigmático do imaginário, do simbólico e do real implica ou supõe a ex-sistência do sintoma (LACAN, 1975-76/2007, p. 21).

¹⁸ “De este modo se invierte la perspectiva de la neurosis como norma, y se más bien de cómo nos las arreglamos los que no somos psicóticos, justamente para no percibir todo el tiempo ese real de la estructura”.

À esquerda, no esquema abaixo, encontra-se esquematizado o imaginário, o simbólico e o real separados uns dos outros. E o que vem ligá-los é o *sinthoma*, o quarto anel. A seguir podem ser vistos os três anéis separados e, depois, ligados pelo *sinthoma*, o quarto anel.



(Seminário 23, 1975-76/2007, p. 21)

O importante a destacar nessa passagem do nó de três para o nó de quatro aros é a sustentação da amarração por este quarto elemento, podendo qualquer sujeito, a princípio, fabricá-lo. E, em sua repercussão clínica, verificarmos que o Simbólico avançando sobre o *Sinthoma* (no reforço que forma com ele), pode se estender até certo limite quando, do uso do gozo do *sinthoma* que resta, o sujeito poderá extrair um *savoir-y-faire* com esse resto *sinthomático*. Podemos associar esse resto, que não desaparece, ao rochedo da castração, ao gozo opaco que resta inanalísável, e do qual o sujeito aprenderá a fazer novo uso (GUERRA et al., 2008, p. s/n).

De acordo com Guerra et al. (2008), Lacan vai avançando em suas apresentações quanto ao nó sem se decidir quanto a um nó específico para a psicose. Em determinado momento, relaciona o nó de trevo à psicose (nó da paranoia), apresenta o nó de trevo como um falso nó borromeano denominando-o de *cadeinó* (*chaînoeud*): “O nó de trevo... provém do nó borromeano, no que se junta em *a*, e em *b*, e em *c*, e assim por diante” (LACAN, 1975-76/2007, p. 84). Nesse nó encontram-se três anéis, mas não se trata de um enlaçamento borromeano, pois, como já foi mostrado, o nó borromeo de três não existe. E, em relação a esse nó, que chegou a ser considerado o nó da paranoia, Lacan (1975-76/2007, p. 52) escreve: “Na medida em que um sujeito enoda a três o imaginário, o simbólico e o real, ele é suportado apenas

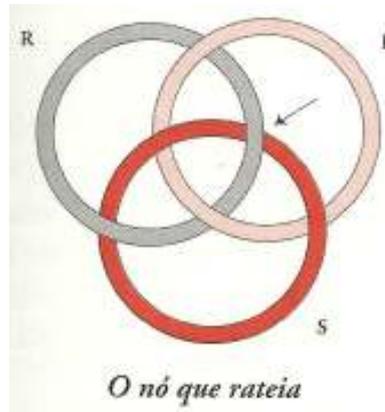
pela continuidade deles” . E, como diz Lacan no *Seminário 22* (1974-75, p. 57), “a paranoia é um grude imaginário”. Em outro momento supõe o nó de trevo com um “erro”.

Ele segue com sua apresentação dos nós, mostrando um nó de quatro anéis em que será necessário uma suplência onde ocorre um erro: no lugar em que o registro simbólico deveria passar por baixo do real, ele passa por cima, deixando o registro imaginário livre, fazendo com que Real e Simbólico apareçam interpenetrados. Este nó se apresenta da mesma forma que o sinthoma de Joyce, desenvolvido por Lacan.

A partir dessas informações acima pode-se acompanhar como Lacan investiga o caso Joyce, mesmo levando em conta que sua psicose nunca desencadeou, sabendo que foi sua filha, Lúcia, que teve desencadeada sua psicose. Ele mostra que Joyce consegue uma suplência do Nome-do-Pai, evitando que o imaginário se solte.

4.1.4 O nó que rateia e o ego que corrige

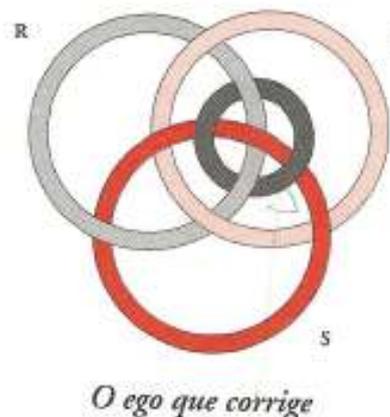
Miller (2009, p. 80-82) relata que Lacan vê “que a singularidade do sinthoma de Joyce está precisamente no fato de não enganchar nada no inconsciente do Outro. (...) em Joyce há verdadeiramente... a negação da resposta do Outro.” O corpo como o que é da ordem do imaginário é fundamentalmente estrangeiro. Lacan (1975-76/2007, p. 145) pinça, em o *Retrato do artista*, o momento em que Joyce experimenta a estranheza de seu corpo e diz: “Constata que todo o negócio esvaiu, *como uma casca*, diz ele”. Comenta que a maneira como Joyce deixa cair a relação com o corpo se torna suspeita para um analista, “pois a ideia de si como um corpo tem um peso” (LACAN, 1975-76/2007, p. 146). É o que se chama de ego, no qual há algo que suporta o corpo como imagem. E, por Joyce não se interessar, nem um pouco, por essa imagem, naquela ocasião isso indicava que seu ego tem, para com ele, uma função muito particular.



(Seminário 23, 1975-76/2007, p.147)

Lacan (1975-76/2007, p. 147) passa a analisar o ego de Joyce através do nó onde indica um erro. O simbólico em vez de passar por baixo do real passa por cima dele. A esse erro no nó ele designará como *O nó que rateia*, e diz: “Só resta ao grande I cair fora. Ele desliza, exatamente como acontece com Joyce depois de ter levado aquela surra. Ele desliza, a relação imaginária não acontece”.

No caso de Joyce não acontece o desligamento do imaginário, que é evitado por ele por meio de uma suplência, por meio de um sinthoma que fará um reparo no lapso do nó.



(Seminário, 1975-76/2007, p.148)

Eis exatamente o que se passa, e onde encarno o ego como corrigindo a relação faltante, ou seja, o que, no caso de Joyce, não enoda borromeamente o imaginário ao que faz cadeia com o real e o inconsciente.

Por esse artifício de escrita, recompõe-se, por assim dizer, o nó borromeano (LACAN, 1975-76/2007, p. 148).

Joyce inspirou Lacan, em seu último ensino, por sua prática de escrita, por encarnar o sintoma, por ser um desabonado do inconsciente. Fez um Nome Próprio a expensas do Nome-do-Pai, através de sua escrita, que foi publicada, e diz Lacan (1975-76/2007, p. 91): “ao se pretender um nome, Joyce fez a compensação da carência paterna”. Ele fez seu Nome Próprio diante de seu desejo de ser famoso e de ser lido pelos universitários e, com isso, tinha uma meta, não se tratava somente de escrever.

Para Dafunchio (2008), Schreber também escreveu, mas sua escrita não alcançou a área da literatura, sua escrita somente interessou aos psicanalistas. Seu Nome Próprio, portanto, só sustentou sua própria doença. Ao contrário de Joyce que, com sua escrita, faz a correção do lapso do nó – a carência do Nome-do-Pai.

Essa solução, encontrada por Joyce, é uma das soluções possíveis. Ela corrige o lapso no mesmo lugar onde havia sido produzido no nó. O lapso é corrigido através de uma produção sinthomática, no mesmo lugar que se soltou, e consegue reter o imaginário.

Para Lacan (1975-76/2007, p. 114), “Joyce não sabia que ele fazia o sinthoma. (...) Por isso, ele é um puro artífice, um homem de *savoir-faire*, o que é igualmente chamado de um artista”. Miller, a partir desse *Seminário, O sinthoma*, em nota redigida em 27 de janeiro de 2005, relata que Lacan, ao analisar o caso Joyce, estava à procura de um nó que pudesse fazer o suporte privilegiado de seus estudos, que exigiam muito esforço e reflexão. Entretanto, ele não contava em apelar ao pai diferentemente de Joyce que, Em *Um Retrato do artista*, livro de Joyce, que se encontra na p. 67 deste Seminário, faz referência ao pai com essas palavras: “Velho pai, velho artífice. Valha-me agora e sempre” (LACAN, 1975-76/2007, p.238). Miller comenta que quando o Nome faz função de sinthoma é porque o nó não deu conta de agir como suporte do sujeito. Se o nó revela ser esse suporte, não há necessidade do Nome-do-Pai. Isso porque, da mesma forma que na metáfora paterna, o Nome tem como função dar a significação do desejo da mãe pelo falo, o Nome exercendo a função de sinthoma, na psicanálise, “é o instrumento para resolver o gozo pelo sentido”(LACAN, 1975-76/2007, p.238).

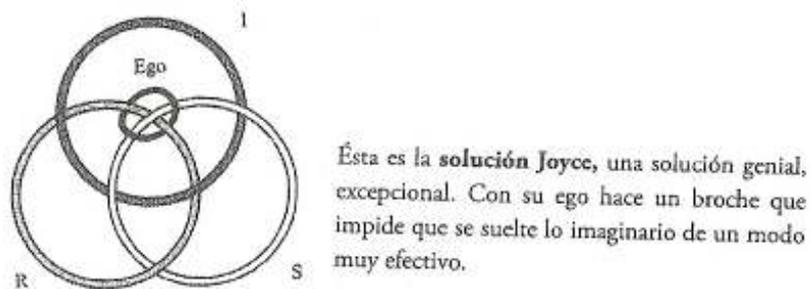
Lacan (1976/2007, p. 131) diz que o não sentido do real pode se esclarecer ao ser tomado por um *sinthoma*. Dessa forma, entende-se que o *sinthoma* tem a ver com algo relativo ao real do inconsciente, ao responder uma pergunta sobre o fato de a psicanálise ser ou não um *sinthoma*. Ele diz que não é a psicanálise que é um *sinthoma*, e sim o psicanalista. Lacan salienta que a partir do Gênesis traduzido por André Chouraqui, chegaram para ele algumas perguntas do tipo: “Deus criou para o homem uma ajuda contra ele. O que pode ser dito do psicanalista como ajuda contra?” Ao contrário do texto da *Gênesis*, o psicanalista lhe fornece uma ajuda, dado que estando no lugar do Outro do Outro que não existe, ele ajuda a resolver algo do real do inconsciente. A esse respeito, Guerra e col. (2008) escrevem que o *sinthoma* corresponde a algo do real do inconsciente. Para Lacan, Joyce é um *sinthoma* enquanto desabonado do inconsciente.

Trata-se aqui de um sintoma desabonado, não tributário do aparato semântico que é o inconsciente. Se o *abonnement* compromete o sujeito a um pagamento adiantado pela recepção de um bem (pelo qual aposta que vai obter – de modo regular, periódico e recorrente – uma recuperação do gozo), o desabono ou a não subscrição, por outro lado, marca uma ruptura com tal aposta. Trata-se do sintoma em seu puro valor de uso, um uso que vai mais além de seu valor significante e de verdade, quer dizer, um uso desprendido do fantasma, desprendido do gozo extraído da ficção que o sujeito construiu para fazer existir um Outro do gozo fabricado à sua medida. Joyce trabalha diretamente no real da letra. Extrai seu gozo de uma experiência que não é abonada pelo (ou inscrita ao) inconsciente (GUERRA e col. , 2008, p. s/n).

Lacan retomando seu inconsciente estruturado como uma linguagem se interpela como é possível chamar alguém como Joyce de *desabonado do inconsciente*, se ele joga o tempo todo com a linguagem. O sintoma de Joyce é estritamente o que a língua condiciona, o que tem relação com o gozo, essa gozação explícita em seu texto, o gozo, a única coisa que se pode pegar: “Aí está o sintoma”. E, como mostra Joyce, o sintoma que é a realidade psíquica requer uma estrutura onde o Nome-do-Pai é um elemento imprescindível. Conforme Lacan (1975-76/2007, p. 163), “o pai, como nome e como aquele que nomeia, não é o mesmo”. O pai é o quarto elemento articulado ao nó do simbólico, do imaginário e do real, ele é o *sinthoma* que é o que há de mais singular num indivíduo, Joyce identifica-se com o *individual*, através do que escreveu fez-se um Nome Próprio, prescindindo do pai.

Apesar de Lacan não ter desenvolvido até o fim sua teoria dos nós, observa-se que outros autores seguidores da teoria lacaniana, já com vários trabalhos publicados nessa área, vêm trabalhando com os nós, articulando os conhecimentos formalizados por Lacan a partir da clínica. Como exemplo, pode-se indicar o trabalho desenvolvido por Nieves Soria Dafunchio, em *Confines de las Psicosis: Teoría y Práctica* (2008). Como o tema desta pesquisa é a esquizofrenia, a seguir se apresenta o nó de Joyce, considerado, por Dafunchio, como o nó da esquizofrenia.

4.1.5 O nó da esquizofrenia segundo Dafunchio



(DAFUNCHIO, 2008, p. 67)

Segundo essa autora, esta solução encontrada por Joyce é uma das soluções possíveis, e por isso é que as esquizofrenias são tão distintas entre si. E indica que no trabalho desenvolvido por Schejtman (1999), já citado neste estudo, em Mazzuca, Schejtman, Zlotnik (2000) encontram-se mais detalhes a respeito, por exemplo: o lapso que é corrigido no mesmo lugar que se produz é diferente do que é corrigido em outro lugar. Para Dafunchio, se a solução é produzida no mesmo lugar em que foi situado o lapso, ela se torna mais eficaz, o sintoma é mais sólido, constituindo menos efeitos secundários.

Nem toda psicose segue um desencadeamento do tipo que aparece no caso Schreber. Este problema, segundo Dafunchio (2008), foi muito discutido no campo freudiano. A partir das discussões de alguns casos considerados raros e

inclassificáveis, os analistas perceberam que tais casos denominados por Miller psicose ordinária eram mais frequentes do que aqueles que se apresentavam ao estilo de Schreber. O termo “psicose ordinária” surgiu em 1998, na Convenção de Antibes, para nomear esses casos onde a psicose se apresenta não desencadeada, ou seja, “sinthomatizada” (MILLER, 2005, p. 201) como a psicose joyceana. Com isso, vários casos que aparentemente são neuroses, desde o paradigma Schreber, com o paradigma Joyce são identificados como psicose. A partir daí não se trata mais o paciente ajudando-o a delirar para que ele chegue a construir a metáfora delirante.

A clínica borromeana traz outros recursos, mais eficientes, outras soluções possíveis, e também trabalha para que tratamentos possíveis da psicose se diversifiquem. O tratamento será diferenciado de acordo com o tipo de psicose que se apresenta, de acordo com o registro que se encontre solto.

Conforme mostra Dafunchio (2008), se um sujeito se encontra com o registro simbólico desatado, por não contar com esse registro não se pode tratá-lo pelo simbólico e, logicamente, é pelo imaginário que se pode fazer intervenções pelo sentido, do lado da consistência. Mas, se o sujeito se apresentar com o registro imaginário solto, as intervenções deverão ser feitas pelo simbólico, pela escritura, pela letra.

O conceito de enlaçamento que sustenta diversas modalidades é para Mazzuca, Schejtman, Zlotnik (2000) acessível a outros fenômenos. Pode-se ver, por exemplo, o que Lacan descreve no caso Joyce. Quando ele leva uma surra de seus colegas, a raiva que sentiu, naquele momento, vai passando, vai diluindo, e se separa como a pele de um fruto maduro, da mesma forma que ele deixa cair seu corpo. Lacan assinala esse fenômeno como o imaginário que desenlaça se separa dos outros dois registros, e diz: “Só resta ao grande I cair fora. Ele desliza, exatamente como acontece com Joyce depois de ter levado aquela surra” (LACAN, 1975-76/2007, p.147). Na primeira clínica, a da metáfora paterna, com a falta do ponto de capitonê, ou seja, com a forclusão do significante Nome-do-Pai, os fenômenos são situados com seu retorno no real. Nessa clínica, onde o enlaçamento dos registros se dá pelo ponto capitonê, pela metáfora paterna, ou através das metáforas delirantes, o foco é: existe metáfora ou não. Como

recorda Mazzuca, Fabián, Zlotnik (2000, p. 73):¹⁹ “Isto responde ao paradigma estruturalista, como insiste Miller”. Aqui, é encontrada a relação entre o corpo e o registro imaginário, momento em que o corpo pode se constituir, ou não, através do estádio do espelho. Por ocasião do desencadeamento de uma psicose, ele também pode se encontrar despedaçado pela desestruturação imaginária. “Não temos a oportunidade de descrever como psicótico um fenômeno deste tipo, do tipo de Joyce, onde não se trata de um corpo que se despedaça, nem se desenha, nada por esse estilo”.²⁰ Dessa forma, não se dá um retorno do real do gozo no corpo, e sim uma maior destreza na forma de se desatar desse real. No caso de Joyce, seu corpo encontra-se enlaçado de uma maneira tal que pode soltar-se. É o que mostra Mazzuca, Schejtman, Zlotnik (2000, p. 74): “O ponto de capitonê não permitiria conceitualizar um fenômeno desse tipo como psicótico, como o permite, ao contrário, o enlaçamento borromeano, onde há outras possibilidades”.²¹ O enlaçamento pode estar presente ou não, portanto, podendo encontrar a interpenetração, ou não. Os registros R,S,I podem se encontrar soltos, ou em continuidade. Em relação ao ponto de capitonê, a segunda clínica oferece uma gama de variedades e possibilidades, permitindo um melhor reconhecimento da estrutura psicótica e, também, distinguir melhor suas singularidades.

Alicia Arenas (2007, p. 62), salienta:

Que o último ensino de Lacan termine, segundo Jacques-Alain Miller, dando prioridade à psicose como a estrutura é algo que, em última instância, estabelece que a psicanálise de orientação lacaniana considera a perspectiva do real do gozo ineludível na clínica e também uma marca que não se pode dialetizar, isto é, com a qual o sujeito tem de aprender a viver. Perspectiva, em geral, não compartilhada pelas psicoterapias e, menos ainda, por orientações psicanalíticas distintas da orientação lacaniana. O único de cada caso na psicanálise é algo que irá surpreender o psicanalista, um ponto em que não lhe serve o já sabido ou o já classificado. Trata-se, portanto, do achado que não pode ser articulado, separado, ou seja, de algo que é, nele, a *alíngua*.

¹⁹ “En esto responde al paradigma estructuralista, como insiste Miller”

²⁰ “No tenemos la posibilidad de describir como psicótico un fenómeno de este tipo, del tipo de Joyce, donde no se trata de un cuerpo que se despedaza, ni se desarma, ni nada por el estilo”

²¹ “El punto del capiton no permitiría conceptualizar un fenómeno de este tipo como psicótico. Si lo permite, en cambio, el anudamiento borromeo, donde hay otras posibilidades.”

5 CONCLUSÃO

Os estudos realizados para este trabalho iniciaram-se com a pergunta acerca da posição de objeto de gozo do Outro para o sujeito esquizofrênico. Quando se ouve que o psicótico se encontra como objeto de gozo do Outro, isso vale para a esquizofrenia ou estamos no terreno da paranoia?

Com os estudos feitos constatou-se que o que Freud construiu sobre os processos estruturantes da subjetividade esquizofrênica permanece na atualidade.

No percurso realizado observou-se que a esquizofrenia é um tipo clínico da estrutura psicótica que se aproxima e pode, eventualmente, combinar-se com outro tipo clínico, a paranoia. Mas, tanto Freud quanto Lacan, que não ficaram indiferentes a essa aproximação, as mantiveram diferenciadas.

Freud observou um fato importante no quadro clínico da esquizofrenia que é a tentativa de recuperação, de reintegração. Esse fato não é determinado exclusivamente pela retração da libido para o autoerotismo, mas, grande parte dos fenômenos apresentados se deve ao esforço da libido no sentido de, novamente, alcançar os objetos, as representações dos objetos.

Quanto a isso Lacan está de acordo com Freud, e deixa claro que o centro do problema é, justamente, a retirada de interesse pela libido do objeto exterior.

Com isso, pode-se pensar que o fato de a esquizofrenia se localizar na fase do autoerotismo, não quer dizer que o sujeito não teve contato com os objetos no exterior, e que algo dessa experiência não permanece.

O estudo sobre a constituição do sujeito esquizofrênico ensinou que esse modo clínico da psicose comporta particularidades quanto a seu funcionamento e isso implica sua posição perante o Outro. E numa tentativa de dar conta de responder ao item 3.2 “O esquizofrênico e sua relação com o Outro”, da questão apresentada no segundo capítulo “Pontos cruciais advindos do vazio não simbolizado na esquizofrenia”, levantou-se um estudo sobre o estatuto do Outro, que na teoria lacaniana passou por várias modificações.

A partir desse estudo ficou claro que no primeiro ensino lacaniano o Outro era o Nome-do-Pai, que como ponto de basta articulava significante e significado. Nesse

momento, a psicose foi elaborada por Lacan como a estrutura que comportava a forclusão do Nome-do-Pai, o que inclui a esquizofrenia, por ser um tipo clínico da psicose. No segundo ensino, no lugar do Outro Lacan elabora os discursos. E o objeto *a*, que cai como resto na operação de divisão significante, estruturante do sujeito, nomeado por Lacan mais-de-gozar, é o que faz laço social. Viu-se que o esquizofrênico se encontra fora do discurso, por não ter passado por essa operação simbólica, não tendo extraído de sua estrutura o objeto *a*.

No terceiro ensino é o nó borromeano que vem como o Outro. Mas, nesse momento, surge ainda o *sinthoma* que vem fazer laço, articulando os registros RSI.

Por um lado pode-se pensar o esquizofrênico na posição de objeto de gozo do Outro quando se diz que ele se contenta com um Outro prévio enquanto linguagem que o habita, invadindo-o, fazendo de seu corpo seu instrumento, que depende de um Outro para lhe garantir que a significação tenha um sentido, por ele se encontrar impossibilitado de reconstruir o universo do significado através da metáfora delirante, e que vive *como-se* ao comportar-se como se estivesse dentro da norma fálica, por imitar o meio. Por outro lado, quando se diz que ele não se estrutura como sujeito do significante, e que sua alucinação é sem Outro, não se pode falar que ele se encontra na posição de objeto. Uma questão importante, nesse sentido, é pensar que, no esquizofrênico há um Outro subjetivado, ainda que de forma despedaçada, tornando possível dizer que o esquizofrênico se encontra como objeto de gozo do Outro.

Apesar de se constatar que em alguns momentos pode-se pensar o esquizofrênico como objeto de gozo do Outro, e em outros não, observou-se que Lacan em seu último ensino, ao formalizar a teoria dos nós, faz uma articulação do *sinthoma* de Joyce à lalíngua. Ele denominou “significante-mestre” o significante Um, que determina a rodinha do nó. Mais tarde, esse Um é formalizado como uma letra de gozo, uma letra que fixa o gozo, de onde se extrai o *sinthoma*.

No item 3.6, “A alucinação esquizofrênica”, no segundo capítulo desta pesquisa, Miller diz que o Outro do esquizofrênico é a língua. Isso faz-se reportar ao segundo capítulo deste estudo, no item 3.2 “O esquizofrênico e sua relação com o Outro”, quando Lacan diz do Outro do psicótico como lugar da “fala”, Outro prévio ao significante. Sabe-se com Lacan, que em sua formalização de lalíngua a fala articula-se

à língua. Se o Um está encarnado em lalíngua, que depois passa a uma letra de gozo de onde se extrai o *sinthoma*, pode-se dizer também que nesse momento do último ensino de Lacan é o *sinthoma* que vem como Outro do esquizofrênico fazer suplência ao Nome-do-Pai enlaçando os registros RSI.

Notou-se, também, que na segunda clínica lacaniana, como na primeira, psicose e neurose se encontram separadas devido às amarrações feitas no nó. No caso da neurose, do sujeito do inconsciente, a fantasia fundamental está articulada pelas instâncias RSI, as quais lhe trazem consistência e, ao mesmo tempo, limitação. O que não se dá nas psicoses, pela falta dessa articulação. Em alguns casos, a exemplo da paranoia, os três registros se encontram em continuidade não propiciando uma diferença entre simbólico e real, ou em outros casos, como nas esquizofrenias, falta alguma articulação entre os registros, não implicando uma consistência, pois falta ligação do imaginário, da vivência corporal, com R e S, implicando uma interpenetração, não constituindo um nó borromeano, como nas neuroses. Isso mostra que é o tipo de amarração que o sujeito faz que determina seu modo de gozo. Se todo ser falante se encontra dividido perante o Outro enquanto linguagem, todos têm que se haver com essa divisão, com esse algo singular de cada sujeito que é o *sinthoma*, independentemente de ser neurótico, paranoico ou esquizofrênico.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Eliza. Introdução ao narcisismo (tópico. 4). In: **O conceito de psicose em Freud**. Belo horizonte: Tahl, 1990

ÁLVAREZ, J.M., ESTEBAN, R., SAUVAGNAT, F. **Fundamentos de psicopatologia psicanalítica**. Madrid: Editorial Sintesis, 2004. 783p.

AMORIM, M. C. A. M.. **O horror na fobia**. In: <http://www.escolaletrefreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra24/2012.pdf>

ARENAS, Alicia. Tipo clínico e caso único, conceitos que não se recobrem. Trad. Paola Salinas. In: ALVARENGA, Eliza, FAFRET, Ennia, CÁRDENAS, M. H. . (orgs.) **A variedade da prática: do tipo clínico ao caso único em psicanálise** –Terceiro Encontro Americano, XV Encontro Internacional do Campo freudiano. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007

BARRETO, Francisco Paes. Clínica diferencial das psicoses, Cap. III. In: **Reforma psiquiátrica e movimento laciano**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999 – Biblioteca de Saúde Mental, vol. 1

BRAUNSTEIN, Néstor. **Gozo**. São Paulo: Escuta, 2007

BRUNO, Pierre. Esquizofrenia e paranoia. In: QUINET, Antonio (org.) **Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001

CÔRTEZ, Camila Alvarenga. **A psicose como escolha de uma posição subjetiva: da “escolha da neurose” em Freud à estrutura e os modos de gozo em Lacan**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010

COUTO, L. F. S.. Quatro modalidades de pesquisa em psicanálise. In: **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na universidade**. Barbacena, Minas Gerais: EdUEMG, 2010, p. 59-80
<http://intranet.uemg.br/comunicacao/arquivos/PubLocal172P20120518120750.pdf>

DAFUNCHIO, N. S.. La estructura psicótica y su posible tratamiento. In: **Confines de la psicosis. Teoría y práctica**. Buenos Aires: Del Bucle, 2008

DAFUNCHIO, N. S.. Introdução. In: **Confines de la psicosis. Teoría y práctica**. Buenos Aires: Del Bucle, 2008

DAFUNCHIO, N. S. De las condiciones lógicas para el arribo al paradigma Joyce. In: **Confines de la psicosis. Teoría y práctica**. Buenos Aires: Del Bucle, 2008

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, abr. 1998 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691998000200013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 nov. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11691998000200013>.

FERRARI, I. F.. Caso Clínico: método do exemplo. In: **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na universidade**. Barbacena, Minas Gerais: EdUEMG, 2010, p.36 - 48. <http://intranet.uemg.br/comunicacao/arquivos/PubLocal172P20120518120750.pdf>

FREUD, Sigmund. *Sobre o mecanismo da paranoia* (1911) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. (1914) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. *Avaliação do inconsciente*. (1915) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. (1912/1913) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol.XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil*. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]). In: Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. I . Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. *Processos primários – o sono e os sonhos* (1886/1899). In: Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. I . Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. *Carta 52* (1886-1899). In: Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. I . Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. *O pequeno Hans* (1909) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. *Artigo metapsicológico, O inconsciente* (1915) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XIV Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1901/1905) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. VII Rio de Janeiro: Imago, 1969

FREUD, Sigmund. *A pulsão e suas vicissitudes* (1915) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1969

FREUD, Sigmund. *Conferência XXVI (1916/1917)* In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XVI Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XI Rio de Janeiro: Imago, 1996

GAMA, da Vanessa C. , BASTOS, A. . A feminação na psicose: empuxo-à-mulher e erotomania. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, vol.22, n.1, p.141 – 156, 2010

GODOY, Marluce. A alucinação. In: QUINET, Antonio (org.) **Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001

GUERRA, Andréa Máris Campos et al. Sujeito e invenção: a topologia borromeana na clínica das psicoses. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, Dec. 2008
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 05 July 2013.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982008000200008>.

GUERRA, Andréa Máris Campos. A psicanálise como método. In: A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise. **Ágora**, v. IV n. 1 jan/jun 2001 85-101
<http://www.scielo.br/pdf/%0D/agora/v4n1/v4n1a06.pdf>.

GUERRA, Andréa Máris Campos. **A psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010

GUERRA, Andréa Máris Campos. **A Estabilização Psicótica na perspectiva Borromeana: criação e suplência**. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, abril de 2007

HOURI, Luciana Figueiras. **O Nome-do-Pai na clínica do delírio generalizado**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Pontifícia – Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012

IGLESIAS, Eny Lima. **Aspectos topológicos do grafo do desejo**. Salvador: Cogito, 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94791996000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 mar. 2013.

JULIEN, Philippe. **Psicose, perversão, neurose**: a leitura de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002

LACAN, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. O estágio do espelho (1949). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957) In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível (1958). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache (1960) In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1958). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1960). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. Posição do inconsciente (1960/64). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. Discurso de Roma (1953) In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LACAN, Jacques. Ato de fundação (1971). In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LACAN, Jacques. Nota sobre a criança (1969) In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LACAN, Jacques. O ato psicanalítico, resumo do seminário de 1967/68. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LACAN, Jacques. Radiofonia (1970). In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LACAN, Jacques. O aturdido (1972). In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LACAN, Jacques. ... ou pior. Relatório do seminário de 1971-72. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953/54)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954/55)** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3: as psicoses (1955/56)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto (1956/57)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957/58)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 6: el deseo y su interpretación (1958/59)**. Inédito

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959/60)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

LACAN, Jacques. **Seminário IX: A identificação (1961/62)** Centro de Estudos Freudianos do Recife – Circulação interna

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia (1962/63)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969/70)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** (1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009

LACAN, Jacques. ...**Ou Pior** (1971/72) . Seminário XIX. inédito

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda** (1972/1973) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

LACAN, Jacques. **R.S.I.** (1974/75). O Seminário, livro XXII. Inédito

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 23: o sintoma** (1975/1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

LACAN, Jacques. **Televisão** – versão brasileira Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Dicionário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1986

LAURENT, Eric. **A sociedade do sintoma: a psicanálise hoje**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007

LEITE, Márcio Peter de Souza. **A Teoria dos Gozos em Lacan**. In: http://www.educacaoonline.pro.br/a_teorias_dos_gozos.asp

LIMA, T. C. S. de.; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>

MALEVAL, Jean-Claude. Foraclusão. In: **Scilicet dos Nomes do Pai**. Textos preparatórios para o Congresso de Roma – 13 a 17 de julho de 2006

MARCOS, C. A pesquisa em psicanálise e a Linha de Pesquisa. Processos Psicossociais do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Psicologia da PUC-Minas. In: **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na universidade**. Barbacena, Minas Gerais: EdUEMG, 2010, p.99 - 111. <http://intranet.uemg.br/comunicacao/arquivos/PubLocal172P20120518120750.pdf>

MAZZUCA, R.; SCHEJTMAN, F.; ZLOTNIK, M. **Las dos clínicas de Lacan: Introducción a la clínica de los nudos**. Editorial Tres Haches, 2000

MAZZUCA, R. Nome-do-Pai: o pai freudiano e o nosso. In: **Scilicet dos Nomes do Pai**. Textos preparatórios para o Congresso de Roma de 13 a 17 de julho de 2006. Escola Brasileira de Psicanálise, p. 108-110.

MENDES, Labibe. G. G. A.. O cartel na Escola, p. 41-45. In: **Um passo... para Escola!** Belo Horizonte: GREP – Ensino e Transmissão em Psicanálise, 2010. Elaborada pela DITTI – Setor de Tratamento da Informação da Biblioteca Universitária da UFMG

MILLER, Jacques-Alain. Conferências caraquenhãs In: MILLER, Jacques-Alain. **Percorso de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

MILLER, Jacques-Alain. Esquizofrenia y paranoia (Bruselas). In: MILLER, Jacques-Alain. **Psicosis y psicoanálisis**. Buenos Aires: Manantial, 1985

MILLER, Jacques-Alain. **Os seis paradigmas do gozo**. Texto extraído de La Cause Freudienne. N. 43, 1999, p.7-29. Estabelecido por Catherine Bonniqeu. Trad. Simone Souto, Yolanda Vilela e Samyra Assad, com revisão de Sérgio Laia.

MILLER, Jacques-Alain. A invenção do delírio (2009). In:{PDF} **A invenção do delírio**1 JA Miller, 2009 - opcaolacanianana.com.br Opção Lacaniana On Line

MILLER, Jacques-Alain. **Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009

MILLER, Jacques-Alain. Goces. In: MILLER, Jacques-Alain. **Los divinos detalles: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller**. Buenos Aires: Paidós, 2010

MILLER, Jacques-Alain. **La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 2003. 416p.

MILLER, Jacques-Alain. Gozar del inconsciente (25 de março de 1987) In: MILLER, Jacques-Alain. **Los signos del goce: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller** – Revisión de la traducción: Nora A. González, SAICF, Defensa 599, Buenos Aires: Paidós, 1988.

MILLER, Jacques-Alain. Los nombres del padre (27 de noviembre de 1991) In: MILLER, Jacques-Alain. **De la naturaleza de los semblantes: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller**. Buenos Aires: Paidós, 2001

MILLER, Jacques-Alain. El seminario inexistente (4 de diciembre de 1991) In: MILLER, Jacques-Alain. **De la naturaleza de los semblantes: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller**. Buenos Aires: Paidós, 2001

MILLER, Jacques-Alain. La verdadera naturaleza del objeto a (22 de enero de 1992) In: MILLER, Jacques-Alain. **De la naturaleza de los semblantes: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller**. Buenos Aires: Paidós, 2001

MILLER, Jacques-Alain. Los nombres del goce (26 de febrero de 1992) In: MILLER, Jacques-Alain. **De la naturaleza de los semblantes: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller**. Buenos Aires: Paidós, 2001

MILLER, Jacques-Alain. Produzir o sujeito? In: MILLER, Jacques-Alain. **Matemas I**; trad. Sérgio Laia; revisão técnica, Angelina Harari. Rio de Janeiro: Zahar, 1996

MILLER, Jacques-Alain. Suplemento topológico a “Uma questão preliminar...” In: MILLER, Jacques-Alain. **Matemas I**; trad. Sérgio Laia; revisão técnica, Angelina Harari. Rio de Janeiro: Zahar, 1996

MILLER, Jacques-Alain. Lacan e psicose In: MILLER, Jacques-Alain. **Matemas I**; trad. Sérgio Laia; revisão técnica, Angelina Harari. Rio de Janeiro: Zahar, 1996

MILLER, Jacques-Alain. Clínica irônica In: : MILLER, Jacques-Alain. **Matemas I**; trad. Sérgio Laia; revisão técnica, Angelina Harari. Rio de Janeiro: Zahar, 1996

MILLER, Jacques-Alain. Equívocos sobre el Otro (11 de marzo de 1998) In: MILLER, Jacques-Alain. **El partenaire-síntoma**. Texto estabelecido por Silvia Elena Tendlarz. Buenos Aires: Paidós, 2008

MILLER, Jacques-Alain. Teoría de las parejas (18 de marzo de 1998) In: MILLER, Jacques-Alain. **El partenaire-síntoma**. Texto estabelecido por Silvia Elena Tendlarz. Buenos Aires: Paidós, 2008

MILLER, Jacques-Alain. United Symptoms (20 de noviembre de 1996) In: MILLER, Jacques-Alain. **El Otro que no existe y sus comités de ética** / con colaboración de Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós, 2006

MILLER, Jacques-Alain. La conversación de los débiles (27 de noviembre de 1996) In: MILLER, Jacques-Alain. **El Otro que no existe y sus comités de ética** / con colaboración de Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós, 2006

MILLER, Jacques-Alain. Las mujeres y el Otro (11 de diciembre de 1996) In: MILLER, Jacques-Alain. **El Otro que no existe y sus comités de ética**/con colaboración de Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós, 2006

MILLER, Jacques-Alain. Lo real y el sentido (18 de diciembre de 1996) In: MILLER, Jacques-Alain. **El Otro que no existe y sus comités de ética**/con colaboración de Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós, 2006

MILLER, Jacques-Alain. Item 1: Abertura da Conversação e Item 11: Precisamente. In: MILLER, Jacques-Alain. **Os Casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: a Conversação de Arcachon**. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1997

MILLER, Jacques-Alain, et al. **La psicosis ordinaria: la Convención de Antibes**. Buenos Aires: Paidós, 2005. 320p.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da *Pesquisa Social*. In: (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 09-30.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. In: MINAYO, M. C. S (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994

NÁPOLI, Lucas. **O que é Nome-do-Pai?** In:
lucsnapoli.com/2012/05/22/o-que-e-nome-do-pai

PINTO, E. B. **A pesquisa qualitativa em psicologia clínica**
<http://www.scielo.br/pdf/%0D/pusp/v15n1-2/a12v1512.pdf>

QUINET, Antonio (org.). **Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001

QUINET, Antonio. **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

QUINET, Antonio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

QUINET, Antonio. **As Estruturas Clínicas no Campo do Gozo**. 2º Seminário 15/04/2000. Promoção: Associação Mineira de Psiquiatria – AMP. Apoio: Residência de Psiquiatria – IPSEMG. Campo Lacaniano – BH. Círculo Psicanalítico de MG. Transcrição feita por Clícia Magalhães, com a autorização do autor.

RABINOVITCH, Solal. **A forclusão: presos do lado de fora**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

RODRIGUES, Gilda Vaz. **Percursos na transmissão da psicanálise**. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa, 2007

SANABIO, Virginia L. Souto Maior. A (não) extração do objeto a na psicose: algumas notas sobre o Homem dos Lobos. **Rev. Estud. Lacan.**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 nov. 2012.

SOLER, Colette. A esquizofrenia (1999). In: QUINET, Antonio (org.) **Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001

SOLER, Colette **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

VALAS, Patrick. **As dimensões do gozo:** do mito da pulsão à deriva do gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001